

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

JOÃO PAULO BARBOSA DE FIGUEIREDO

**O GÊNERO DO DISCURSO CARTA COMO FERRAMENTA
DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

JOÃO PAULO BARBOSA DE FIGUEIREDO

**O GÊNERO DO DISCURSO CARTA COMO FERRAMENTA
DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

SÃO PAULO

2013

Banca Examinadora:

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	01
CAPÍTULO I – DOCUMENTOS OFICIAIS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	07
1.1. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de Língua Portuguesa.....	07
1.2. Por uma nova concepção de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.....	12
1.3. A prática da leitura e da escrita na escola.....	16
CAPÍTULO II – AS ABORDAGENS SOBRE GÊNERO DO DISCURSO	26
2.1. A noção de gênero de discurso em Bakhtin.....	26
2.2. A noção de gênero de discurso em Maingueneau.....	35
2.3. A noção de Gênero de discurso na Nova Retórica.....	42
2.4. O Gênero do Discurso Carta: breve percurso histórico.....	46
2.5. A produção epistolar de Padre Antonio Vieira e a norma padrão culta do português..	52
CAPÍTULO III- GÊNERO DE DISCURSO E METODOLOGIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	61
3.1. Procedimentos Metodológicos.....	61
3.2. Análise.....	63
3.2.1. Análise da Carta de Vieira.....	63
3.2.2. Análise das Cartas produzidas pelos alunos.....	73
3.3. Proposta Metodológica.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	95

AGRADECIMENTOS

Agradeço Àquele cuja essência e magnitude não se pode pensar nada além, Ele, causa primeira que move todas as formas animadas de vida, responsável por inculcar no homem o desejo pelo infinito, pela busca de tantas respostas.

Ao meu caríssimo orientador, Profº Drº Jarbas, que desde a especialização tem-me acompanhado pelas sendas acadêmicas, pessoa que se destaca além da formação intelectual, pelo tratamento acolhedor, compreensível, dispensado a cada um dos que a ele se achega.

À minha querida esposa, Alexandra, pessoa que tendo compreendido, tolerado e respeito minha ausência, soube valorizar e incentivar minha formação no mundo acadêmico. Sobretudo agora que nutre a vida de nossa filha, Manuela, em seu ser.

Aos familiares, de modo particular meus pais, Espedito e Maria, amigos e demais pessoas que participam direta e indiretamente de minha formação humana e intelectual.

Aos ilustres: Profº Drº Ernani Terra e Profª Drª Neusinha, examinadores da banca de qualificação, responsáveis pelos apontamentos e correções sugeridas, no sentido de aprimorar o trabalho empreendido na dissertação.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo que, por meio do Programa Bolsa Mestrado, assistiu-me com auxílio monetário, sem o qual não seria possível realizar o curso.

RESUMO

Nesta dissertação abordamos uma carta escrita por Padre Antonio Vieira, que serve de motivação para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita na escola da rede pública estadual. A abordagem utilizada não se restringe a observar aspectos puramente gramaticais, mas procura examinar as unidades discursivas responsáveis por configurar, com base no interdiscurso, o discurso diplomático, elaborado por um dos maiores oradores do século XVII.

A relevância social e acadêmica do tema escolhido justifica-se em decorrência de Vieira ser um ilustre representante das Letras portuguesas, ter produzido vasta correspondência, além de sua prosa sermonária, o que torna sua obra digna de ser pesquisada ainda hoje, na contemporaneidade. Ademais, dada a riqueza de informações contida em seu epistolário, a linguagem do século XVII constitui fonte exemplar do repertório linguístico dos alunos que tomaram contato com a carta selecionada.

O trabalho com gêneros do discurso tem se tornado cada vez mais presente na rede estadual, contudo a ênfase dada incide sobre o texto, o que, por vezes, pode relegar a segundo plano aspectos importantes da discursividade. Nesse sentido, procuramos analisar nosso *corpus*, constituído por dez cartas escritas pelos alunos e a carta-modelo produzida por Vieira, servindo-nos das contribuições de Bakhtin, um dos primeiros teóricos a abordar a noção de gênero na perspectiva do discurso, e de Maingueneau, pesquisador em Análise do Discurso, cuja produtividade é bastante expressiva, na atualidade.

Para a análise, recorreremos às categorias de gênero de discurso na abordagem de Bakhtin e a de cenas de enunciação, que engloba: cena englobante, cena genérica e cenografia, na perspectiva de Maingueneau. Os aportes teóricos utilizados permitiram-nos revelar que os traços recorrentes do gênero do discurso carta podem ser reconhecidos e utilizados pelos alunos em outras produções. Além disso, a noção de cenografia tornou-se bastante útil para o entendimento das condições de produção dos discursos de Vieira e dos alunos, no que se refere ao gênero analisado. A proposta metodológica para o ensino de Língua Portuguesa pode subsidiar a tarefa de outros professores da rede pública.

Palavras-chave: Gêneros do discurso, leitura e escrita, ensino de Língua Portuguesa

ABSTRACT

In this thesis we address a letter written by Padre Antonio Vieira, which has motivated us to develop good practices of reading and writing in public schools. The proposed approach is not restricted to observe only grammatical aspects, but intend to examine the discursive units responsible for configuring, based on interdiscourse, the diplomatic discourse, written by one of the greatest orators of the seventeenth century.

This theme has a special academic and social relevance due to the honorable representation of Vieira in the Portuguese Letters, who made vast correspondence, besides his sermon prose, which makes his work worthy of being researched today, in contemporary times. Moreover, given the wealth of information contained in his epistler, the language of the seventeenth century is an exemplary source of the linguistic repertoire of the students who came into contact with the selected letter.

Working with speech genres has become increasingly present in state schools. However, its emphasis focuses on the text, which sometimes can relegate to second place important aspects of the discourse. Accordingly, we tried to analyze our *corpus*, composed of ten letters written by the students and the standard letter produced by Vieira, including the contributions of Bakhtin, one of the first theorists to deal with the notion of gender perspective in the discourse, and Maingueneau, a researcher in Discourse Analysis, whose productivity is very expressive nowadays.

To accomplish the analysis, we used the categories of gender discourse in Bakhtin's approach and the scenes of enunciation, which includes: encompassing scene, generic scene and scenography, from the perspective of Maingueneau. The theoretical framework allowed us to reveal that the recurrent features of discourse genre of the letter can be recognized and used by the students in other productions. Furthermore, the notion of scenography has become very useful to understand the conditions of production of the discourses of Vieira and his students, with regard to gender analysis. The proposed methodology for the teaching of portuguese language can support the task of other public school teachers.

Keywords: Genres of speech, reading and writing, teaching of portuguese language.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A produção desta dissertação constitui uma evolução importante na formação, já empreendida na especialização. O tema abordado versa acerca do gênero do discurso carta, elaborado na esteira do século XVII. Com base nessa temática, pretendemos responder às questões: em que medida uma epístola escrita com uma linguagem de cerca de quatro séculos atrás, constitui-se como base para a produção de cartas escritas por alunos da rede pública? Por que estudar os gêneros do discurso e aplicá-los no cotidiano escolar, pode vir a ser uma importante ferramenta didático-pedagógica? Temos por objetivos a serem contemplados, além de estimular a prática de leitura e escrita no ambiente escolar, refletir a respeito da linguagem, as condições de produção, os cenários nos quais é elaborada a carta de do Padre Antonio Vieira e dar relevo a documentos constitutivos de nossa história. Para atingirmos os objetivos, a fundamentação teórica é formada por dois autores que abordam os gêneros do discurso: Bakhtin e Maingueneau. Do aporte teórico produzido por esses autores selecionaremos as categorias de análise, ou seja, de Bakhtin consideraremos a estrutura composicional, o estilo e o tema, já de Maingueneau, a cenografia. O corpus no qual é aplicado as categorias corresponde tanto à carta do Padre Antonio Vieira, quanto às cartas escritas pelos discentes.

Tanto na especialização quanto no mestrado utilizamos como aporte teórico-metodológico as contribuições da Análise do Discurso, doravante AD, de linha francesa, com base no enfoque dado, bem como as pesquisas realizadas por Maingueneau. A razão por que preferimos a vertente em questão deve-se ao fato de seus estudos contemplarem não apenas uma área do saber humano, mas permitirem-nos fazer uma intersecção de modo a chegarmos a leituras e análises mais abrangentes e, portanto, mais densas.

Desde o surgimento da Linguística como ciência, século XIX, a língua, antes abordada de uma perspectiva da Gramática, da Filologia e da Gramática Comparada, já não é mais estudada como faziam os gregos e romanos. Isso significa que as teorias que a têm por objeto, ou pelo menos atribuem maior valor a ela, não podem mais compreendê-la como manifestação gráfica ou oral do pensamento. Não estamos mais imersos em verdades imutáveis a que poucos têm acesso e podem fazer algo para desmistificá-las. A conjuntura contemporânea apresenta cenários justamente opostos, ou seja, as verdades podem ser

desconstruídas em pouquíssimo tempo após terem sido criadas, inúmeras vezes podem influir na construção de regras, comportamentos e abordagens. Por isso, a AD mostra-se como uma vertente que, em decorrência de ser pluridisciplinar, funciona como uma lupa, cuja lente alcança detalhes, por vezes recônditos, facilmente esquecidos ou não considerados por linhas teóricas mais tradicionais e reducionistas.

Tendo, pois, a língua mudado, em virtude do uso pelos homens feito, nas diversas relações e contextos do cotidiano, a escola também precisou estudar e considerar as mudanças de paradigmas. Já não é mais acessível apenas à elite ou grupos detentores do poder, conforme fora desde às bases, quando surgiu o império sumério, no qual era utilizada como ferramenta de dominação. Depois de políticas implantadas com um sistema de abertura para todos, do mais simples ao mais abastado, a instituição de ensino está ao alcance de todos e a todos deve servir, visando à inserção do indivíduo no universo cultural de um povo, além de permitir que ele trafegue em quaisquer esferas de circulação social, cuja forma de interação seja mediada via língua.

Uma vez que as formas de interação e comunicação mudaram, novos gêneros do discurso emergiram, tornando os sentidos, construídos ao longo da existência humana, mais globalizados. Se, para construir impérios e civilizações, é necessário homem e engenhosidade, de igual forma para mantê-los e sustentá-los fazem-se necessárias ferramentas discursivas que ordenem sociedades, culturas e universos de características humanas. Chamamos gêneros do discurso as ferramentas sócio-discursivo-interativas criadas e desenvolvidas pela espécie humana no curso do tempo. Em especial, uma que esteve na base de tantas outras surgidas das necessidades de crescimento e desenvolvimento, é a carta.

As epístolas ajudaram a organizar as primeiras comunidades cristãs sob a orientação de Paulo de Tarso e daqueles pequenos grupos surgiu uma das maiores culturas, de bases religiosas, que o mundo contemporâneo conhece, o Cristianismo. Não havia armas sofisticadas, mentes brilhantes com conceitos filosóficos que cativassem gregos, judeus e os próprios romanos, apenas uma porção, sem tanta expressão, no universo social, político, econômico e religioso da época, uma fé monoteísta e fidedigna aos princípios ensinados por um mestre, filho de Deus feito

homem. A ferramenta discursiva utilizada pelos líderes dessas pequenas comunidades foi a carta.

Mas não foram apenas os cristãos primitivos os únicos usuários do gênero epistolar, outras sociedades precedentes também produziram exemplares de considerável valor, seja pelo teor ou pelo estilo daquele que escreveu. Os egípcios tinham o hábito de enviar cartas aos mortos, depositando-as junto aos restos mortais do ente querido como forma de obter intercessão por algum suplício que os vivos sofriam. Nesse caso, devemos conceber a escrita como um bem pertencente exclusivamente aos membros da alta cúpula egípcia.

Das cortes imperiais para os mercadores, oficiais militares, membros de grandes centros políticos, missões de embaixadas e, no século que atravessamos, para as pessoas vizinhas, amigas, apaixonadas, dentre outros usos, as cartas sobrevivem, respeitando as diversas transformações tecnológicas pelas quais têm passado a humanidade. De toda diversidade possível a fim de se realizar um estudo acerca do uso do gênero, pareceu-nos relevante conferir exclusividade a um grande orador e escritor de discursos – cartas, sermões, tratados, relações, pregações a renomadas autoridades, defesa em processos realizados pela própria Igreja – da língua portuguesa, trata-se do Padre Antonio Vieira, um dos maiores representantes do Barroco de que podemos nos orgulhar. O referido autor deixou uma coleção mui preciosa de cartas dirigidas a diversas pessoas relacionadas, direta ou indiretamente, com a corte portuguesa, de modo que, dentre as muitas possíveis de se realizar a análise, escolhemos a que fora endereçada ao Dr. Antonio Moniz de Carvalho, um dos membros, incluindo o próprio Vieira, integrante da Missão de Haia.

Entre as mais de setecentas e cinquenta cartas, essa nos chamou atenção por alguns motivos: por ser pouco extensa, torna-se mais fácil o trabalho em sala de aula com os alunos; faz parte de uma missão diplomática circunscrita a um período importante da história portuguesa, mas também relacionada ao Brasil; pode ser útil, como fonte de discussão em outras disciplinas, em razão da temática e é uma fonte para se ampliar o repertório linguístico do leitor, que facilitará a leitura de outros discursos, cujo grau de formalidade seja acentuado.

À vista dos que se comprazem com os gêneros utilizados com base nos suportes tecnológicos do nosso século, analisar uma composição do século XVII pode parecer algo ultrapassado e, portanto, infrutífero para se trazer à sala de aula e

realizar ali um bom trabalho. Diante desse pensamento, acreditamos que pouco importa a idade histórica do objeto analisado, pois tem mais valor a leitura pormenorizada das riquezas contidas e subjacentes naquele documento, aliás, isto é até desafio ao educador pois lhe exigirá um trabalho de investigação, de criatividade em transportar sentidos há muito produzidos para o tempo em transcurso. Ademais, o estudo dos gêneros do discurso é uma atividade preconizada pelos órgãos que regem a educação no Brasil e no Estado de São Paulo.

A fim de realizar uma análise consistente, capaz de promover ações pedagógicas satisfatórias frente aos desafios da educação, selecionamos uma bibliografia composta por: Mikhail Mikhailovich Bakhtin, dele deriva grande parte de tudo que se pesquisou a respeito de gênero do discurso, talvez porque seu pensamento estivesse mais à frente daquilo que na época se projetava como teoria, ou porque não se prendesse à nomenclatura linguística, mas concebesse a língua como bem comum, responsável por humanizar o homem, tornando-o centro da vida em sociedade.

Da produção bakhtiniana, os gêneros podem ser definidos de acordo com três elementos intrínsecos: o estilo empregado pelo enunciador, a temática envolvida na configuração dos enunciados e a estrutura composicional, cuja forma aponta para aspectos materiais e sensoriais. Após estudada e associada a outros veios teóricos passou a ser utilizada largamente em trabalhos e outros estudos das academias brasileiras e, sobremaneira, inserida em materiais, de forma diluída, produzidos e distribuídos pelas instituições de ensino, a fim de que o trabalho com gêneros do discurso fosse uma realidade mais visível e diferencial nos currículos da educação.

O traço preponderante desenvolvido por Bakhtin é o fato de a língua ser organizada por meio de enunciados; desse modo, não é objetivo do autor pensá-la sob a perspectiva gramatical (as orações organizadas segundo as leis da sintaxe), mas discursivamente, ou seja, há intenções definidas, sentidos filiados a domínios que compõem os mais variados grupos sociais.

Além de Bakhtin, destacamos as contribuições de Maingueneau, pesquisador ativo no cenário das teorias produzidas em nossos dias, graças às suas contribuições, pudemos extrair categorias de análise, especialmente no tocante aos conceitos de cenas enunciativas. Apesar de já muito discutido e contemplado em diversos materiais, desde dissertações, teses, artigos e outras produções didáticas,

o conceito de discurso é uma ideia permanente nos trabalhos de Maingueneau. Conceber o discurso, e não apenas um emaranhado de orações devidamente coerentes e coesas, é uma atitude essencial para quem deseja abordar e trabalhar com leitura e escrita de textos.

De Maingueneau, as noções de cenas discursivas pareceu-nos de grande valia para nossa pesquisa, porque torna a leitura de um gênero mais abrangente e contribui, conseqüentemente, para a escrita do mesmo gênero ou de outros. Trata-se de interpretar os discursos a partir de alguns ângulos privilegiados. Ao fazê-lo estará se desenvolvendo uma postura multidisciplinar.

Faz parte da organização desta dissertação as diretrizes que constituem os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN. Neste conjunto de reflexões o trabalho com gêneros do discurso deve ser uma prática capaz de levar o discente à compreensão da sociedade na qual está inserido, já que é uma das forças nela presente que a vivifica e significa passa pelo entendimento e produção de gêneros. Também foi de grande relevância o material compilado nos cadernos dos alunos disponibilizado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Nele há o *modus operandi* que facilita e traz construtos teóricos já assimilados a fim de se aplicar mais eficazmente os conteúdos estipulados para cada série.

Assim posto, fica disposta nesta configuração nossa dissertação:

- O capítulo I, concernente à fundamentação teórica, tematiza Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de língua portuguesa. Em que medida as diretrizes que regem o ensino de língua portuguesa no Brasil e também no Estado de São Paulo, por meio do seu currículo estabelecido, concorrem para o ensino de gêneros, no sentido de desenvolver no público atendido competências e habilidades leituras e escritoras.
- O capítulo II, referente à teoria utilizada, trata das abordagens acerca de gênero do discurso. Nesse capítulo, recuperamos as contribuições de Bakhtin e Maingueneau, com base nas quais comporemos as categorias de análise aplicadas ao gênero epistolar produzido no século XVII.

- O capítulo III consiste na análise de uma das cartas do epistolário vieiriano escrita no ano de 1641, por ocasião de uma missão diplomática, enviada à corte holandesa. Além da análise, é nosso objetivo verificar em que medida os discentes conseguem, após leitura e discussão do contexto de produção, escreverem uma carta, servindo-se da linguagem contemporânea, com os mesmos traços recorrentes do gênero em questão. Assim feito, concluímos nosso trabalho com uma proposta metodológica para o ensino do gênero do discurso carta.

CAPÍTULO I

DOCUMENTOS OFICIAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 – Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino de Língua Portuguesa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes referenciais para os professores de todas as disciplinas curriculares. Por meio deles os docentes podem elaborar as propostas didáticas, visando a um ensino mais unificado e condizente com as necessidades de inserção dos educando no mundo social.

“As diretrizes têm como referência a perspectiva de criar uma escola média com identidade, que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo.” (BRASIL, 2000:4). Pelos objetivos delineados nos PCN, pode-se conceber sua definição. Com efeito, os Parâmetros, segundo o próprio nome inspira, correspondem a um conjunto de determinações responsável por subsidiar conteúdos de caráter elementar, bem como essencial, a fim de se conquistar um modelo tipicamente nacional. Com base no conceito e no objetivo, pode-se inferir que o ensino de língua portuguesa, anterior ao documento, em decorrência de não seguir eixos específicos para cada um dos conteúdos ministrados, poderia ser instrumentalizado e aplicado conforme fosse conveniente.

O ponto de partida do qual se orientam os PCN é o trabalho com e a partir da linguagem. Não sem razão, já que toda expressão do saber acumulado na história da humanidade se exprime pela linguagem, organizada por meio das codificações. Nesse sentido, a linguagem está para aquilo que os gregos conheciam como *logos* (λόγος) e os romanos como *ratio* (razão) – ambas as palavras derivam de verbos: *legein* e *reor*, cujas significações são compreendidas como: contar, reunir, juntar, calcular, medir, separar – característica apenas cultivada pelo gênero humano e que ao mesmo tempo serve-lhe de marca inerente e distintiva. Toda atividade, inclusive as mencionadas nos verbos anteriores, requer a ação do pensamento, o *animus* capaz de pôr a alma humana em movimento. Em um de seus célebres discursos da prosa sermonária, Vieira afirma que a boca da alma é a memória, pois assim como a boca é o princípio da deglutição no corpo, de igual forma o é a memória para a alma. Ou seja, quando a escola propicia o contado, domínio e uso das diversas linguagens, na verdade está trazendo o homem de sua condição animal para a

condição humana.

Alguns conceitos de linguagem, constantes no documento, são importantes porque norteiam e legitimam o ensino de gêneros do discurso. Desse modo, refleti-los é condição *sine qua non* para aquilo a que nos propusemos. No primeiro deles assim está expresso:

A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (BRASIL, 2000:5)

O próprio ato de significar, como é dito, supõe alguma ação cognitiva, e em virtude de a manutenção da vida ter sido garantida graças à interação nos grupos sociais, aquilo que é feito, produzido, torna-se manifesto na linguagem e capaz de ser compreensível. O homem viu que era bom alojar-se em regiões próximas de rios, porque desse modo poderia plantar, colher, comer e crescer. Então, saiu de um comportamento de vida nômade, propensa a todo tipo de intempérie e risco, para um estilo de vida sedentária, fixo. Em todas as experiências significativas realizadas pelo homem, desde a manipulação do fogo até hoje, subjaz o ato de interpretar. A espécie humana encontra sua razão de ser neste dialogismo: significa para se fazer compreender.

Em outro conceito de linguagem, depara-se com esta construção:

A linguagem é uma herança social, uma “realidade primeira”, que, uma vez assimilada, envolve os indivíduos e faz com que as estruturas mentais, emocionais e perceptivas sejam reguladas pelo seu simbolismo. (BRASIL, 2000:5)

Se pensarmos “realidade primeira” como um aspecto congênito, intrínseco ao homem, um sinal distintivo entre os demais seres animados com vida, poderíamos pensar por que alguns possuem capacidades linguísticas mais apuradas e outros não, por qual razão há aqueles que influenciam, ou até mesmo criam mecanismos de domínio sobre o outro e outros tantos que seguem as regras sem questioná-las e transformá-las. Ora, o caso é que, muito embora todos tenhamos o germe da

capacidade linguística dentro de nós, só o temos em potência (para usar uma das provas da existência de Deus elaboradas por Santo Tomás de Aquino), torná-las em ato irá depender dos envolvimento sociais que vamos construindo ao longo da vida. Disso deriva a função das instituições de ensino, os professores e toda rede de formação que nos circunda. À medida que se põem as riquezas construídas na e pela linguagem a serviço do bem comum, aqueles que são inseridos na história podem, se assim entenderem, passar de coadjuvantes a protagonistas, podem equacionar as relações de poder e reparar os abismos de desigualdades sociais provocados por quem usa as ferramentas de maneira unilateral.

No último recorte definidor de linguagem, lê-se:

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda inventada, que movimenta o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção cultural, nascida por força das práticas sociais, a linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo. (BRASIL, 2000:5)

Essa concepção assemelha-se e emparelha-se em grande parte com princípios encontrados na Filosofia, área do saber que ainda hoje se debruça sobre questões de linguagem. Mas o ponto de destaque a ser salientado é o caráter social da linguagem, ou seja, só se pode pensar em vida em sociedade com base no uso e desenvolvimento da linguagem, de outro modo a passagem do homem pela Terra não passaria de um arremedo de existência. Por isso, ter acesso a ambientes sociais mais diversificados, requer um trabalho com gêneros do discurso, uma vez que eles revelam o funcionamento e o modo como uma sociedade se desenvolve, se refaz, se transforma e persiste no tempo.

Antes de abordar as propostas assinaladas no documento, a fim de fomentar as competências desejadas, convém destacar uma justificativa da necessidade de se promover no contexto escolar contínua reflexão a respeito da linguagem. Ela está expressa nestes termos:

No mundo contemporâneo, marcado pelo apelo informativo imediato, a reflexão sobre as linguagens e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos, e sobre os processos e procedimentos comunicativos é mais do que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada. (BRASIL, 2000:6)

Considerados os conceitos de linguagem adotados no documento, passaremos a abordar as competências objetivadas referentes à linguagem e, em seguida, destacaremos as relacionadas ao ensino de língua portuguesa.

Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação. (BRASIL, 2000:6)

Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção. (BRASIL, 2000:8)

Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação. (BRASIL, 2000:9)

Utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores; e saber colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção. (BRASIL, 2000: 10)

Há outras competências sugeridas no documento, porém os recortes anteriores são suficientes para fins de reflexão acerca daquilo que se mostra como ações a serem contempladas no ambiente da educação. O ensino dos gêneros do discurso afigura-se como uma promissora possibilidade de contemplar os

apontamentos assinalados no documento, porque se trata de composições inscritas na história por enunciadores representantes dos diversos campos discursivos. Os gêneros materialmente organizados e configurados com base nas modalidades orais ou escritas, estão presentes em toda história do homem, independente da língua utilizada. Estudá-los e analisá-los é uma forma de compreender a sociedade na qual o homem se desenvolve, reproduzir os gêneros na escola é, de certo modo, dar condições para que os alunos atuem nos mais variados campos. No entanto, não podemos ser incautos em achar que todos os problemas e desafios podem ser resolvidos com base no ensino de gêneros, ou tampouco pensar ser este o único caminho para se atingir as propostas contidas no PCN.

Ao selecionarmos uma carta do século XVII para ser estudada em sala de aula temos a possibilidade abordar inúmeros conteúdos próprios da grade curricular da 1ª série do ensino médio, em uma unidade escolar da Rede Estadual de educação. Se o intuito é tratar dos pronomes de tratamento e os efeitos de sentido provocados por eles, do texto epistolar pode-se extrair o desejado, caso seja repertório lexical para se tratar das regras ortográficas vigentes, igualmente pode-se servir da carta, enfim a ideia é partir de algo socialmente partilhado, real e não meramente um simulacro, para refletir a língua, sua organização e função.

Sabemos, recorrendo às contribuições da Historiografia Linguística, que o ensino de língua portuguesa nos séculos subsequentes ao XV, tendo por base uma gramática normativa e regras ortográficas válidas para a época, era destinado apenas a pessoas pertencentes à nobreza ou ao clero. Além disso, a língua era concebida apenas como o ato de bem falar e escrever, calcada em bases puramente gramaticais, quase sempre atrelada aos destaques mais notáveis da literatura. Mesmo com o advento da linguística, no século XX, os materiais didáticos disponíveis conservavam rígido tradicionalismo. Portanto, lidar com os gêneros do discurso constitui uma via pela qual é possível refletir as mais variadas formas de linguagens criadas pelo homem, a língua e seu funcionamento na sociedade, e a inserção dos estudantes nos diversos campos de atuação, como forma de socializar direitos, antes restritos a uns poucos privilegiados.

No caso da disciplina de Língua Portuguesa em específico, no documento constam os apontamentos a serem estimulados de modo a se garantir o desenvolvimento de competências. Podem ser assim lidos:

Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social. (BRASIL, 2000:20)

Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas). (BRASIL, 2000:20)

Percebemos, nos dizeres acima, um conteúdo de cunho sociointeracionista. Isso porque uma sociedade preocupada com desenvolvimento e crescimento dos campos que a constitui, forma-se inicialmente nas salas de aula, ou seja, na escola há de ser fornecida toda preparação possível a fim de que haja bons médicos, motoristas, advogados, engenheiros, cientistas, políticos, professores etc. Por isso, salientamos ser relevante adotar os gêneros do discurso enquanto conteúdo do qual não se pode prescindir. Pelo fato de a escola ser vista como instituição incumbida de preparar os alunos, visando a comportamentos cada vez mais cidadãos, mostra-se coerente contemplar, com base nos conteúdos nela ministrados, as ferramentas que dão forma e, ao mesmo tempo, a constroem: os gêneros do discurso nela circulantes.

1.2 – Por uma nova concepção de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa

Atenta às mudanças e comprometida com ações concretas capazes de transformar o cenário pelo qual atravessava o sistema de ensino, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo elaborou um currículo único de forma a satisfazer as orientações preconizadas nos PCN e garantir um modelo de ensino de Língua Portuguesa aberto a todos, não mais calcado apenas nos fundamentos da gramática, da retórica e da poética, mas voltado para o estudo da língua com base em duas perspectivas: a língua como objeto e meio para o conhecimento.

Esse documento foi organizado com base em experiências, bem como em

ações pedagógicas anteriores, cujo resultado foi, ao longo do tempo, mostrando-se satisfatório em relação aos problemas gerados pela alta demanda e fluxo de alunos atendidos na rede. Deve-se conceber que toda instituição, desejosa por atender a todos sem distinção, certamente terá obstáculos a vencer, seja por conta da heterogeneidade do público atendido, ou em razão da grande variedade de formação pela qual tem passado o corpo docente. Aliás, esse também é um fator polêmico, pois a formação do corpo docente nem sempre decorre de instituições com certo prestígio, porque há um número incontável de faculdades, cuja pretensão maior não é a excelência na formação, mas sim o lucro, processo perfeitamente coerente com o sistema capitalista em funcionamento adotado pela sociedade contemporânea.

Na apresentação do currículo, encontra-se assim expressa a finalidade para a qual foi criado:

Este documento apresenta os princípios orientadores do currículo para a escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo. Contempla algumas das principais características da sociedade do conhecimento e das pressões que a contemporaneidade exerce sobre os cidadãos, propondo princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as escolas possam preparar seus alunos para esse novo tempo. Ao priorizar a competência de leitura e escrita, o Currículo define a escola como espaço de cultura e articulação de competências e de conteúdos disciplinares. (SÃO PAULO, 2010:7)

Consoante e afinado com os dizeres já tratados nos PCN, o currículo preparado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo deseja oferecer condições reais, a fim de que os alunos de língua portuguesa desenvolvam competências e habilidades de leitura e escrita de modo a aplicá-las socialmente, no mundo trabalho, da cultura e da vida como um todo.

A globalização alcançada no século XXI é garantida por alguns meios, entretanto, aquele para o qual mais o homem produz inventos tecnológicos é indubitavelmente a comunicação. Trata-se de sistemas sofisticados que não se

restringem apenas ao espaço terrestre – as embarcações que transportam pessoas ou produtos, as estações espaciais, expedições em outros planetas – mas vão além. Não obstante, ao mesmo tempo que a globalização une, transpõe distâncias, pode gerar um grande mal, ou seja, a exclusão. Não mais aquela geográfica, mas sim social. Algo tão contrário à própria natureza do homem: a interação, a vida em comunidade (comum unidade).

E não apenas no campo das comunicações ocorre exclusão social, na medicina, no transporte e em tudo o que signifique o desenvolvimento da sociedade. De modo que o princípio gerador desse mal social começa com a falta de acesso ao conhecimento, desde o mais elementar até o mais denso e elaborado. A escola é o princípio, a porta que permite cada ser trafegar pelas mais variadas esferas de prestígio, de desenvolvimento e cultura. Por isso, sociedades que perceberam a importância e a necessidade de se investir mais nesse segmento da vida, hoje figuram entre as de primeiro mundo, entre aquelas que determinam o destino das demais.

Em se tratando do Brasil, nossa herança colonial parece ter deixado prejuízos ainda não quitados pelas gerações subsequentes. Apesar de sabermos e constatarmos que a escola dos nossos dias é de e para todos, nem sempre é disponibilizado ensino de qualidade, cujo produto seja um profissional esmerado na área em que atue. E se não se formam profissionais gabaritados, da escola, pelo menos da maior parte dela segundo pesquisas, apontamentos e notícias do cotidiano, não se pode dizer que saem para o mundo cidadãos conscientes, homens e mulheres bem formados. Talvez essa seja a maior e a mais vergonhosa forma de exclusão, pois se no passado remoto era claro que apenas determinadas pessoas podiam ascender ao poder por meio da educação, hoje, muito embora todos, sem distinção, tenham acesso a ela, apenas uma pequena minoria consegue ascender para outras esferas de estratificação social.

Manter uma cenário configurado dessa forma, para alguns poucos, pode ser a maneira mais eficaz de se permanecer no poder e massificar veladamente aqueles que não alcançam o conhecimento e dele poderiam se nutrir para refletir e mudar realidades desiguais nas quais encontram-se reduzidos. Por compreender tal realidade e desejar mudá-la, uma vez que isso lhe é imputável, a Secretaria da Educação torna expresso em seu currículo:

Para que a democratização do acesso à educação tenha função inclusiva, não é suficiente universalizar a escola: é indispensável universalizar a relevância da aprendizagem. Criamos uma civilização que reduz distâncias, tem instrumentos capazes de aproximar pessoas ou distanciá-las, aumenta o acesso à informação e ao conhecimento, mas, em contrapartida, acentua consideravelmente diferenças culturais, sociais e econômicas. Apenas uma educação de qualidade para todos pode evitar que essas diferenças se constituam em mais um fator de exclusão. (SÃO PAULO, 2010:9)

Com efeito, há muitos abismos a transpor para se chegar a patamares razoáveis, porém não se pode deixar de ressaltar ações empreendidas até então, das quais o próprio currículo significa um grande avanço, pois condensa em si os principais eixos norteadores de profundas transformações. E, por mencionar o termo transformação, ao que parece, essa tem sido a marca que melhor define o mundo como um todo. Em momentos outros da história da humanidade, o homem sentia-se profundamente inquieto com as incertezas do porvir e, era difícil abandonar modelos construídos tão arduamente por hipóteses, ou possibilidades pouco seguras. Assim, sair do estilo de vida e pensar medieval, marcado por verdades sólidas, esculpidas nas fileiras do Cristianismo, não foi tão fácil como hoje estamos acostumados a admitir.

Essas reflexões acerca das mudanças do pensar, ser e agir no mundo, desde o momento em que o homem serve-se das linguagens para moldar, registrar e significar sua própria história, sempre estiveram presentes nos gêneros do discurso. Razão porque, deve-se insistir, o ensino com base nos gêneros é uma metodologia não excludente, mas sim pluridisciplinar e pelo fato de eles serem usados desde quando o homem manifestava-se a seu próximo, são capazes de operar mudanças.

Pensar em uma nova concepção do ensino de língua portuguesa requer novos olhares em relação a alguns conceitos presentes na e fora da realidade escolar. Um deles é o discurso/texto. No currículo está assim definido: “Totalidade semiótica de sentido constituída por uma combinação de linguagens e operações aplicadas ao fluxo de uma produção semiótica concreta”. (SÃO PAULO 2010, 32). Seguramente, nos materiais da década de 1990, por exemplo, o entendimento seria

diferente, pois novos aportes teóricos que estudam o texto surgiram e trouxeram novas contribuições para compreendê-lo e aplicá-lo. O mesmo se pode dizer a respeito de enunciação, confundido com oração e discurso. Ainda segundo o currículo de São Paulo (2010:32), enunciação e discurso podem ser assim definidos:

(Enunciação) *Ato ou acontecimento pelo qual um indivíduo empírico, por meio de trabalho físico e mental, produz um enunciado que será recebido, em processo interativo e social, por outro indivíduo. Esse acontecimento instaura um “eu” que, dentro do enunciado, assume a responsabilidade do ato de linguagem e um “você” constituído pelo “eu” (enunciador) do texto.*

(Discurso) *Produto de uma enunciação composto de todos os elementos que concorrem ao processo de significação, superando a somatória das partes. O discurso esquematiza as experiências a fim de torná-las significantes e compartilháveis.*

Entrar em contato com as teorias que se debruçam sobre as questões linguísticas pode ser feito por algumas vias, a pesquisa e o acesso ao mundo acadêmico é uma delas. Além disso, a leitura contínua de material publicado, participação em eventos e congressos são possibilidades pelas quais o docente pode ter papel preponderante no ensino de língua. Há, todavia, fatores extrínsecos à ação do professor para se alcançarem patamares desejáveis de educação. O docente é apenas uma parte de um sistema maior, muitas outras ações concernentes ao mundo político, econômico, social e cultural mereceriam reformas a fim de que o organismo, como um todo, funcione bem.

1.3 – A prática da leitura e da escrita na escola

Pelo já refletido, a espécie humana tem nas linguagens um diferencial entre as demais. Emprestando da filosofia o conceito¹, a capacidade de se comunicar, ao mesmo tempo que cria, transforma e explica o mundo, é uma espécie de alma inteligente, dotada de potencialidade racional que as outras formas de vida

¹ Trata-se do conceito de alma postulado por Aristóteles: “...logo, a alma é necessariamente entidade, enquanto forma específica de um corpo natural que em potência tem vida. Portanto, a entidade é entelequia, logo a alma é entelequia de tal corpo (*De anima* 412, 10-20)

conhecidas não possuem. Nesse sentido, o modo pelo qual o homem insere o outro na história, conferindo-lhe identidade, um lugar social para ser, agir, pensar e viver, é partilhado pelo uso da linguagem verbal, tanto na modalidade oral quanto na escrita. Quando um casal deseja introduzir uma criança, desde muito cedo na vida religiosa de segmento cristão, logo procura batizar a criança, a fim de que haja uma rede de formação discursiva, manifesta nos ritos, cuja função é tornar este universo compreensível e aprazível em todas as particularidades que o constitui. Ora, assim também sucede no processo de inserção do ser na vida em sociedade, ou seja, o ensino da língua materna é o princípio, o momento em que a condição animal é animada por uma alma inteligente, a partir de então pode-se dizer que mais um cidadão nasceu.

Antes de entrar no ambiente escolar, as crianças já possuem a capacidade de uso oral da língua e, conforme as condições sociais e financeiras da família, já estiveram expostas a uma gama considerável de gêneros do discurso, sobretudo hoje, tempo no qual os artefatos tecnológicos funcionam como entretenimento e até como meio de educação, em lares em que os pais ficam ausentes maior parte do tempo em vista do trabalho. Desde pequenas, acostumam-se à rapidez com que ocorrem as mudanças e isso reverbera nas práticas de leitura, bem como na escrita.

Considerando, então, que leitura é uma atividade antecedente à escrita, que perpassa todas as formas de interação entre indivíduos no meio social, convém atribuímos uma definição para este ato. Na concepção de Rojo (2004:3-4), pode ser lido assim o entendimento de leitura:

*Mais recentemente, a leitura é vista como um ato de se colocar em relação um **discurso** (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de **réplica** gerando novos discursos/textos. O discurso/texto é visto como conjunto de sentidos e apreciações de valor das pessoas e coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles – finalidades da leitura e da produção do texto, esfera social de comunicação em que o ato da leitura se dá. (grifo da autora)*

Como se pode notar, a definição elaborada pela autora não está presa ao ato

de decodificar palavras e reconhecer fonemas, mas abarca um conjunto de conhecimentos desenvolvidos ao longo do crescimento da criança. Como a vida já está em curso, os sentidos construídos e partilhados socialmente, ao longo da história, podem ser adquiridos por aqueles que vão se pondo no transcorrer dos inúmeros caminhos do cotidiano. Por isso é certo que a leitura antecipa-se àquela oferecida na escola e também em relação ao ato de escrever. Não obstante, é igualmente certo a necessidade de algumas competências para que essa leitura de mundo, dos contextos nos quais se está inserido, concorra para melhores interações. Conforme afirma Rojo (2004:02): *“Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, práticas, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura...”*.

Nessa perspectiva, nossos alunos, já são, antes da escola, produtores e leitores de discursos. O grande problema ocorre quando o conteúdo disposto na escola, para ampliar o repertório de discursos do aluno, não faz sentido para quem se forma. Então, é no modo de desenvolvimento de competências leitoras pretendidas pela escola, que aparecem os entraves, os desencontros entre discentes e docentes.

Outra definição relevante para o conceito de leitura é aquela proposta por Antunes (2003:70) quando diz: *“A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”*. A autora, objetivando tratar desse conceito, aborda três pontos nos quais a prática de leitura se desdobra: a ampliação dos repertórios do leitor, a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler e a compreensão do que é típico da escrita. Apesar de os três serem pertinentes, ressaltamos as reflexões feitas em dois deles. Quanto ao primeiro, diz Antunes (2003:70):

Na verdade, por ela o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, das coisas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

O pensamento da autora possui uma certa ligação com aquele proposto por Maingueneau (2004), ao abordar a configuração da cenografia inerente aos discursos. O fato de os leitores acumularem, mesmo antes da escola, os diversos

discursos a que são expostos, significa assimilar as cenas neles envolvidas. Assim, o usuário da língua nota o contexto recorrente, os traços dos gêneros como designou Bakhtin (2006), e com base na repetição-reprodução das mesmas características, produzirá outros discursos. Portanto, ler mais significa reconhecer novas cenas e incorporá-las de modo a tornar vasto o repertório já existente em cada membro das comunidades linguísticas.

No segundo ponto, Antunes (2003: 71) afirma:

Para admirar. Para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior. Apenas sentindo e, muitas vezes, dizendo: “Que coisa bonita!”.

As leituras nos proporcionam vislumbrar e apreciar o *belo* desenhado em palavras, sobretudo quando o enunciador tem a preocupação de bem tecer as imagens, os símbolos, os conceitos presentes nos discursos. Em Vieira, cuja marca era reconhecida pela engenhosidade no ato de escrever e proferir discursos, o leitor pode encontrar uma rica variedade de todas as belezas apontadas no recorte feito acima. Tanto pode conhecer algumas das infinitas particularidades de Deus, quanto pode conceber as lutas de negros, índios e outros grupos por equidade, justiça e outras carências em um Brasil recém-descoberto, além de outras partes do mundo por onde passou.

Suscitar práticas leitoras não é tarefa tão simples quanto parece e também não se reduz a disponibilizar o conteúdo para o aluno na esperança de que ele compreenda os sentidos ali encobertos. Talvez, em decorrência de certa desenvoltura já desenhada nos alunos e por que a instituição de ensino não deveria dispensar tempo ministrando algo já desenvolvido, se dê pouco atenção ou privilegie-se de menos todo conteúdo reservado à leitura. Ao se pretender o ensino de leitura, não se busca, por certo, memorizar as histórias, os contos, os poemas e demais gêneros tratados na escola, mas fazê-los perceber como tal competência funciona nas comunidades linguísticas de que eles participam ou participarão. No entanto, estimular a reflexão sobre o funcionamento da língua, de modo algum restringe-se apenas à decodificação de algum texto, mesmo aqueles pouco usuais no cotidiano do aluno. Quando elegemos um gênero do discurso para ser explorado,

carecemos explicar as circunstâncias de produção, o próprio gênero utilizado, o propósito ou intenção comunicativa das pessoas envolvidas, além dos papéis sociais que desempenham. As leituras feitas desta perspectiva metodológica, vão além da superficialidade dos enunciados constitutivos do texto, pois fazem emergir o discurso ali subjacente.

Objetivando oferecer ao docente conteúdos que possam nortear um trabalho com leituras de gêneros do discurso, a Secretaria de Educação de São Paulo desde 2008, a partir de a implantação do currículo, tem disponibilizado o caderno do aluno. Trata-se de uma apostila de aplicação dos conteúdos já devidamente previstos no currículo. Nela, além de diversos gêneros do discurso, há propostas de atividades, exercícios, pequenos projetos a serem desenvolvidos. A organização de cada uma dessas apostilas, para todos os bimestres do ano letivo, destina um espaço para os assuntos referentes à leitura. Destaca-se neste segmento a importância de acrescentar relações com outros conteúdos disciplinares dentro dos limites possíveis, com a finalidade de estimular o repertório relacionado ao conhecimento de mundo.

Se as competências leitoras fossem, desde muito cedo estimuladas e bem direcionadas, o conteúdo de literatura e os demais pertinentes ao saber, não pareceriam estranhos ou inalcançáveis por aqueles que chegam às séries do ensino médio. E se, no ensino médio, os discentes não atenuarem ou sanarem a defasagem acumulada, levarão ao ensino superior as dificuldades de absorverem as teorias e demais conteúdos de maior densidade. Todo esse processo gerará baixa qualidade de cursos e profissionais que, embora diplomados, carregam altos índices de despreparo, afetando os campos profissionais nos quais atuarão. Os números de falhas, vítimas e desastres provocados por descuidos e formações deficientes, encontram-se registrados pelos principais jornais e comprovam que a leitura proficiente, independente da área de atuação, é condição básica e essencial para se realizar atividades necessárias socialmente.

Transitar do âmbito da leitura para o da escrita, é um processo que requer passos cuidadosos e planejados, caso contrário, ao invés de escritores, formar-se-ão copistas, não como os monges medievais, que além de saber o porquê realizavam tal atividade, aproveitavam-na como fonte de saber, mas pessoas que copiam sem qualquer reflexão linguística ou de outra natureza.

Ao analisarmos com atenção a dinâmica da fala em relação à escrita, nota-se que a aquisição da linguagem, via leitura, sucede naturalmente, muito semelhante aos instintos naturais de sobrevivência. O ato de informar à mãe ou responsável algum problema, dor ou necessidade faz parte dos recursos que o homem tem para sobreviver. Contudo, a escrita, *a priori*, não se constitui como ação imprescindível que alimente a vida física e a guarde dos perigos do mundo natural. Notar esse detalhe, às vezes imperceptível, permite compreender por que tantas crianças mostram certa aversão ao ato de escrever. Realidade diferente ocorre em lares nos quais, desde muito cedo, os pais e demais membros da família incentivam e são os primeiros modelos de pessoas que exercem esta atividade. Eis, portanto, o peso das forças financeiras, culturais e intelectuais na vida daqueles, que se deparam com o universo escolar.

Da mesma forma como os grandes centros urbanos apoiam-se na engenharia civil para ordenar o crescimento e expansão demográfica, provavelmente a escola, ao se tornar acessível a todos, não contabilizou a influência que as desigualdades sociais poderiam causar no ensino de leitura e de escrita. Problemas desse tipo vão além das atribuições cabíveis aos professores, pois muito embora a escola, como um todo, seja uma casa de saber, não é o único centro de formação, a própria família, o ambiente de trabalho entre outros, concorrem para o desenvolvimento integral do ser. A sociedade, nesse sentido, precisa se questionar em que medida famílias desestruturadas, filhos provenientes de terceiras, quartas uniões, os modelos tradicionais de pai e mãe, são fatores que incidem diretamente no trabalho a ser desenvolvido pelos docentes em sala de aula.

Os gêneros do discurso funcionam como ferramentas, permitindo aos professores aproximar a vida e o movimento da sociedade da realidade dos alunos. A escrita, tal qual a fala, precisa ser compreendida na escola como uma competência natural, além de pertencer ao patrimônio artístico-cultural de um povo.

Outro aspecto de fundamental importância a ser percebido no ensino de escrita dos gêneros é o fato de quem escreve, escreve com algum propósito comunicativo e, portanto, o discurso contido em toda composição linguística é premente de interpretação. Nisso consiste a base do processo de interação. A intenção comunicativa explica por que não é suficiente apenas saber escrever, sem contexto de produção e aplicação a competência mostra-se inócua. A síntese dessa

reflexão está expressa nos dizeres de Cagliari (2002:105) ao afirmar:

A motivação da escrita é sua própria razão de ser; a decifração constitui apenas um aspecto mecânico de seu funcionamento. Assim, a leitura não pode ser só decifração; deve, através da decifração, chegar à motivação do que está escrito, ao seu conteúdo semântico e pragmático completo. Por isso é que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos (letras, palavras etc.), mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos no universo cultural, social, histórico etc. em que o escritor se baseou para escrever. (grifos do autor)

Assim como na Suméria o uso da escrita distinguia papéis sociais e era destinado a poucas áreas de atuação, na contemporaneidade, apesar das tecnologias, dos avanços políticos, econômicos, religiosos, o acesso à cultura, também é assim, respeitando as proporções é claro. O estilo de vida adotado hoje, no século XXI, sob a égide do capitalismo neoliberal confere maior prestígio, o que significa acessibilidade e usufruto de tudo que é produzido pelo homem, às atividades que envolvam a escrita. Um advogado, por usar com mais frequência a escrita no seu cotidiano, ganha mais e é visto, hierarquicamente, como mais necessário e importante em relação ao metalúrgico.

O ensino dos gêneros do discurso permite a socialização e o acesso mais democrático a padrões de vida mais humanos, condizentes com os elevados patamares de desenvolvimento alcançados pelo homem. Convém ressaltar que as competências leitoras e escritoras são grandezas a serem promovidas de modo indissociável, ou seja, em decorrência de se complementarem uma não pode dispensar o uso da outra.

Referendado tanto no currículo, quanto no material apostilado usado por professores e alunos, encontram-se atividades e exercícios que envolvam a elaboração escrita dos gêneros do discurso. E, para asseverar o que ora é expresso, apresentamos um recorte retirado do currículo, contemplando o ensino de gênero, oralidade e escrita, dentre outros aspectos do estudo da língua.

1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO (4º BIMESTRE)
CONTEÚDOS
<p>Esferas de atividades sociais da linguagem</p> <p>A construção do caráter dos enunciadores A palavra: profissões e campo de trabalho O texto literário e o tempo</p> <p>Leitura e expressão escrita</p> <p>Estratégias de pré-leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento sobre o gênero do texto e a antecipação de sentidos a partir de diferentes indícios <p>Estruturação da atividade escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> • Projeto de texto • Construção do texto • Revisão <p>Texto narrativo (foco: leitura)</p> <p>Texto argumentativo (foco: leitura e escrita)</p> <p>Ethos e produção escrita Estratégias de pós-leitura Intencionalidade comunicativa</p> <p>Funcionamento da língua</p> <p>Análise estilística: pronomes, artigos e numerais Conhecimentos linguísticos e de gênero textual Construção da textualidade Intertextualidade: interdiscursividade, intergenérica, referencial e temática Lexicografia: dicionário, glossário, enciclopédia</p>
HABILIDADES
<p>Espera-se que, tendo em vista como principal referência as esferas de atividades relacionadas com o estudo, bem como a construção semiótico-cultural do conceito de literatura, em situações de aprendizagem orientadas por atividades de leitura e escrita, os alunos façam uso de diferentes tipos textuais, priorizando, contudo, a tipologia exposição, e desenvolvam as seguintes habilidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Analisar os efeitos semânticos expressivos produzidos pelo uso das diferentes classes morfológicas: verbo, artigos e numerais. • Reconhecer e analisar a expressão literária popular, estabelecendo

diálogos intertextuais com a produção literária erudita.

- Analisar os efeitos semânticos e expressivos produzidos pelo uso das diferentes classes morfológicas: verbo, pronomes, artigos e numerais.
- Construir sentido pela comparação entre textos a partir de diferentes relações intertextuais.

(SÃO PAULO 2010:85-86)

De acordo com as informações contidas no recorte, torna-se patente o privilégio a ser dado aos gêneros. Toda reflexão a respeito do uso e funcionamento da língua, nas modalidades oral e escrita, parte de algum gênero que seja pertinente à comunidade linguística atendida pela instituição escolar.

Não poderíamos concluir as reflexões em relação à prática de leitura sem deixar de citar seu peso na vida de um grande escritor do nosso tempo:

A literatura é um processo de transformações alquímicas. O escritor transforma – ou, se preferirem uma palavra em desuso, usada pelos teólogos antigos, “o escritor transubstancia” – sua carne e seu sangue em palavras e diz a seus leitores: “Leiam! Comam! Bebam! Isso é a minha carne. Isso é o meu sangue!”. A experiência literária é um ritual antropofágico. Antropofagia não é gastronomia. É magia. Come-se o corpo de um morto para se apropriar de suas virtudes. Não é esse o objetivo da Eucaristia, ritual antropofágico supremo? Come-se e bebe-se a carne e o sangue de Cristo para se ficar semelhante a ele. Eu mesmo sou o que sou pelos escritores que devorei... E se escrevo é na esperança de ser devorado pelos meus leitores.
(ALVES 2008:66)

O depoimento de Rubem Alves, focado na literatura, corrobora a necessidade de se promover, alargar as possibilidades oferecidas na escola, em todos os níveis de ensino, referentes à leitura. Ler as cartas, os sermões e outros discursos de Vieira significa, metafórica e simbolicamente, beber das belezas de suas palavras, da riqueza intelectual, moral, política, religiosa e humana. É como nos atesta Petit (2009:72): “Ora, a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho

privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz ao seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos”.

A fala de Proust (2011) constitui outra fonte relevante que deve ser considerada quando se pensa em lidar com leitura como forma de promover cidadania e desenvolvimento humano em todos os seus aspectos.

*Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos com um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul...
(PROUST 2011:9)*

Experiências vividas como a acima citada podem também serem lidas em livros que não figuram no mundo da literatura. Há muitos escritores, de maneira particular aqueles que tendo crescido em ambientes com pouca formação erudita, ou marcados pelos conflitos e outras mazelas sociais, souberam lendo o mundo, as pessoas, vencer as dificuldades e pela escrita, espalharam partes de suas vidas a fim de que outros leitores pudessem se apropriar dos anseios, das conquistas, das derrotas que o escritor viveu.

Decerto, haveria muito a se discutir e refletir acerca das questões concernentes à leitura e escrita, porém as já contempladas neste capítulo são suficientes para atingir o objetivo central de nosso trabalho, que trata da leitura e escrita do gênero do discurso carta, realizada pelos alunos da escola pública, com base na produção epistolar de Vieira.

CAPÍTULO II

AS ABORDAGENS SOBRE GÊNERO DO DISCURSO

2.1 – A noção de gênero do discurso em Bakhtin

O uso da língua se torna manifesto por meio de enunciados, sejam eles orais ou escritos, porque ocorrem e dão sentido às relações humanas, são mui diversos, tanto quanto as possibilidades de interação às quais os homens se submetem e criam. Nesse sentido, os enunciados funcionam como espelhos, ou seja, permitem aos envolvidos nas trocas languageiras vislumbrar e determinar a que campos das ações humanas se filiam certos discursos. A capacidade de refletir sobre as condições e circunstâncias da enunciação é marcada pelo estilo empregado, pelo tema abordado e pela estrutura composicional.

Pelo fato mesmo de os discursos serem produzidos para dar sentido às relações humanas e, em última análise ao mundo no qual o homem vive, observa-se que aqueles três elementos constitutivos dos enunciados são configurados de tal modo que apresentam recorrências nas composições orais e escritas.

Na concepção de Bakhtin (2006) essas recorrências ou traços, que se repetem sem se perder a individualidade do enunciador, são convenções estabelecidas às quais se denomina gêneros do discurso. Ao pensarmos nas mais variadas áreas do saber, podemos ter uma noção geral de como é importante reconhecer, bem como manipular tais traços, a fim de respondermos e compreendermos, conforme as características de cada gênero, aos discursos que nos são dirigidos.

Nem sempre as relações de interação sucedem de forma satisfatória pelas partes que as promovem. Diversos fatores influenciam o modo como as informações são trocadas, seja pela diferença de culturas, de idade, de regiões, de capacidades intelectuais. Portanto, o sucesso das práticas interacionais, ou seu contrário, no momento da comunicação, será mantido e garantido, na medida em que cada usuário ou membro das comunidades discursivas produzirem novos discursos com base na manutenção das recorrências que os mesmos possuem.

Os campos de atividades humanas, por assim dizer, nos permitem vislumbrar o grau de desenvolvimento de uma sociedade, pois a diversidade de gêneros produzida e desenvolvida, em cada um dos inúmeros campos são manifestações discursivas do homem. À medida que novos conhecimentos são veiculados pelos membros das comunidades discursivas, faz-se necessário que novos gêneros emergjam, ou seja, reformulados.

Dada a complexidade das culturas já produzidas e as em curso, não é difícil conceber a heterogeneidade dos gêneros do discurso. Eles variam desde as conversas triviais do cotidiano, até os complexos artigos científicos, bem como as novas fórmulas ou descobertas que podem revolucionar o mundo científico. No intuito de melhor estudá-las, Bakhtin (2006) divide-os em dois agrupamentos: os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os enunciados pertencentes aos gêneros primários supõem menor complexidade de elaboração e, portanto, de mecanismos necessários para sua interpretação, ao passo que os enunciados pertencentes aos gêneros secundários carecem de mais refino, seja no processo de produção e também no de recepção-interpretação. Com base nessas considerações, podemos afirmar que o estudo de gêneros do discurso, tanto os mais complexos (secundários), quanto os menos complexos, é uma importante forma de conhecer e, sobretudo, de participar das mais variadas esferas de atividades humanas.

Sobretudo para os estudiosos da língua ou analistas do discurso, desvelar a natureza dos enunciados é essencialmente necessário, justamente porque extraem as ocorrências linguísticas dos objetos analisados. Além disso, precisam igualmente dominar o modo como os gêneros se acomodam nas inúmeras redes de interação social, já que os resultados e apontamentos, decorrentes das análises e pesquisas, tornar-se-ão manifestos com base em gêneros, ou seja, em artigos científicos, anais, livros, congressos, apresentações, debates etc.

Com efeito, para se chegar à descoberta da natureza do enunciado, faz-se necessário levar em conta o estilo empregado no discurso analisado, seja oral ou escrito. Muito embora abordar estilos de linguagem utilizados nos enunciados, seja algo concernente à Estilística, não significa, é bem certo, que precisemos nos abster dos aspectos discursivo-gramaticais. Bakhtin (2006:265) apregoa que *todo enunciado é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante, isto é,*

pode ter estilo individual. Apesar disso, nem todos os gêneros do discurso são propensos a carregar traços de individualidade, sendo os mais comuns a cumprir tal função, aqueles circunscritos ao âmbito da literatura.

Conceber que o estilo está estreitamente ligado aos enunciados e, por conseguinte, aos gêneros do discurso é, na verdade, admitir a existência de estilos de linguagem. Por causa de os estilos de linguagem se tornarem manifestos nos gêneros, conclui-se, outrossim, que os diversos campos de atividades humanas acomodam diversos estilos de gêneros do discurso. Nos dizeres de Bakhtin (2006:266), encontra-se solidez para sustentar o que ora se afirma:

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Como se pode notar, os gêneros do discurso têm relação direta com o modo como a sociedade se organiza, constrói-se, transforma-se e se significa. É por isso que a língua passa a se constituir na vida, da mesma forma como a vida se expressa na língua.

A função social do enunciador, filiado a um campo específico de atuação, gera gêneros do discurso com estilos específicos da área representada. Assim, um sacerdote português do século XVII, membro de uma ordem religiosa, cuja missão era levar o anúncio do evangelho a toda criatura, produziria gêneros de discurso condizentes com as necessidades e circunstâncias da época. Levando-se em consideração as condições sócio-históricas do Brasil recém-descoberto, as autoridades religiosas eram as poucas que escreviam e liam, além de serem as responsáveis por estabelecer o contato com os indígenas e procurar educá-los na doutrina católica. Pensando nesse plano contextual, é perfeitamente razoável que os gêneros elaborados, a fim de dar a conhecer a realidade brasileira para a corte portuguesa, bem como a igreja ali estabelecida, fossem as cartas. De fato, trata-se de relatos dos costumes, comportamentos, ritos, condições de convívio, riquezas e um conjunto de outras informações necessárias para se configurar os mecanismos de exploração e colonização da nova terra.

Por certo, fosse outro o enunciador e a função desempenhada por ele, teríamos os mesmo traços recorrentes do gênero carta, porém o estilo empregado, o acabamento linguístico utilizado, certos tipos de construção do conjunto seriam bem outros. Para comprovarmos o que acima é afirmado, basta compararmos o estilo da carta de Pero Vaz de Caminha com qualquer uma das cartas do Padre Antonio Vieira.

Bakhtin (2006) defende a ideia de que os gêneros do discurso sejam analisados com base na função social que cumprem nos diversos campos de atividade. O caráter sócio-funcional, proveniente e impresso nos discursos é marca substancial para se levar em conta, no momento de se realizar uma análise profunda e consistente. Para tanto, cumpre servir-se das ferramentas disponíveis pela gramática, pela estilística, além de outras áreas do saber. A língua não é um sistema único e exclusivo da linguística, mas está ao dispor de todas as manifestações do saber, é uma ferramenta do gênero humano, estudá-la e utilizá-la, sobretudo, significa viver, expressar os traços e peculiaridades, próprios da humanidade.

Um aspecto igualmente importante para se levar em conta, referente aos estilos de gênero do discurso, é a transformação histórica pela qual passam. Isso ocorre porque os avanços e toda sorte de modificação na matéria histórica das culturas humanas, deixam marcas e traços no processo de produção dos gêneros. Em algumas situações, os gêneros são remodelados, ao passo que em outras são substituídos e novas produções emergem. Este mecanismo de transformação sócio-histórico corrobora o caráter social de formação humana que os gêneros possuem.

Nos dizeres de Bakhtin (2006:268), veem-se mais claramente essas considerações acerca dos estilos de gêneros do discurso e a história:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

Antes da Linguística, a língua era concebida como expressão do pensamento. Desde os filósofos antigos, alguns mais especificamente, a língua era vista como

uma entidade congênita ao homem, nascia com ele e assim como a alma, tinha um aspecto imaterial. Talvez por isso, o centro dos estudos concentrava-se na palavra e no modo como era formada. Com o passar do tempo procurou-se verificar as relações das palavras na estrutura frasal, com base na sintaxe da língua, e somente um bom tempo depois do surgimento da Linguística, passou-se a estudar o texto. O texto era a unidade que abrigava as palavras, de acordo com um conjunto de regras sintáticas.

No entanto, mesmo com o avanço das contribuições trazidas pela Linguística, o modelo idealizado de comunicação consistia em um falante-emissor que transmitia, por meio de um código, uma mensagem a um destinatário-receptor. Contudo, quando se aplica tal esquema à realidade física, palpável, verifica-se outro processo de comunicação, que de artificial não tem nada. Necessariamente, a produção oral ou escrita de um usuário linguístico pode não atingir a finalidade visada, pode não ser compreendida de pronto a mensagem transmitida.

O problema ou quem sabe a desvantagem deste tipo de recorte e visão é que todo conteúdo político, social e histórico, inerentes à língua, são postos de lado e, por vezes, menosprezados. Mesmo sendo um procedimento ainda utilizado por correntes e linhas de estudo, mostra-se reducionista e tão-somente calcado na forma.

Partindo da observação de que o ouvinte tem outro comportamento no momento em que se realiza o processo de comunicação, Bakhtin (2006:271) propõe a ideia de ouvinte responsivo, ou seja:

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo.

Quando pensamos em um ouvinte que tendo recebido ou sido interpelado em dada situação histórica, não podemos desejar que ele fique inerte diante do conteúdo dos sentidos recebidos, mas se colocará ativamente, passando de ouvinte a falante, a produtor de discursos. Os próprios gêneros produzidos no âmbito da educação, independente do nível de ensino exemplificam isso: os alunos recebem

os mais variados conteúdos das aulas e procuram responder aos estímulos, promovendo pesquisas, outros gêneros de discurso, tanto os orais, quanto os escritos. E as respostas a esses estímulos se darão à medida que o repertório das formas estáveis de enunciados forem disseminadas, a fim de serem reproduzidas pelos membros partícipes das comunidades discursivas.

O conjunto de ideologias que circula numa sociedade deriva justamente desse processo de posição responsiva, ou seja, os membros que defendem, espalham, via discurso, ideias políticas, revolucionárias, conservadoras, religiosas etc., desejam e esperam que os destinatários daqueles discursos reajam responsivamente, pois só desta forma os discursos ganham densidade, força de transformação.

Se considerarmos, consoantes a Bakhtin (2006), que os discursos estão presentes nos enunciados, é correto afirmar, por conseguinte, que os enunciados constituem as unidades discursivas, da mesma forma como as orações, palavras, constituem as unidades da língua. Ora, o discurso só passa a integrar a vida e ter existência quando ganha materialidade, por meio dos enunciados concretos, proferidos e criados pelos usuários da língua. Sem a presença de sujeitos, com propósitos comunicativos diversos, não haveria possibilidade de o discurso se realizar, não teríamos volume, conteúdo temático, estilo composicional nas enunciações.

Bakhtin (2006:275) afirma que: *os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância de sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes*. Essa afirmação implica considerar que cada ato produzido linguisticamente é premente de uma resposta, um olhar interpretativo por parte do público alvo. Contudo, para suceder assim é mister haver na fala ou na escrita a presença de certa conclusibilidade, capaz de suportar uma ou um conjunto de ideias completas. De outra forma não seria possível elaborar uma interpretação viável e, por conseguinte, uma atitude responsiva.

É importante ressaltar que a alternância de sujeitos é um fenômeno observável no âmbito dos enunciados discursivos, nas unidades da língua, as orações, não sucede o mesmo, porque no entendimento de Bakhtin (2006:278):

A oração enquanto unidade da língua carece de todas essas propriedades: não é delimitada de ambos os lados pela alternância dos sujeitos do discurso, não tem contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal) nem relação imediata com enunciados alheios, não dispõe de plenitude semântica nem capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do outro falante, isto é, suscitar resposta.

A concepção de alternância de sujeitos, bem como de conclusibilidade são fundamentais para um trabalho com gêneros de discurso em relação a um público que ainda não é versado em grande variedade deles. A importância dessa concepção justifica-se, porque a alternância dos sujeitos é responsável por fixar fronteiras, dar substância aos enunciados e desta forma constituir-se como uma das peculiaridades da comunicação discursiva.

Se os gêneros são ferramentas desenvolvidas para atender às necessidades sociais, então julgamos ser imprescindível fazer com que o público atendido entre em contato e domine o maior número possível delas. Só assim uma instituição de ensino, por exemplo, pode dizer que forma pessoas com conduta e proceder cidadão. Quando não se faz uma análise pormenorizada acerca do discurso presente nos enunciados, conseqüentemente o olhar para os gêneros será substituído por uma visão presa a elementos e aspectos próprios da gramática, restrita a modelos meramente classificatórios de exemplares textuais, isso no caso menos reducionista.

A proposta de Bakhtin (2006) supõe que todo aquele que pretenda se debruçar sobre o estudo dos enunciados realize uma investigação profunda, contudo para realizá-la carece, necessariamente, buscar na materialidade do texto os traços, pistas e rastros dos discursos, bem como os elementos estáveis que dão base aos gêneros. Por esse motivo a atenção do analista também estará voltada para a composição sintática, responsável por abrigar e formar os enunciados, as orações.

Intimamente ligada à primeira peculiaridade, a segunda requer que os discursos proferidos ou escritos por um enunciador tenha caráter conclusivo, já que a possibilidade de resposta e, portanto de interação, só é possível pela conclusão. Para concorrer com a inteireza (atitudes responsivas só se configuram quando há ideias acabadas, concluídas) é preciso haver três elementos perfeitamente inter-

relacionados no interior do enunciado: exauribilidade do objeto e do sentido, projeto de discurso ou vontade de discurso do falante e formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, segundo nos incute Bakhtin (2006). Muito embora os três elementos citados sejam importantes, o terceiro será abordado com mais vagar e atenção dada sua relevância para a composição deste trabalho, bem como princípio a ser aplicado no momento da análise.

Todos os discursos elaborados pelo homem possuem formas relativamente estáveis, determinadas características que são reconhecidas e assimiladas pelo interlocutor de modo a lhe permitir respostas, formas de interação. Mesmo que o usuário linguístico não domine uma variante culta da língua, cuja marca principal se dá pela observância dos preceitos gramaticais, ainda assim será capaz de reconhecer determinados indícios, traços de unidades próprias do discurso. Ele saberá distinguir uma carta de uma receita, uma bula de remédio de um manual de instrução e assim por diante. No entanto, caso a pessoa em questão não se exponha a uma situação social no qual haja campos de atuação humana que se sirvam dos gêneros de discurso como os anteriormente citados, então não poderá reconhecê-los, assimilá-los e, por consequência, reproduzi-los. Os gêneros florescem, crescem e reformulam-se por causa das necessidades humanas de comunicação e interação. Neste sentido, são produzidos habilmente em decorrência da prática, porém teoricamente passam despercebidos, dando a sensação de se tratar de habilidades congênitas. Assim, estudos e análises bem sucedidas carecem levar em conta a necessidade de associar um gênero a uma determinada área de atuação ou campo de atividade.

Bakhtin (2006:282) conceitua da seguinte forma o que no seu entender são as formas típicas e estáveis de gênero do enunciado:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e

adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.

Eis acima a essência, o núcleo da teoria em questão, donde muitos outros teóricos e pesquisadores fundamentaram suas linhas e vertentes de pesquisa. Acerca de seu uso é possível fazer uma analogia de modo a tornar mais fácil sua compreensão: o uso dos gêneros do discurso ocorre de forma muito similar à aquisição da língua materna, ou seja, o usuário, pelo convívio social, vê, assimila determinadas recorrências e as reproduz. E à medida que amplia a rede de relacionamentos, terá condições de participar de mais comunidades discursivas e, por conseguinte, de perceber e reproduzir gêneros do discurso, tanto oralmente quanto via escrita. Agora, quando se trata de esferas de comunicação de mais prestígio social, o enunciador carece ter certo domínio da gramática prescritiva, já que essa é marca ou imposição de modo a se obter acesso a tal grupo.

Nas instituições de educação, mais especificamente, onde há uso variado de gêneros do discurso é imperativo, porque nelas os educandos conhecerão as ferramentas utilizadas socialmente, capaz de tornar acessíveis as mais variadas esferas sociais, desde aquelas de maior prestígio até as menos portadoras de *status*. Neste sentido, é dever colocar ao dispor do discente as possibilidades, todavia sem jamais impor uma escolha. Evidente, que por se tratar de uma instituição social, responsável por oferecer e despertar o saber, verificam-se aí processos ideológicos, em sua ação de educar subjaz a defesa e difusão de determinadas ideais, condizentes ou não com as políticas adotadas por uma esfera maior, o Estado.

A inserção do ser no universo cultural, onde ele cresce e se desenvolve, ocorre porque o homem, tal qual o descobrimento do fogo ou a roda, sentiu a necessidade de manipular e transmitir aos seus iguais tudo o que era feito pelo labor de suas mãos, as conquistas, os inventos, sua percepção de si mesmo e do mundo, enfim, todas as formas de cultura, via gêneros do discurso. As unidades da língua só se tornam manifestas posteriormente, quando o homem resolve codificar o produto de seu fazer no seio da história. Disso podemos deduzir, mais uma vez, que em virtude de os gêneros estarem intrínseca e indissolivelmente ligados aos modos de produzir cultura, primeiro o indivíduo reconhece os aspectos recorrentes dos conteúdos e apoiado no sistema de codificação linguístico, é capaz de interpretar e

interagir socialmente, a fim de tornar a cultura sempre viva e disponível àqueles que se inscrevem no curso da história.

A relação do enunciado com o falante, produtor do discurso, e com outros participantes, constitui a terceira peculiaridade. Entretanto, não nos ateremos pormenorizadamente a tal particularidade, porque a essência da teoria bakhtiniana já está aqui expressa e no que concerne à aplicação para nosso trabalho, devidamente exemplificada.

2.2 – A noção de gênero do discurso em Maingueneau

As considerações a seguir versam sobre alguns modos como os gêneros de discurso são compreendidos à luz da A.D. Todavia, por conta das diferentes vertentes é importante salientar que prioritariamente utilizaremos as contribuições dos estudos realizados pela A.D, sem contudo, menosprezar ou desconsiderar outras formas de abordar os gêneros, produzidas por outros teóricos filiados a outras linhas.

Partimos do pressuposto de que toda cultura humana é constituída por redes interligadas de discursos, semelhante ao corpo humano, formado por muitos órgãos com funções específicas, assim também é uma sociedade. Nela se pode perceber as diversas forças que a vivificam e a põe em funcionamento, ou seja, os diversos domínios representados pelos campos político, religioso, econômico, social, antropológico, histórico etc.

Em Bakhtin (2006), vimos a necessidade de se priorizar, como percurso de análise, as unidades discursivas presentes nos enunciados, em Maingueneau, trataremos dos gêneros com base no conceito de cena de enunciação, de certo modo ancorado na teoria de enunciação de Benveniste. A necessidade de se abordar o conceito supracitado justifica-se, na medida em que examinaremos, no momento da análise, uma carta produzidas por Vieira, produção epistolar do século XVII, e outras produções, também do gênero carta, elaborados pelo público estudantil, tanto do ensino fundamental, quanto do ensino médio.

A discussão, a fim de se chegar a modelos de classificação dos gêneros, é algo que perdura desde a Antiguidade. O homem, naturalmente, mostrou a predisposição em organizar os conhecimentos adquiridos por áreas ou

departamentos, assim, sempre que precisasse utilizar dados e informações relacionadas a um saber específico, bastava recuperar elementos a ele associado. Entretanto, em virtude de vivermos em uma sociedade, marcada por constantes mudanças, nem sempre é tão simples categorizar os gêneros produzidos por meio das relações interacionais.

Um modelo de classificação supõe critérios segundo os quais é possível se apoiar quando se pretender filiar determinadas produções em categorias específicas. Nesse sentido, Charaudeau apud Machado & Mello (2004:154-155) aponta os seguintes critérios para se determinar a genericidade:

(I) determina-se os lugares de fala (lugares sociais) que são o resultado da maneira pela qual uma sociedade estrutura, institucionalmente, suas práticas sociais a partir de grandes setores da atividade: o político, o religioso, o jurídico, o científico, o educativo etc; (II) determina-se as grandes funções de base da atividade linguageira de acordo com a direção em que o ato de comunicação é orientado; (III) fundamenta-se na natureza comunicacional da troca verbal ; (IV) apoia-se no aparelho formal da enunciação; (V) tenta-se definir tipos de atividade linguageira com um valor mais ou menos prototípico: narrativo, argumentativo, explicativo e descritivo; (VI) descreve-se características formais de um texto e reúne-se as marcas mais recorrentes para concluir a determinação de um gênero textual; (VII) busca-se determinar um domínio de produção do discurso de acordo com textos fundadores cuja finalidade é determinar os valores de um certo domínio de produção discursiva como discurso filosófico, científico, religioso etc.

A diversidade de critérios apontada por Charaudeau prova a complexidade, especialmente na sociedade atual, em se categorizar os gêneros do discurso, razão porque, pareceu-nos mais viável selecionar aquilo que está contido nas obras produzidas por Maingueneau.

O conceito de cena de enunciação pode ser melhor compreendido se for pensado em três partes, ou seja, a cena englobante, a cena genérica e cenografia. Por razões didáticas, citamos os conceitos em ordem decrescente, porém estão de

tal modo amalgamados que se fundem, segundo já mencionamos, em cena de enunciação.

Segundo o próprio nome evoca, pensar em uma cena é imaginar um contexto onde algo irá transcorrer e pelo fato de ser englobante, supomos ser construída com todos os traços que a identifiquem ou relacionem a algum domínio maior. Desse modo, uma carta, gênero dos mais antigos, conhecido e utilizado pelo homem, apresenta certa configuração englobante reunida nos participantes, no propósito comunicativo (envolvido por um tema, pertencente a um domínio), nos mecanismos materiais de produção (selos, envelopes, serviços postais, grafia, papéis dos mais variados tipos etc.), no léxico utilizado para significar os sentidos presentes em sua constituição linguística, os quais permitirão e propiciarão, além da troca comunicativa, interpretações responsivas. Não se pode prescindir, outrossim, da ideologia subjacente e indissociável do texto que a carta veicula. Por todos estes detalhes acima mencionados, podem-se vislumbrar as molduras donde são envolvidos os discursos e o modo como são facilmente reconhecidos, assimilados e reproduzidos.

Maingueneau (2004) procura associar a cena englobante ao tipo de discurso veiculado no gênero em circulação, ou seja, quando um estafeta, mensageiro ou carteiro se nos afigura, logo podemos supor se tratar de uma mensagem, seja ela oficial, religiosa, política, bancária, convidativa, diplomática etc., já que esse gênero, ferramenta de comunicação desenvolvida para atender necessidades humanas, tem traços intrínsecos capazes de os relacionarmos a domínios discursivos específicos.

Antes de avançarmos para o conceito de cena genérica, mostrar nos cumpre a importância e o valor do léxico para a construção e, principalmente, recepção/interpretação do gênero elaborado. Por léxico, deve-se compreender, segundo consta no dicionário, o conjunto virtual das unidades lexicais de uma língua, compilação de palavras de uma língua, o vocabulário. Essa definição, segundo nos parece, não contempla, ao menos não diretamente, alguns aspectos próprios do léxico, ou seja, há que se considere também sua dimensão psico, sócio, bio e histórica. Com base nessas dimensões melhor se conceituaria o léxico desta maneira: trata-se do espaço onde é identificável aquilo que é social, histórico, psíquico biológico.

Quando selecionamos palavras para compor um discurso, não percebemos que essas peças linguísticas, na verdade, são recortes de uma cultura, traços identificáveis de comportamentos, formas de ver e agir no mundo, compartilhadas nas mais variadas sociedades. Sendo assim, todo usuário que não se apropria deste mecanismo de produção terá suas relações comprometidas ou restritas pelo fato de desconhecer a plasticidade e algumas dimensões lexicais. Ao se observarem detalhes como esses, facilmente ignorados por aqueles que não se debruçam sobre os discursos circulantes, constata-se a necessidade e função do organismo escolar, responsável por socializar e disponibilizar a maior diversidade possível desses discursos.

Se, por um lado, o léxico detém um caráter de apresentação – não utilizamos o termo apresentação por acreditarmos que as palavras não representam o mundo real, ou seja, elas não são espelhos daquilo que existe – por outro lado as palavras têm outra face: o valor de produção cultural. Os traços constitutivos de uma cultura são construídos com e pelas palavras. Essa duplicidade de essência supõe conhecimentos prévios, de mundo, de grupos, de comunidades, históricos, sociais, políticos etc., sem os quais as capacidades interpretativas são comprometidas e, por conseguinte, as relações humanas, tecidas e entretecidas ao longo do tempo. O fato de um discurso ser produzido para um determinado público não é garantia de que seja totalmente compreendido, ou se compreendido, não conforme pretendia o enunciador.

Como se pode notar, a ideia de cena englobante prevê um conjunto de elementos relacionados a fim de se configurar os domínios discursivos e deles derivam, conforme já mencionado, as cenas genéricas. Todavia, determinar o gênero tão-somente pelo domínio discursivo não é viável, uma vez que dentro do universo jurídico, por exemplo, pode-se observar diversos gêneros: a petição, intimação, *habeas corpus*, dentre outros. Pelo fato mesmo de haver tamanha diversidade, surge a necessidade de se especificar outra cena, a genérica. Nos dizeres de Maingueneau apud Machado & Mello (2004: 158), temos assim definido:

A cena genérica é definida pelos gêneros de discursos particulares. De fato, cada gênero de discurso implica em uma cena específica: papéis para os seus parceiros, circunstâncias (em particular um modo de inscrição no espaço e no tempo),

um suporte material, um modo de circulação, uma finalidade etc.

A definição proposta por Maingueneau é importante, pois aborda a função ou os papéis dos membros na troca linguageira. Com base nas funções sociais desempenhadas pelos partícipes que trocam e produzem os discursos, já se podem antever detalhes constitutivos dos gêneros. As saudações, numa carta oficial ou particular, mudará à medida que o enunciador for um sacerdote ou um soldado de baixa patente. Os materiais utilizados também contribuem para a especificidade do gênero: correspondências oficiais de uma ordem religiosa, circunscrita no contexto barroco, possuíam uma configuração estética bem diferente das que utilizamos hoje, ou entre outros campos discursivos do mesmo período. A logística empregada para o envio e entrega de cartas nas décadas de 1600 era absolutamente diferente da que se processa no século XXI e deste fato podemos inferir as mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos, na mecânica de produção e funcionamento dos gêneros de discursos, em todas as áreas do saber.

Outro aspecto relevante a ser considerado, referente à cena genérica, é a possibilidade de haver uma gama diversa de produções para um mesmo gênero. A carta é um bom exemplo dessa característica, pois não se produziu, ao longo do tempo, apenas um modelo composicional de correspondência, mas vários: a pessoal, a oficial, entre diversas instituições de diversos campos, a de reclamação, a de apresentação, a de recomendação, a de convocação, a de ofício, a circular etc. Conforme as sociedades foram se organizando e crescendo, as formas de interação também ganharam novas roupagens, especialmente aquelas manifestadas via escrita. O advento da imprensa, de modo particular, propiciou a propagação de diversos gêneros e também possibilitou o surgimento de outros. As composições manuscritas, antes restritas basicamente aos poderes do Estado e da Igreja, passaram a circular também entre as outras camadas sociais, as universidades, outrossim, contribuíram para aumentar e por e funcionamento diversas outras formas de gêneros.

A observação dos gêneros produzidos pelos homens está relacionada à linha temporal e as circunstâncias de produção. As considerações apontadas anteriormente foram feitas pensando em um contexto medieval no qual Estado e Igreja detinham as formas de poder e, portanto, determinavam como os discursos

circulavam e deviam ser elaborados. Ao compararmos com os modelos de sociedades existentes no âmbito pós-moderno, é possível vislumbrar as mudanças e aperfeiçoamentos conquistados. Por isso, podemos afirmar que os estudos de gêneros dizem muito do modo como as sociedades se organizam e funcionam.

No que se refere ao conceito de cenografia, podemos conceber a própria motivação responsável por fazer emergir o discurso, pois quando temos a intenção de produzir algo a fim de ser comunicado, subjaz, no ato de querer, a razão de ser do discurso. Nesse sentido, a cena genérica e a cena englobante serão configuradas com base na cenografia, porque o propósito comunicativo, o desejo de dizer, escrever ou expressar algo é anterior ao fato de pensarmos em um gênero específico ou nos detalhes que emolduram as razões da comunicação.

Na concepção de Maingueneau apud Machado & Mello (2004:163), assim está expressa a definição de cenografia:

Assim, a cenografia implica em um processo circular. Desde a sua emergência, a enunciação do texto supõe uma cena que, de fato, se valida progressivamente através desta mesma enunciação. Desse modo, a cenografia aparece, ao mesmo tempo, como ponto de origem do discurso e também o que o engendra; ela legitima um enunciado que, em contrapartida, deve legitimá-la, deve estabelecer que esta cenografia da qual vem a fala é precisamente a cenografia requerida para narrar uma história, denunciar uma injustiça, apresentar sua candidatura a uma eleição etc.

A informação acima recortada nos permite refletir que a cenografia é uma espécie de proposição, uma ideia principal segundo a qual é possível construir uma síntese ou resumo de todo o discurso encerrado na enunciação, nos moldes de uma cena genérica, circunscrita em numa cena englobante. Ao relacionarmos o conceito com o conteúdo disposto na carta teremos um panorama que suscitou e provocou a necessidade de se produzi-las. O mesmo sucede no tocante às cartas elaboradas pelos alunos, embora em tempos distintos, em situações igualmente diferentes e ocupando outras posições sociais, responsáveis por assegurar ancoragem social.

Vimos perfazendo a compreensão de gênero, sob o bojo da A.D, conforme os conceitos de cenas de enunciação; todavia, cumpre-nos ponderar, dada a importância para uma análise mais densa, os papéis sociais, bem como os atores, envolvidos nas trocas languageiras, tornadas materializadas por meio dos gêneros. Ora, para se configurar uma cena de enunciação é preciso direcioná-la a certo campo ou domínio discursivo, visto que é neles onde se processam as relações interacionais e também porque têm a função de, segundo aponta Charaudeau apud Machado & Mello (2004:15):

(...) determinar a identidade dos atores que se encontram ali, os papéis que devem representar, o que faz com que as significações dos discursos que circulam ali sejam fortemente dependentes da posição de seus enunciadores.

Refletindo os dizeres acima, notamos que tão importante quanto o conteúdo em si, ou seja, o discurso inerente à enunciação, também são as circunstâncias enunciativas e tudo o que nelas se encerram. Analisar um discurso sem considerar seus produtores, a prática social desempenhada por eles, as razões que o levaram a tal produção discursiva, o(s) efeito(s) de sentido desejado(s) ao se elaborar com certo estilo, a seleção lexical, enfim, deixar todas essas riquezas de lado é como contemplar uma obra de arte apenas de um ângulo. Apesar de haver inúmeras belezas, o olhar pouco perspicaz vê tão-somente uma nuance ou ângulo. É por isso que, aplicar as categorias da A.D no estudo de gênero, revela-se como um dos caminhos nos quais melhor se podem contemplar as riquezas que os discursos contêm e oferecem, a quem resolver se debruçar sobre eles.

Relegar a segundo plano ou desconsiderar simplesmente a proeminência de Homero, para ter olhos apenas para Ulisses, personagem criada pelo referido escritor, é de igual forma cantar o hino nacional em alguma cerimônia por cantar, sem associá-lo ao seu escritor, às circunstâncias de produção, à época, às influências, às necessidades. O que seria dos sermões sem a mão do sacerdote – prática e funções sociais por ele exercidas – que traçou com tinta e pena aquelas linhas? Isto porque, sem o movimento do enunciador e sua engenhosidade no momento de produção discursiva, não haveria cenografia. Ora, os traços recorrentes em um gênero, manifestos segundo uma ordem possível de ser lida e de gerar interação, só ocorrem devido ao movimento primeiro de um ser que os ordenou.

Esse ser na sociedade, seguramente enuncia a partir de um estatuto que lhe fora atribuído, pertencente a um domínio discursivo, e que se tonará materializado com base nos traços que o gênero apresentar.

Para os alunos ter esta amplitude de conhecimento e realizar as associações entre saberes extralinguísticos é de grande valia, pois, além de fluir no momento da leitura, terá mais proficiência na escrita, posto que seu repertório será maior, mais desenvolvido. Saber a função social, bem como as práticas dela decorrentes, é permitir que os educando entendam e produzam melhor seus discursos ao longo de suas vidas.

2.3 A noção de Gênero de discurso na Nova Retórica

No intuito de dar cabo do nosso propósito, assinalado logo no início deste subitem, informamos que nos serviríamos das contribuições de outras vertentes, sem contudo aproveitá-las para fins de análise, a fim de melhor fundamentar nosso estudo a respeito de gêneros. Nesse sentido, selecionamos algumas considerações de Miller (2009), Bazerman (2005) e Swales (2005), todos da vertente norte-americana, em relação a gêneros textuais. Os autores em questão também privilegiam o caráter social do discurso, não obstante o fazem por uma perspectiva da nova retórica, não mais aquela clássica, desenvolvida por Aristóteles, mas um ramo que procura aproximar as riquezas clássicas com as modernas, cuja preocupação maior se baseará num olhar mais pedagógico a respeito do ensino de composição argumentativa.

A abordagem de Miller (2009) considera gênero como uma prática social, oriunda das relações interacionais estabelecidas num determinado contexto. O ensaio produzido pela autora é considerado seminal porque, diferentemente das análises retóricas produzidas fixarem-se em modelos classificatórios, por vezes deterministas, enfatiza características sociais e históricas do discurso, ou seja, uma ação retórica supõe um determinado motivo que a ocasionou, esse motivo, por sua vez, configura uma situação em que o discurso se estabelece. Associar um gênero ao discurso produzido socialmente nada mais é do que perceber as recorrências, tanto na produção quanto na resposta, presentes em sua base e atribuir-lhe um nome: carta, telefonema, artigo, crônica, tese, petição, enfim.

Atribuir um nome, ou simplesmente classificar um objeto de análise é uma necessidade epistemológica do homem, as ciências naturais o fazem ao classificar reinos dos seres existentes e também das coisas abióticas, a medicina de igual forma o faz ao separar em classes áreas do corpo humano, praticamente todas as áreas do saber procedem assim. Apesar de os sistemas de classificação não serem tão comuns na linguística, já que, muito embora a língua seja um sistema de regras combinatórias, portanto classificatórias, importa para a ciência da língua o uso dessa ferramenta dentro das comunidades humanas que se servem das formas de linguagem e códigos para estabelecer as relações. No entanto, Miller (2009:22-23) acredita que:

Um princípio útil de classificação para o discurso, então, deve ter alguma base nas convenções da prática retórica, incluindo as maneiras como retores e audiências reais têm de compreender o discurso que usam.

A autora defende a classificação desde que seja útil, no sentido de que as partes envolvidas no processo de comunicação compreendam e utilizem, adequadamente, os gêneros produzidos nas diversas sociedades. Além disso, é preciso pensar nas diversas transições entre as esferas sociais, possíveis de suceder na ordem do tempo, pelas quais passam as pessoas. Por isso a escola, instituição responsável por oferecer o saber ao educando, deve sistematizar e desenvolver em ampla medida os gêneros necessários para a ordem da vida. Relacionado ao fato de oferecer o maior número de gêneros de discurso, está a reprodução deles. A reprodução dos gêneros ocorre em razão das necessidades sociais. Assim, uma receita de bolo ou de torta apresenta determinadas características que serão reproduzidas por outros membros da comunidade linguística. Nesse sentido, é importante mencionar a noção de recorrência ou regularidade, não concebida em termos materiais, mas sim como manifestação social, resultado das relações intersubjetivas.

Haveria mais riquezas que o pensamento de Miller poderia trazer ao nosso trabalho, contudo não é nosso intento nos enveredarmos pormenorizadamente pelos caminhos da nova retórica. Swales (2005), conforme já afirmamos, também pertence à escola norte-americana da nova retórica e como tal, comunga de uma visão muito similar à de Miller, já que vê gêneros como um mecanismo social de interação,

resultante das relações humanas, criado pelos membros de uma comunidade, que assentam suas relações na linguagem, ou seja, são ferramentas desenvolvidas pelos homens no processo de comunicação.

No entanto, o teórico vê certa dificuldade em conceituar gênero porque alguns observam apenas aspectos formais da língua, não atentam para aquilo que Bakhtin já assinalava em sua teoria: as unidades discursivas, ou aquilo que é concernente ao discurso. Para ancorar sua concepção acerca de gênero, Swales (2005) se fia em quatro perspectivas teóricas de modo a orientar sua visão em relação ao conceito. Ele o faz transitando por campos de estudos diferentes: o folclore, os estudos literários, a própria linguística e por fim a retórica, cada qual com suas contribuições e riquezas. E foi com base nas contribuições extraídas desses quatro campos que autor procurou definir gênero, norteado por cinco características: ideia de classe, propósito comunicativo, prototipicidade, razão subjacente e terminologia.

Outro conceito importante trabalhado pelo linguista é o de comunidade discursiva. À medida que os discursos são produzidos e reproduzidos com certa regularidade, revelam a comunidade de usuários linguísticos que os utiliza. Trata-se de observar as convenções demarcadas pelos membros da comunidade, estipuladas quase sempre por aqueles que gozam de maior prestígio ou que foram outorgados para exercerem alguma função notável. Se aproximarmos as considerações de Swales com as de Charaudeau, veremos que, de certo modo, se relacionam, pois os constituintes das comunidades discursivas também são os atores que encenam determinados papéis sociais nas trocas comunicativas. É relevante notar determinadas marcas características de algumas comunidades discursivas, as do direito, por exemplo, são facilmente reconhecidas, pois nos gêneros que produz há o rigor na escolha lexical, presença de máximas e expressões latinas, fórmulas pomposas de tratamento entre os membros que a compõem, especialmente entre aqueles que ocupam um lugar de prestígio na organização, cujo modelo organizacional é marcado pela hierarquia.

Outro aspecto de proximidade entre a A.D e a Nova Retórica se dá entre os termos domínios discursivos, para a A.D, e comunidade discursiva, para a Nova Retórica. No caso da primeira, trata-se de um campo do saber humano, responsável por produzir composições discursivas com traços distintivos reconhecidos por aqueles que trocam os gêneros circulantes neste domínio. Contudo, a A.D prevê a

primazia do interdiscurso, ou seja, a incidência de outros discursos, oriundos de outros campos, sobre aquele que é elaborado por algum enunciador. Já no caso da Nova Retórica, Swales (2005) apenas destaca seis características constitutivas do conceito de comunidade discursiva, quais sejam: o conjunto de objetivos públicos compartilhados em comum, os mecanismos de comunicação entre os membros da comunidade, descrição do funcionamento da troca de informações, capacidade de desenvolvimento do elenco de gêneros que circula, o repertório lexical presente em cada comunidade e o conhecimento acumulado dos membros em relação aos discursos e conteúdos usados pela comunidade.

Isto posto, trazemos as contribuições de Bazerman (2005), especialmente porque será pelos seus estudos que comporemos parte do percurso histórico do gênero carta. Tal qual os dois teóricos da Nova Retórica, Bazerman dedica-se a estudar gêneros a partir de uma perspectiva social, ou seja, o desenvolvimento das sociedades humanas está intrinsecamente relacionado ao surgimento da escrita, manifestada, por conseguinte, em textos resultantes de formas de interação e, portanto, filiados a sistemas de atividades, ou em campos discursivos, de acordo com a análise do discurso.

Os textos escritos à medida que se proliferam denotam marcas linguísticas específicas daqueles que os produzem. Ora, desde o seu aparecimento, a língua escrita sempre se mostrou como um sinal distintivo, uma espécie de insígnia, responsável por distinguir grupos com acesso ao poder, à capacidade de manipular e determinar o funcionamento das ações sociais. Em virtude de a escrita constituir-se como um sinal hierárquico social, imputa-se à escola o resguardo de transmitir e oferecer o contato com o maior número possível de gêneros. Estudá-los, portanto, é uma forma de garantir possibilidades de transição entre esferas de poder, de figurar entre os que são letrados e dessa forma apropriar-se de privilégios, de satisfações que apenas alguns grupos de homens têm.

Para criar seu conceito acerca de gênero, Bazerman (2005) parte do pressuposto de que os enunciados, tanto os orais quanto os escritos, podem ser tipificados de acordo com as determinados atos nas circunstâncias em que se realizam. Bazerman (op.cit :29) faz uma observação valiosa em relação aos gêneros orais que deve ser aplicada aos gêneros escritos e desse modo expressa sua concepção a respeito de gênero:

*Se percebemos que um certo tipo de enunciado funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma maneira, quando nos encontrarmos numa situação similar, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar. Se começamos a seguir padrões comunicativos com os quais as outras pessoas estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar. Assim, podemos antecipar melhor quais serão as reações das pessoas se seguirmos essas formas padronizadas e reconhecíveis. Tais padrões se reforçam mutuamente. As formas de comunicação reconhecíveis e autorreforçadoras emergem como **gêneros** (grifo do autor).*

As palavras do autor, além de claras, mostram-se didáticas e ressoam nas práticas cotidianas de comunicação, nos mais diversos grupos e esferas sociais. Em algumas de forma mais tácita, em outras de forma mais visível, mas sempre com o objetivo de, pelo gênero escolhido para estabelecer a interação, cumprir certa intenção.

Tendo assim exposto o pensamento, mesmo que de forma recortada, de tão importantes teóricos, especialmente os relacionados à A.D, acreditamos ser suficiente e consistente o aparato teórico, devidamente explanado, aqui trazido, a fim de sustentar nosso trabalho.

2.4 – O Gênero do Discurso Carta: breve percurso histórico

O surgimento da escrita data de aproximadamente cinco mil anos atrás, com os primeiros escribas oriundos do império mesopotâmico. No período sumério, já se podiam constatar as primeiras manifestações escritas do homem, mesmo que de forma bastante rudimentar, se comparado com os meios físicos desenvolvidos pelo homem da atualidade, a fim de atender aos requisitos para se estabelecer a comunicação entre os membros das comunidades linguísticas.

Os primeiros sinais criados para marcar as relações interacionais e para concretizar transações comerciais entre pessoas de tribos ou famílias diferentes, resultou nos primeiros registros daquilo que ficou conhecido como escrita

cuneiforme, isso porque os caracteres da língua utilizada eram cunhados em pequenas tábuas de argila. Devido à expansão das cidades e regiões adjacentes ao mundo mesopotâmico, a cultura, manifesta e mediada na e pela escrita, também se proliferou. Por vezes, este movimento de expansão ocorria inevitavelmente por meio de disputas, guerras e conflitos.

Seja para sacramentar acordos comerciais, ou para demarcar traços de uma cultura, a escrita sempre esteve ligada à distinção de classes, de povos, pelo fato de se exercer poder sobre o outro. Nesse sentido, as escolas de escribas eram acessadas apenas pelos filhos dos líderes ou daqueles que exerciam funções sociais de maior prestígio. Os menos favorecidos e até mesmo os marginalizados ficavam responsáveis pela execução das obras, das atividades relacionadas à força física. Ao compararmos aqueles tempos remotos com a contemporaneidade, vemos que apesar dos avanços, o domínio da escrita e do bem falar, ainda é um fator que determina quem tem acesso a certos privilégios na vida em relação a outros, quem pode extrair o máximo de proveito em relação aos que apenas dispõem do mínimo.

Nosso objetivo em trazer estas informações não é outro senão exemplificar o processo de surgimento do gênero do discurso carta, ou seja, dadas as necessidades sociais de comercialização, por exemplo, ou de alguma informação importante quanto ao ataque de uma formação militar sobre a outra, a troca de conhecimentos relacionados à saúde ou a inventos para todos os fins, seguramente requereria o envolvimento da escrita como sinal sensível e visível capaz de garantir a realizações daquelas trocas sociais. Não tencionamos com isso, evidentemente, defender a ideia de tenha sido a carta o primeiro gênero a surgir e ser utilizado pelo homem, mas que os gêneros, e toda sua pluralidade, foram as primeiras ferramentas didático-rationais desenvolvidas para transmitir o conhecimento e todas as formas de culturas já transmitidas pelas inúmeras gerações.

Seja em tábuas de argila ou em papiros de pele de animais, à medida que os membros de maior prestígio, dentro das primeiras comunidades linguísticas, utilizavam os gêneros para estabelecer alguma transação, outros, percebendo o sucesso daquela troca comunicativa, reproduziam os traços característicos daquele uso linguístico. Assim, o uso de certos termos para o tratamento, a configuração das informações que descrevem algum produto a ser trocado ou utilizado como sinal do cumprimento de um acordo, passaram a se tornar frequentes. Utilizando um

exemplo simples que serve como analogia, basta pensarmos em uma criança que aprende a falar e andar: é imitando os pais e outras pessoas que lhe são próximas e participam ativamente do processo de educação, que as crianças reproduzem a fala, o andar e outras competências e funções. Devido ao contato com outras pessoas e formas de cultura, as crianças – o mesmo se aplica aos sumérios, novos traços, adaptações e funcionalidades são acrescentadas aos gêneros – assimilam novas formas de desenvolvimento.

O panorama apresentado até então nos mostra que o gênero carta emerge da elite, figurando entre grupos de pessoas relacionadas aos domínios político, militar, religioso, comercial e particular. De sorte que em decorrência da beleza como algumas cartas foram elaboradas, as circunstâncias de suas produções e as pessoas responsáveis pela escrita, passaram a ser contadas no mundo da literatura. E devido aos diversos domínios que se serviam deste gênero, a carta passou ter nomenclaturas distintas: a de convocação, a dos reis e grandes autoridades, a de acordos comerciais, a de pedido de socorro, a de divórcio – em um dos evangelhos, quando questionado acerca desta prática, Jesus fala da carta de divórcio estipulado por Moisés – e tantas outras.

Não é nosso intento listar cronologicamente as principais cartas produzidas ao longo da história, mas mencioná-las é uma forma de dar relevo ao nosso estudo e realçar a importância deste gênero na história do homem. Assim posto, passaremos do período sumério ao egípcio, no qual passou a ser costume a escrita de cartas aos mortos. Tal fato ocorria devido à desconfiança nos doutos, que desempenhavam funções importantes como médicos, arquitetos, dentre outros. Os escritores narravam os problemas enfrentados e se confiavam aos cuidados e intervenções daqueles que jaziam nas tumbas. Também enviam súplicas às divindades, escrevendo em tecidos de linho, papiros, pequenos vasos – conhecidos como ostracas – e tigelas colocadas juntas ao corpo do morto.

Passando da civilização egípcia para a grega, na qual germinou e se desenvolveu o pensamento ocidental e tantos outros princípios transmitidos de geração em geração até a contemporaneidade, verifica-se de modo mais amplo e aprimorado o uso das correspondências, sobretudo porque envolvia o universo filosófico. Diversos exemplares de cartas enviadas pelos grandes filósofos do mundo grego a possíveis discípulos e seguidores encontram-se preservadas e algumas

acessíveis. Nelas estão contido o pensamento e outras contribuições de grandes mestres e doutos, responsáveis por legar à posterioridade as formas de pensar, de agir no mundo, de como podem ser compreendidas as belezas transcendentais e tudo aquilo que é concernente à razão humana. A presença da filosofia no conteúdo das missivas imprimia nelas marcas de erudição, certo rebuscamento que ao mesmo tempo afastava pessoas simples, não tão bem formadas, do uso desse gênero e também exigia que os membros das comunidades linguísticas e demais usuários mantivessem o padrão de erudição, resumidos no bem escrever.

Das ágoras gregas para o império romano, símbolo da dominação, das grandes obras arquitetônicas, do direito, das legiões e de tantos inventos, a construção e organização de um império passam necessariamente por acordos, por informações valiosas, formações militares estratégicas, além das artes, da poesia, do teatro e outras necessidades. Um gênero como a carta era algo muito usado e difundido, dada a proporção geográfica alcançada por Roma e devido aos avanços conquistados, mudanças, ainda que pequenas, ocorrem no modo como se produzia e se trocava correspondências.

Ao fazer uma simples comparação, veremos que as cartas estão no império romano para aquilo que é o e-mail para as gerações do século XX e XXI. As cartas foram as principais ferramentas didático-religiosas utilizadas por São Paulo, apóstolos dos gentios, a fim de educar e fazer desenvolver nas pequenas, mas crescentes, comunidades o espírito e a doutrina do cristianismo. Onde a presença física do apóstolo não chegava ou alcançava, as cartas procuravam trazer alento, esperança e convicção nos valores transmitidos de Cristo ao grupo dos doze, cuja a missão era dar continuidade e ir além das fronteiras da pequena Jerusalém e chegar a todos os recônditos do império.

A teologia paulina presente em seus escritos não tratava apenas de incentivar novos membros recém-convertidos, mas visava a esclarecer algumas questões que provocavam cismas, contendas e diferenças entre seguidores dos ensinamentos apostólicos. Nesse sentido, os princípios pregados e seguidos pelos cristãos eram confrontados com o pensamento filosófico grego, bem como romano também. Assim é que em muitas cartas encontram-se valiosas lições, ensinamentos e argumentos responsáveis por fundamentar, séculos depois, toda doutrina apregoada pelo cristianismo. Não apenas um conteúdo estritamente religioso, em alguns trechos

podemos perceber as angústias perante a pressão e perseguição sofrida pelas altas autoridades romanas a quem os cristãos passam a incomodar e ser causa de preocupação.

Além de Paulo, João, apóstolo que conviveu com Cristo, a quem muitos exegetas atribuem a autoria de um dos quatro evangelhos, escreveu cartas (1^a, 2^a e 3^a) e o livro do Apocalipse. Sobre este último há um detalhe curioso que merece ser mencionado a fim de melhor ser vislumbrado o contexto no qual circulavam as cartas. Em virtude da difusão das ideias cristãs e o peso que a morte de Cristo, considerado pelo próprio Pôncio Pilatos como inocente, imputara aos judeus e indiretamente aos romanos, os discípulos ou pessoas que pregassem a fé em Cristo, poderia ser morto, porém na maior parte dos casos eram presos ou exilados. Assim sucedeu com João, um dos doze: ele fora preso na ilha de Patmos e de lá costuma se corresponder com as comunidades das quais era responsável. No entanto, como o conteúdo era supervisionado por autoridades romanas, o apóstolo cuidava em escrever servindo-se de símbolos e inúmeras metáforas, apenas conhecidas por seus seguidores. Por isso, a leitura de Apocalipse esconde tantos mistérios, codificações e inscrições que podiam ser bem compreendidas por homens versados e incumbidos de dar continuidade ao processo de evangelização.

E desse modo aquilo que um pequeno grupo de adeptos do estilo cristão de ser pregava e vivia, passou a ser a religião oficial de todo o império romano, marcado pelo culto de vários deuses, mas agora convertido ao cristianismo. Nesta transição, a carta desempenhou importante função, uma excelente ferramenta da qual se serviu a religião para ter vida perante todo um império que utilizava a força e as armas como formas de dominação e expansão.

A consolidação do cristianismo deu-se de forma gradual e paulatina, especialmente nutrida e fundamentada na filosofia desenvolvida pelos primeiros padres, sucessores dos apóstolos. Este período ficou conhecido como Patrística, nele verifica-se o esforço de homens que procuraram enaltecer as riquezas e profundidade do pensamento cristão respondendo às principais heresias surgidas como forma de suprimir o florescimento de comunidades cada vez mais sólidas.

Apesar de Roma ter oficializado a crença professada pelo cristianismo, a estrutura imperial permaneceu muitos séculos depois e somente por volta de 476 d.C, aproximadamente, em virtude das invasões bárbaras e outros problemas de

ordem político-administrativa, ocorre a queda do império e surge um período que ficou conhecido como Idade Média. Os historiadores costumam dividi-lo em três momentos: a Alta Idade Média (transcorrida entre os séculos V e X, nos quais houve a queda total do império romano e a transição para uma nova realidade estrutural), a Clássica Idade Média (compreendida entre os séculos XI e XIII, é neste período em que se condensam os elementos de maior destaque dentro do medievalismo: os feudos, as novelas de cavalaria, a vassalagem amorosa, dentre outros) e a Baixa Idade Média (situada entre os séculos XIV e XV, marcada pelo surgimento de novas teorias, inventos e descobertas, devido a atuação mais crescente das ciências).

Ao passo que a humanidade avançava, principalmente no que se refere às técnicas e sistemas organizados não mais sob a égide da igreja, o homem e as ciências produzidas por este ganhavam espaço e se proliferavam. Novas temáticas, estilos e estruturas composicionais, inerentes aos gêneros, conseqüentemente se desenvolveram. Não obstante, o poder para produzir e manipular gêneros como as cartas ainda se mantinha nas mãos de poucos. Mesmo assim a abrangência dos gêneros, sobretudo os escritos, se comparada com a realidade inicial sumeriana, era muito maior.

A linha de percurso que as correspondências seguiram até chegar a nossos dias trouxe registros de eventos grandiosos da história das civilizações. Em se tratando do Brasil, a título de exemplo, o primeiro gênero a ser elaborado por mãos e penas portuguesas fora justamente uma carta, na qual Pero Vaz de Caminha narra a grandiosidade da terra achada, o espanto provocado pelos costumes e diferenças no agir e ser dos nativos, a língua desconhecida, as comidas e uma infinidade de outros aspectos tão contrários aos vividos na Península Ibérica e na Europa.

Não objetivamos resgatar e comentar cada uma das cartas e circunstâncias em que as mesmas foram produzidas e quais mãos as redigiram, entretanto, as reflexões trazidas até então mostram o caráter plástico – híbrido, capaz de abrigar, em sua discursividade e textualidade, outros gêneros, sendo, outrossim, um gênero fronteiriço, já que em sua existência subjaz a intersecção com outros espaços discursivos – das correspondências, ou seja, trata-se de um gênero capaz de se aclimatar às culturas, às épocas de cada povo e com funções múltiplas. Portanto, desde as tábuas de argila usadas pelos sumérios até os tabletes do século XVI, os

gêneros absorvem as transformações e modificações sucedidas no decurso da história, ao mesmo tempo em que têm suas formas de produção igualmente modificadas. Muito embora a quantidade de gêneros, especialmente na contemporaneidade, seja algo imensurável, alguns exemplares, como as cartas, possuem propriedades basilares.

2.5 – A produção epistolar de Padre Antonio Vieira e a norma padrão culta do português

Antes de abordarmos propriamente o epistolário do Padre Antonio Vieira, convém situá-lo no tempo e recobrar dados relevantes acerca de sua pessoa, seus feitos e os impactos provocados por aquele que é considerado, além de sacerdote: soldado, diplomata, sermonista, pensador, polemista, homem de letras, de múltiplas faces e imperador da língua portuguesa. Por essas prerrogativas já se pode supor a vasta obra legada pelo orador barroco, como também sua versatilidade na produção de gêneros do discurso.

Antonio Vieira nasceu no dia 6 de fevereiro de 1608, na cidade de Lisboa. Era filho de Cristóvão Vieira Ravasco, tido como fidalgo de família nobre, e Dona Maria de Azevedo. Quando tinha seis anos parte para o Brasil, porquanto o pai recebera incumbência de destaque nas terras da então colônia portuguesa. Ainda menino, começa seus estudos no Colégio da Companhia de Jesus, sem contudo, apresentar grande envergadura intelectual, capacidade que apenas mais tarde lhe sobrevirá.

A vocação, ou melhor, o ingresso na vida religiosa se deu por volta do ano de 1623, apesar de os pais mostrarem-se contrários a tal caminho. Esse foi, por assim dizer, o primeiro de inúmeros percalços a serem vencidos na vida do jovem aspirante ao mundo religioso. E justamente em decorrências dos muitos dissabores pelos quais teve de passar, compôs, em um dos seus sermões, uma belíssima declaração de fé e confiança nos cuidados e zelo que o Céu dispensa àqueles que se deixam conduzir pelas sendas da Providência. Assim ele o diz:

Mas que seguro tem o porto quem navega nos braços da Providência divina, ainda quando a resiste e se opõe a ela! Haverá mais ou menos tempestade, haverá maior ou menor baleia, mas nem a fúria da tempestade, nem as gargantas e

ventre da baleia poderão estorvar os intentos de Deus. Ameaçar-vos-á a tempestade, mas não vos há de afogar; tragar-vos-á a baleia, mas não vos há de digerir. Assim levou Deus a Jonas a Nínive pelos caminhos de Jope; assim levou: Cristo aos discípulos a Jerusalém pelos caminhos de Emaús: Et ipse ibat cum illis. (VIEIRA, 2000:500)

Mesmo com a reprovação dos pais, Vieira mantém-se resoluto a ponto de fugir de casa e procurar abrigo junto ao colégio dos jesuítas. Lá é recebido e bem quisto, pelo fato de os encarregados da Ordem procurarem reter as melhores inteligências de modo a compor e tornar notável suas fileiras. Cumpriu dois anos de noviciado, período no qual professou, mesmo secretamente, os primeiros votos. A esta altura de sua vida, Vieira começa, efetivamente, a desenvolver seus dotes intelectuais que despontaram por conta de ser incumbido a escrever, em latim, as anuas². Estas correspondências eram comumente enviadas da Província ao superior geral em Roma.

Aos dezoito anos, segundo Bosi (1994), lecionava retórica no colégio de Olinda e mais tarde filosofia dialética. Foi ordenado sacerdote em 1634 e logo encetou a carreira de pregador eloquente e erudito, provando seu domínio no que concerne à oratória, por meio do famoso sermão, *Pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*. Antes de prosseguir, é conveniente relacionar as capacidades escritoras de Vieira com as etapas de sua vida. Considerando que ele, já muito cedo, começou a ensinar disciplinas tão complexas, elaborava as cartas da Ordem, então é de se supor que teve contato com muitos gêneros do discurso e não somente do domínio religioso. O fato é que somadas as capacidades de lecionar, expondo e arguindo conteúdos referentes à filosofia e outros temas; elaborar cartas para o superior da Ordem em Roma, fez do sacerdote uma pessoa polivalente na arte de produzir gêneros. Isso explica sua fama, o alcance de seus discursos e a proeza com que os engendrava.

Ao escrever, ensinar e pregar, imprimia em seus discursos um estilo peculiar, ao mesmo tempo registrava a inquietação de momentos históricos pelos quais atravessava, estava sempre no meio de conflitos, ora religiosos, políticos, éticos,

² A Relação ou Carta Ânua é uma correspondência endereçada aos membros da Ordem Inaciana (Jesuítica), pela qual se relata tudo o que se passou e ocorreu durante um ano ou mais tempo.

morais, sociais e tantos outros. O Barroco luso-brasileiro, respeitando as proporções, foi desenhado pela pena, eloquência e sagacidade daquele que desempenhou uma missão similar à de Paulo de Tarso, evangelizar e difundir o reino cristão em terras novas.

Quando da notícia da restauração de Portugal, Vieira parte para Lisboa com a intenção de manifestar sua lealdade ao novo monarca, D. João IV, perante a quem passa a gozar de grande prestígio e respeito. Da larga consideração que tinha junto ao rei, Vieira logra ser nomeado para várias embaixadas diplomáticas no estrangeiro, além de tornar-se pregador régio. Entretanto, a nação portuguesa de D. João IV, recém-liberta de sessenta anos de domínio espanhol, presa à políticas de colonização, não apresentava o mesmo aporte que outros países europeus.

A certa altura da vida sacerdotal, as intempéries sociais iam de encontro com a vocação que escolhera. Bosi (1994:44) descreve bem a conjuntura na qual se encontrava o recém-jesuíta:

As guerras do século entre as potências mercantis pelo monopólio do açúcar afiguravam-se ao jovem levita formidandos embates teológicos e ele faz seus anátemas do catolicismo espanhol contra os calvinistas.

O cenário apontado pelo professor e crítico literário refere-se às lutas provocadas pela Holanda, quando empreendeu esforços para demarcar seu domínio em todo litoral brasileiro.

Em 1652 recebe a ordem de regressar ao Brasil e logo é transferido para o Maranhão, onde se dedica à catequese e conversão dos índios. Nessa nova missão que recebe o padre, assusta-lhe os tratamentos imputados aos nativos e a incontável massa de negros que chega para trabalhar, ou melhor, para ser explorada em regime de escravidão, nas terras brasileiras. Além disso, condenava duramente o estilo de vida levado pelos brancos. Transcorridos alguns anos, inconformado por não obter atenção, face as muitas denúncias que fez ao rei de Portugal, resolve embarcar às escondidas para a terra natal.

Ao regressar a Portugal, é preso pela Inquisição, por causa de suas ideias sobre o V Império, por defender os cristãos-novos, além de ser favorável à causa dos índios e negros. Declarada sua sentença, o padre vê-se obrigado a ficar recluso

em uma casa jesuítica, sem o direito de pregar seus sermões. Desta vez, as adversidades ganharam proporções ainda maiores, pois não era somente Portugal quem estava em uma situação delicada, mas o próprio Vieira, cativo pela própria Instituição e família a quem sempre dispensou amor, fidelidade e defendeu em seus brilhantes discursos. Nesta condição de enclausurado e impedido de escrever permanece cerca de dois anos, até que é libertado.

Na ocasião de sua ida a Roma, com a finalidade de cuidar do processo de canonização de alguns jesuítas, aproveita o ensejo para tentar a anulação total da sentença condenatória do Santo Ofício. Em Roma, conquista a simpatia e admiração do povo italiano, apesar de desobedecer algumas imposições feitas pela Inquisição, sem mencionar sua nomeação a orador oficial do salão literário da Rainha Cristina da Suécia. Os revisores do caso ficaram espantados com tamanha injustiça cometida contra o sacerdote, até que o Papa isenta Vieira perpetuamente da jurisdição inquisitorial. Durante os anos em que vivera em Roma, alcançara incontestável prestígio, chega até a aprender e escrever textos em italiano.

De volta a Portugal, passa algum tempo em Lisboa onde pode compilar seus sermões, cujo primeiro volume sai em 1679. A saúde física do jesuíta está debilitada, mas não a da alma, que permanece intrépida. Novamente retorna ao Brasil e aí enfrentará novos dissabores, porque o novo pontífice houvera revogado a decisão do anterior. Mais uma vez a Inquisição estabelece algumas sanções e também na Bahia é acusado de tentar influenciar a votação do procurador da Ordem. Diante de reveses ainda tenta apelar ao superior geral dos jesuítas, em Roma, contudo as forças físicas não mais lhe permite prosseguir. Falece em dezoito de julho de 1679.

Após termos traçado os detalhes de maior relevo a respeito da vida daquele que é considerado o imperador da língua portuguesa, voltamos o foco de nossa reflexão para a produção epistolar de Vieira e a norma padrão culta do português. Abordar o tesouro jesuítico no tocante às cartas, obriga-nos, em certa medida, a considerar o modo de atuação da Ordem e sua missão-função na Igreja que se lança da Europa para as porções continentais encontradas exatamente no auge das navegações, e Portugal era uma das nações expoentes nesse aspecto.

A Ordem fundada por Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus, os Inacianos ou Jesuítas, surge no âmbito da Contrarreforma e como tal procura lançar a

semente do Cristianismo, reformulado e adaptado ao mundo a poucos passos da era moderna. Os sacerdotes jesuítas, quais outros apóstolos da têmpera de Paulo de Tarso, além de missionários eram também conquistadores, mas não ao modo dos exploradores, senão que o faziam trazendo e transferindo a cultura, a liturgia e todas as riquezas espirituais da fé cristã aos povos do novo mundo. Vieira, neste sentido, era um dos mais notáveis agentes de transição entre o Velho Mundo e o Novo, recontextualizava elementos das teorias circulantes na Europa agora na América.

Para dar cabo desta empresa, mais do que naus, bom tempo, fé, convicção e apoio das Coroas a quem eram fiéis, os padres jesuítas serviam-se das correspondências e estas ferramentas, por sua vez, inauguravam retratos, ângulos de um novo mundo que se afigurava aos olhos e desejos dos monarcas europeus. Eis porque, se assim desejarmos vislumbrar o nascimento, a formação de nossa história, carecemos estudar o epistolário da Companhia de Jesus.

É bem certo que dispunham das missivas para tudo registrar, não obstante se preocupavam com o modo pelo qual faziam as devidas adaptações, uma vez que, em terras estrangeiras, precisavam fazer-se compreender. Nesse sentido, a língua, seja na versão oral, seja na versão escrita, era objeto a ser ponderado pelos membros da ordem. As navegações não só trasladavam aventureiros europeus com especiarias e outros bens, como também, por meio dos padres e suas cartas, inauguravam um vasto processo de globalização. Se os computadores da contemporaneidade divisam a forma como os continentes interagem entre si no globo, de símile forma o faziam as correspondências jesuíticas. Pelas cartas eram confeccionadas novas cartografias e nações, antes incomunicáveis, agora são postas em processo de interação.

Os preciosos registros epistolares do período colonial em transcurso são devidamente abordados em Bueno (1996:48), quando diz:

O papel dos jesuítas no Brasil Colônia permanece imerso em controvérsias, mas ninguém pode negar que se revelaram umas das forças mais ativas na conquista e colonização do Brasil [...] Sem eles, a empresa colonial teria outros rumos e outros destinos – quais é difícil supor. No entanto, se não fossem as cartas e relatórios minuciosos daqueles padres – os

jesuítas praticamente não davam um passo sem registrá-lo, seria praticamente impossível reconstruir a história do Brasil Colônia.

Entretanto, não podemos ser tacanhos ao ponto de desconsiderar todo o processo de ajuste que os primeiros catequistas do reino lusitano empreenderam em terras brasileiras. Com efeito, Vieira veio para o Brasil já do século XVII, portanto haviam se passado 200 anos desde aquela primeira carta, a de Caminha, informando ao rei as belezas da terra, as criaturas exóticas, segundo o modo de ser europeu, e os recursos, ainda incalculáveis, passíveis de serem explorados. Ao levarmos isso em conta, obrigamo-nos a refletir os caminhos pelos quais passou a língua até se firmar como um sistema oficial, pelo que haveria de se formar os cidadãos-membros da colônia.

Ao recuarmos um século e meio, cerca da primeira metade do XVI, a língua portuguesa – antes reclusa, mas já tendo passado pela reconquista em decorrência da invasão árabe em grande parte da Península – passava por um processo de expansão, além dos limites do continente europeu. Acerca das tribulações vividas pelo povo lusitano, Spina (2008:280) nos conta nestes termos a esteira em que estava:

A partir de meados do século XVI a língua portuguesa passa por grandes transformações, enriquecendo seu acervo lexical, disciplinando as suas estruturas, competindo com a língua irmã, o espanhol, e expandindo-se para fora do seu domínio continental. Enriquecimento, disciplina gramatical, emulação com o castelhano e expansão da língua, principalmente a falada, para os povos conquistados – eis a fisionomia do português nessa época.

O fato de se proliferar, sobretudo na modalidade oral, não significa que não havia registros escritos. No entanto, é perfeitamente natural a vanguarda e espontaneidade da fala em relação aos cuidados e movimentos da escrita. Alguns historiadores costumam distinguir duas versões de língua utilizadas nesse século, a primeira, denominada português médio, teria se desenvolvido desde o século IX até XV, e a segunda, do XVI em diante, conhecido como português moderno. Quanto à primeira versão, abarca as produções tipicamente medievais, ou seja, as cantigas,

as prosas (especialmente com as novelas de cavalaria), os escritos da tradição escolástica (autos, comentários dos evangelhos, dentre outros documentos quase todos escritos em latim que influenciaram diretamente a língua portuguesa), as crônicas dentre outras. Já os escritos do português moderno acompanham o desenvolvimento do império lusitano, sobretudo em decorrência das expansões marítimas. São exemplos os versos de Camões, tanto a epopeia quanto os sonetos, a carta de Pero Vaz de Caminha e inúmeros outros gêneros elaborados na esteira das grandes navegações.

Em meio a este contexto, ou cenografia, tinha papel singular a contribuição do discurso religioso, pois desde o surgimento dos mosteiros, centro donde se irradiava cultura e erudição, o pensamento filosófico, a procura por respostas às inquietações humanas, a igreja mesmo tendo perdido espaço, influência e poder, certamente foi uma das forças mais pujantes que o mundo ocidental conheceu. Aliás, não seria de todo equivocado afirmar que o mundo ocidental teve sua face, senão criada e moldada, ao menos renovada pela ação da igreja desde o declínio do império romano até as eras contemporâneas, conforme nota-se em Dias (1998:15):

Um olhar, ainda que breve, sobre a Alta Idade Média, mostra como nela foram lançados alguns germens que, no período seguinte, se desenvolverão, envoltos em novas roupagens. A igreja, que há-de desempenhar papel relevante no ensino, na teologia, na filosofia, no comentário de textos e de doutrinas, vê, entre os séculos IV e VII, muitos dos seus membros difundirem pela palavra e pela escrita o seu pensamento. São os grandes pensadores ou doutores da Igreja, como Santo Ambrósio e Santo Agostinho, Santo Isidoro e Beda; ou um Cassiodoro, botânico e médico, que, na sua abadia de Monte Cassino, reúne numa suma todos os conhecimentos de medicina, desde a Antiguidade até ao seu tempo, obra que vai ter paralelo nas Etimologias de Isidoro de Sevilha, texto de maior amplitude, pois procura reunir todo o conhecimento humano, não se confinando apenas à ciência médica.

Reduzir a ação da igreja a tão-somente promoção de evangelização ou prestação de caridade, além de simplista, é de todo injusto, pois assim como a

imprensa, através das mais variadas mídias, coloca o homem em contato e o aproxima de universos culturais de todo tipo por meio dos inúmeros gêneros do discurso que manipula, de igual forma o fazia a igreja, já que, a riqueza de gêneros posta em movimento e circulação pelos seus mais ilustres membros, a tornava um polo de irradiação do saber humano. Focar o Renascimento, ou outros movimentos nos quais análises canhestras põem em contraste o legado do cristianismo e a liberdade da ciência é no mínimo tacanho.

O fato de termos recortado a citação anterior se dá em virtude de compreendermos o processo de latinização absorvido pela língua portuguesa. Ora, oficialmente, o latim, não o de soldados ou pessoas iletradas do antigo império romano, mas o de grandes doutos e bem formados cidadãos, era a língua oficial da igreja, portanto sempre presente nas composições circulantes mundo afora. Ter o latim, na versão mais refinada e erudita, significava dispor de um apoio consistente, já vigoroso há muitos séculos, o mesmo que figurou nas epopeias de Virgílio, em Marco Terêncio Varrão, em Cícero, Ovídio e tantos outros.

A presença do latim nos gêneros do discurso do povo lusitano – documentos do campo do direito, do âmbito religioso, comercial, político, dentre outros – propiciou o surgimento das primeiras gramáticas, quase todas com uma marca bem definida quanto ao princípio que as legitimava: o bem falar e escrever. Os latinismos inseridos ocorriam nos planos gráfico, fonético, morfológico, sintático e lexical. Cada um desses planos foi amplamente enriquecido por conta do latim, resultando desse modo, numa língua que lançou raízes e espalhou seus ramos para além dos limites da Península Ibérica. Um dos gêneros responsáveis por difundir erudição portuguesa, sua grandeza e filiação a um dos maiores impérios já construídos pelo homem, foi indubitavelmente a epopeia camoniana *Os Lusíadas*.

Ora, circunscrita num cenário conhecido como Maneirismo, *Os Lusíadas* é um exemplo de deslumbramento da cultura clássica, acerca do qual nos diz Spina (2008:282):

O deslumbramento da cultura clássica, suscitado pelo movimento humanístico da segunda metade do século XV, criou não só uma elite de eruditos (de que é exemplo um André de Resende, cujas obras foram escritas em latim), como propiciou o aparecimento das primeiras gramáticas da língua

portuguesa: debruçados na leitura dos modelos clássicos, sobretudo latinos...

A epopeia camoniana visa narrar as grandezas do povo lusitano de acordo com os moldes clássicos, pois assim também o fez Virgílio, Homero, símbolos monumentais da cultura greco-latina. Como se pode notar, pelo percurso que procuramos fazer a fim de mostrar as influências das culturas grega e romana, a língua portuguesa utilizada por Vieira em todo seu thesaurus epistolário, bem como em outros gêneros provenientes de sua genialidade, era o que havia de modelo não só no que concerne à filiação a uma variante culta de sua época, mas também em termos de estrutura composicional e estilo. Em alguns manuais de literatura, por exemplo, Vieira é tido como um dos expoentes de maior envergadura, quando se trata do período Barroco.

Portanto, adotar as cartas de Vieira como material de leitura e investigação, além de base para reprodução de gêneros do discurso, é ter acesso a interdiscursos, a saberes multidisciplinares acumulados há muito tempo.

CAPÍTULO III

O GÊNERO DO DISCURSO CARTA COMO FERRAMENTA DIDÁTICO- PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA

3.1 – Procedimentos Metodológicos

Para procedermos com análise das cartas produzidas pelos alunos, tendo como base o discurso epistolar de Vieira, utilizaremos algumas categorias de análise já expostas no segundo capítulo. Como, pois, Bakhtin foi o primeiro a abordar gênero sob o prisma do discurso, de suas contribuições selecionaremos as categorias concernentes à estrutura, estilo e tema, já de Maingueneau, cenografia. Antes de aplicarmos os processos analíticos, convém mencionar as condições nas quais ocorreram as produções elaboradas pelos discentes.

Os discentes, a maioria tem um ou dois anos além da idade prevista em relação à série a ser cursada, que colaboraram para a realização da proposta metodológica estão na primeira série do ensino médio, em uma escola pública do distrito de São Bernardo do Campo, Grande Abc Paulista. Trata-se de uma clientela de bairros carentes, situados em meio a encostas e áreas de manancial, que tem pouco contato com atividades que envolvam a escrita, restringindo-se à escola esta tarefa de aproximá-los dos mais variados campos discursivos. Os familiares, ao menos a maioria, são emigrantes advindos das regiões norte e, sobretudo, nordeste do Brasil, que saem de suas cidades, a fim de buscar trabalho e melhores condições de vida.

Levando em consideração o ambiente no qual vivem os alunos, bem com fatores sócio-econômicos e culturais, lidar com o gênero do discurso carta pareceu-nos, além de mais próximo, o mais adequado a ser trabalhado, já que poderiam utilizá-lo fora do âmbito escolar. O fato de termos selecionado uma carta do século XVII, escrita por Vieira, justifica-se em decorrência de sua qualidade, de apresentar uma organização estrutural bem definida, de fácil percepção-reprodução e por permitir o aprendizado dos conteúdos linguísticos esperados para a série já mencionada. A qualidade daquilo que pretendemos desenvolver, depende da base na qual nos espelhamos como modelo.

No papel de professor de língua portuguesa e respectivas literaturas, portuguesa e brasileira, apresentamos o gênero epistolar aos alunos no intuito de reconhecerem os traços próprios de uma carta. Depois de discutido sobre a evolução da correspondência ao longo do tempo, considerando a função social que desempenha nas comunidades linguísticas, situamos a carta de Vieira, as circunstâncias nas quais foi produzida e o fim para o qual se destinava. Assim, um dos primeiros aspectos notáveis e apontados pelos educandos é a distância histórica da escrita ou linguagem empregada. Além disso, a composição lexical também se refletirá no estilo, pois uma coisa é um sacerdote circunscrito no ambiente Barroco, século XVII, com a formação e erudição jesuítica, outra bem diferente é um aluno do período contemporâneo, século XXI. Dessas reflexões pode-se concluir que as condições de produção, ao longo tempo, provocam mudanças substanciais no modo como os gêneros são elaborados.

Das vinte produções escritas, escolhemos dez para compor a amostra. Salientamos os bons resultados obtidos diante da proposta, ou seja, dos vinte presentes na ocasião em que a atividade foi aplicada, todos conseguiram realizá-la. Excetuando a distância da linguagem empregada na carta base de Vieira em relação à utilizada hoje, os alunos procuraram manter o mais próximo possível a escrita da carta em relação a de Vieira, em razão de se trabalhar com modelos, ou seja, a escola utiliza-se de uma didática pautada em criação, por meio de algo já convencionalizado como modelar.

A estrutura composicional, categoria exposta no segundo capítulo, afigura-se-nos como o traço que é mais perceptível em uma leitura superficial, pois contribui para a identificação do gênero. Desse modo, o processo de reprodução trará os mesmos, senão semelhantes traços, ou seja, quando recebemos uma carta, seja de um amigo, de um parente, ou até mesmo de uma pessoa não próxima de nosso círculo de vínculos, ao respondermos a essa situação de comunicação, somos levados a compor nossa resposta com as mesmas características da enunciação primeira.

Sabemos que uma das estratégias utilizadas pelo fundador da companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola, para manter a coesão e o funcionamento hierárquico da ordem, era a escrita da carta ânua, na qual os membros procuravam relatar as informações de maior relevância no transcurso de um ano, e a remetia a um

superior. Para Vieira ter escrito seu epistolário, antes precisou ter contato com as correspondências circulantes, tanto aquelas escritas no âmbito da ordem, quanto as que punham os jesuítas em contato com discursos de outros domínios: político, social, econômico, filosófico, entre outros. E quanto a este fato, quando chegarmos ao tema, veremos que diversos outros discursos atravessam o discurso religioso das cartas de Vieira, graças à presença do interdiscurso.

A metodologia aplicada ao processo de leitura e escrita segue aquilo que a escola, na qualidade de instituição do saber, procura alcançar, ou seja, formar leitores e produtores de discursos não apenas para uma, mas para tantas quanto possíveis áreas do saber, para aqueles domínios discursivos que nos circundarão durante toda a vida: o religioso, o político, o literário e o filosófico. Certamente, dentro desses há toda sorte de gêneros dos quais se serve o homem para viver, compreender e fazer no mundo.

Como, pois, os alunos foram orientados a escrever as cartas de próprio punho, sem menção do nome, abordaremos cada produção com a denominação de: texto 1, texto 2 ... e texto 10. As produções foram fotocopiadas e anexadas a este trabalho. No entanto, para fins de recorte e análise, traremos versões digitadas e com algumas diferenças em relação à versão original, já que ao mudarmos de suporte inevitavelmente também mudamos a formatação e layout do gênero.

3.2 Análise

3.2.1 Análise da Carta de Vieira

A carta VII, dirigida a António Moniz de Carvalho, data de 21 de abril de 1646 e está compilada dentro do 1º tomo que o próprio organizador – João Lúcio de Azevedo – denominou Primeira Missão Diplomática: Paris e Haia. Tanto Vieira quanto seu interlocutor, com relação à função que desempenham, estão a serviço de D. João IV na qualidade de diplomatas da corte portuguesa. Em se tratando de exercer a arte da diplomacia, espera-se que o agente represente os interesses do país do qual é enviado, trate de acordos, assuntos, pactos, relações de toda sorte com outros países. Assim sendo, uma pessoa destacada para ser diplomata há de saber dominar a arte de produzir bons e eficazes discursos, pois os interesses de uma nação inteira passam pelo exercício de sua função. E no que diz respeito a

isso, Vieira mostrava-se como exímio orador, figura de argumentação ímpar em seu tempo.

Procedendo à análise com base na primeira categoria, a estrutura composicional, notamos que a organização da carta é composta de três parágrafos e segue um modelo epistolar –*ars dictaminis*– já muito utilizado que remonta a época escolástica (por volta do século IX ao XVI), ou seja, apresenta a seguinte disposição: *salutatio* (saudação ou cumprimento), *captatio benevolentiae* (obtenção de simpatia ou boa disposição do interlocutor), *narratio* (narrativa dos fatos), *petitio* (pedido) e *conclusio* (desfecho, despedida). Em razão de a teoria aplicada à análise contemplar o discurso e não elementos puramente retóricos, as reflexões construídas a partir dessa organização procurarão desvelar os efeitos de sentidos presentes ao longo da carta.

No primeiro parágrafo, Vieira, além saudar seu interlocutor de maneira muito respeitosa e elevada (*Senhor meu / Vossa Mercê*), narra os perigos pelos quais passou em sua aventura marítima até chegar em terras holandesas, precisamente em Haia, aos 21 de abril de 1646. Atribui a Deus – em quem crê estejam submetidas as forças da natureza e os perigos provocados pelos homens (...*nos livrou Deus quási milagrosamente*) – os cuidados obtidos, tendo a vida preservada perante as intempéries naturais a fim de melhor afrontar as negociações políticas, dada a situação entre Portugal e Holanda. Eis o que se pode ler no recorte da epístola:

Senhor meu. –Escrevo a V.M.cê da Haia, onde cheguei aos 18 do corrente, tendo escapado dos maiores perigos em que nunca me vi, porque, atrevendo-me a passar de Calais a Zelanda em um barco sem comboio, defronte de Dunquerque estivemos tomados daqueles piratas, de cujas mãos nos livrou Deus quási milagrosamente, fora da esperança de todos os que vinham embarcados; e na mesma travessia foi tão rijo o vento que nos levou um homem ao mar, que não pudemos recolher. (VIEIRA 2008:95)

Essa primeira parte da carta abriga não apenas o discurso diplomático, uma vez que seu produtor foi enviado para representar a coroa portuguesa e a fé professada por aquele povo: o cristianismo católico, nela também há a presença do discurso geopolítico, posto que haja referências a cidades e rotas marítimas por

meio das quais passava a comitiva diplomática de Vieira e, conforme o próprio relato do diplomata-sacerdote, viajava sem escolta, vulnerável a perigos, e também o discurso religioso. Os perigos descritos por Vieira nos ajudam a construir uma imagem das rotas marítimas usadas no Velho Mundo, as limitações de transportes, a vulnerabilidade na troca de informações ou concretização de alguma negociação. Diplomata em defesa de interesses políticos e econômicos, missionário em defesa da fé, como também do território a ser catequisado pela doutrina professada no reino português.

O tratamento dispensado ao co-enunciador (V.M.cê) revela o caráter humanístico cultivado pelos membros da ordem jesuítica. Os pronomes de tratamento: Senhor e Vossa Mercê (V.M.cê) evocam a noção de familiaridade primada por Padre Antonio Vieira a fim de cativar a outra pessoa, no intuito de tornar agradável e prazerosa a leitura das linhas seguintes. Tal efeito, ao se escolherem palavras tão pomposas, soaria na contemporaneidade, como um tratamento formal, segundo o qual suporíamos ser o co-enunciador alguém desconhecido ou uma autoridade de grande prestígio no contexto social.

Quanto a ortografia utilizada pelo enunciador, trata-se de uma produção do século XVII, período em que figurava a gramática normativa de Amaro de Roboredo, figura ilustre desse século. Além de também ser padre, Roboredo produziu densa obra sempre apoiado no latim e no modo como a língua de Roma era organizada. De suas publicações constam: *Methodo Grammatical para todas as Línguas*, *Regras da Orthographia Portugueza*, *Grammatica Latina*, além de dicionário *Raízes da Língua Latina*.

No recorte anteriormente citado, podemos notar a acentuação em algumas palavras que hoje não se grafa assim, é o caso de: *quási* e *puámos*. Uma boa razão para essa diferença é o fato de Vieira ser um exímio latinista e aplicar na escrita a herança e cultura da tradição religiosa medieval, que via no latim uma maneira de expressar soberania, seja política, cultural ou religiosa. Ademais, desejava Vieira, consoante com o filólogo e professor Amaro de Roboredo, difundir o império e a fé por meio da língua, calcada nos princípios do legado greco-romano.

No segundo parágrafo da carta VII prossegue-se o encadeamento do discurso de saudação e explanação dos infortúnios sofridos na longa viagem marítima feita pelo diplomata-missionário, conforme pode-se conferir no recorte:

De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também por mar, e de ambas as viagens com tempestade, de que se perderam, na primeira três e na segunda dois barcos da mesma carreira. Assim foi Deus servido que chegássemos vivos a esta corte, onde fico pousado em casa do senhor Embaixador, em cuja afabilidade e descrição acho tudo o que V. M.cê me tenha dito, com a diferença que fazem as notícias intuitivas às abstractivas. No Secretário experimento o mesmo, e me parece companhia com que se podem passar os rigores de um tão frio destêrro como este. Essa foi a maior pensão de Paris, estar nela em hábito, que não foi possível trocar a casa em que estávamos pela de V. M.cê, onde lográssemos mais tempo o que agora padecem nossas saudades. (VIEIRA 2008:95)

Há mais um relato de viagens a diferentes cidades da corte holandesa e nesses percursos marítimos também houve perdas por conta das tempestades. Novamente é atribuído a Deus o resguardo pela vida dos que chegaram em Roterdam, cidade onde Vieira fica hospedado na casa do embaixador. Surge, neste ponto da narrativa, um detalhe curioso a despeito da pessoa do embaixador: Vieira conta que encontra afeição, respeito e consideração por parte da figura política incumbida de lhe garantir hospedagem, mui diferentemente daquilo que os rumores atestavam sobre seu respeito.

A razão por que Vieira menciona a diferença entre o que se dizia e o que realmente experienciou, deve-se ao fato de os holandeses serem protestantes, portanto poderiam mostrar-se avessos à presença de uma autoridade portuguesa, ainda mais sendo essa autoridade um sacerdote católico. Além do embaixador, é citado também o secretário da embaixada em Haia e Paris, Dr. Feliciano Dourado, levado a Amsterdam prisioneiro. Vieira supõe encontrar no secretário a mesma cordialidade e apreço, pois diferentemente de Paris, cidade onde podia permanecer com trajes sacerdotais, em Haia, precisava vestir-se como civil e não como cidadão religioso que era. Então, conclui alegando diminuir tamanho desterro a presença de alguém amigo, compatriota, que ansiava por um Portugal livre, soberano e dilatado continentes afora, inclusive no Brasil.

Qual Paulo de Tarso apóstolo e missionário, Vieira não vê empecilhos em negociar até mesmo com aqueles que, nas circunstâncias históricas, políticas, religiosas e econômicas, eram adversários dos portugueses. Em toda missão para qual é destinado procura servir-se das possibilidades para defender a fé e, ao mesmo tempo, propagá-la e as pessoas que enviavam sabiam da fama dos seus discursos; afinal de contas constava de seu currículo sermões famosos, aconselhamento a reis e altas autoridades do universo europeu. No início da história do cristianismo, teve grande destaque a figura de São Paulo, homem de formação rigorosa e polida calcada na tradição judaica, foi graças a ele que a comunidade dos primeiros cristão ganhou, em meio ao mundo grego e romano, o respeito, estima e crescimento. Apesar de os outros povos serem vistos como gentios e, por conta disso, indignos da boa nova trazida por Cristo, São Paulo não mediu esforços para inserir o discurso religioso monoteísta no seio de sociedades politeístas e com literaturas há muito consolidadas e de grande envergadura. Ele também procurou, pelo gênero epistolar, disseminar a proposta e ideais daquele que antes perseguia, para doravante tornar-se defensor e difusor.

No modelo da *ars dictaminis*, tanto a *captatio benevolentiae* quanto a *narrativo*, narram fatos que prendem a atenção do interlocutor e provocam nele a necessidade de se cultivar a esperança por cenários melhores em Portugal, pois se por um ato de Providência, quis Deus que seu servo e diplomata-missionário chegasse, apesar dos infortúnios, vivo, certamente estava por prover algo grandioso para a coroa portuguesa. Outro efeito de sentido igualmente presente nos enunciados do sacerdote é o caráter humanitário carismático, uma característica presente no discurso religioso católico, porquanto se procurasse defender o espírito de comunidade, de irmandade e apreço pela liberdade. Muito embora também cristão, diferente era a moldura discursiva subjacente ao protestantismo.

A despedida e conclusão evocam pedidos insistentes e confirmam aquilo que apontamos no segundo parágrafo: Deus proverá, há de se colocar a favor dos portugueses nessa empresa, tal qual se colocara a favor e em benefício de Israel ao logo da história do povo eleito. A construção discursiva tecida e entretecida por Vieira conclama o interlocutor a se manter fiel à causa portuguesa e empreender os esforços necessários, posto que fé que mereça mercê é uma fé provada com obras.

A saúde e boa disposição hão de ser prerrogativas também da alma e não apenas do corpo, como podemos ler a seguir:

Fico com saúde, e mais animado nas esperanças deste negócio do que lá o estava. Queira Nosso Senhor dar-lhe o fim que desejamos. V. M.cê me faça mercê mandar muitas novas, e ter-me em sua graça, que, se fôr com o lugar que mereço, será o primeiro entre os amigos e servidores de V. M.cê. Deus guarde a V. M.cê muitos anos como desejo. Haia e Abril 21 de 1646. (VIEIRA 2008:95-96)

Chama-nos atenção a palavra negócio, empregada na conclusão da carta, na qual o enunciador diz estar bem de saúde e nutre esperança quanto à conclusão que espera para esse fim a que se lançara. Pertencente ou filiada mais propriamente ao discurso político, e também condizente com a função esperada ser desempenhada por um diplomata, a palavra usada pelo religioso esconde, com efeito, uma configuração sócio-político-religiosa muito mais ampla do que se imagina e para bem abordá-la há mister que a analisemos sob o prisma de outra categoria extraída de Bakhtin (2006): a temática responsável por gerar o propósito comunicativo da carta de Vieira.

Segundo consta de sua biografia, Vieira retornou ao reino de Portugal em 1641, na qualidade de integrante de uma comissão, cuja missão era pôr-se ao lado do então recém-eleito D. João IV, a quem juraria obediência. Entretanto, a situação política, econômica, social e o desenvolvimento como potência marítima, estavam por demais comprometidos devido a alguns fatores: por um lado havia a Espanha, país com quem a coroa portuguesa travava constantes batalhas, em razão de os povos lusitanos terem sido regidos pela soberania espanhola. Por outro lado, os Países Baixos que, com parte do território litorâneo brasileiro, explorava o comércio açucareiro e era um grande credor de Portugal. Soma-se a isso um reino dividido entre os que ansiavam por uma nação livre e imperial, segundo versificou Camões em *Os Lusíadas*, e os que consideravam melhor a submissão ao governo de Filipe IV da Espanha, monarca, inclusive, a quem muitos clérigos portugueses devotavam afeição.

Uma configuração como essa passava longe daquilo que o próprio Vieira escreveu sobre as profecias do Quinto Império. De qualquer forma, D. João IV

depositava grandes expectativas com relação aos discursos redigidos e proferidos pelo sacerdote jesuíta. Vainfas (2008:9) descreve brevemente a situação portuguesa:

O Portugal reencontrado por Vieira, no início de 1641, passava por tremendas dificuldades: privado de várias possessões no Atlântico e no Índico; ameaçado pela Espanha, inconformada com a rebelião de 1640; dilacerado internamente pela luta de facções. Parte importante da nobreza e da Igreja permanecia leal a Felipe IV de Espanha, apostando na queda de D. João IV.

Toda a temática referente à missão de Haia, constitui-se, segundo definiu o próprio Vainfas (2008), como uma “missão secreta” na qual Vieira era encarregado de auxiliar o embaixador Sousa Coutinho nalgumas negociações, especialmente na compra dos territórios, denominados capitânicas, produtores de açúcar. “Missão secreta” é algo que coincide perfeitamente com negócio³, termos acentuadamente políticos, mas que se confundem, ou como é melhor definir, é atravessado pelo discurso religioso. A construção desses efeitos de sentido, assim organizados, evoca a ideia de que Vieira não tem apenas dotes intelectuais bem desenvolvidos, além disso, ele tem o próprio Deus a seu favor, Pessoa que o assiste, instruí e acompanha nos embates que os discursos suscitam.

Pressionado por duas grandes nações, Portugal carecia avançar nas negociações, porque contra a Espanha já travava disputa, ter também a Holanda como inimigo era algo que traria a aniquilação completa para a coroa de D. João IV. Perante o contexto frágil e delicado, a saída mais plausível era tentar estender tanto quanto possível a compra das capitânicas exploradas pela Companhia das Índias Holandesas, levar ao desgaste o processo comercial, já que concomitantemente um levante de insurgentes começa a fazer frente à presença e atuação da Companhia Holandesa em solo brasileiro. Eis um bom ensejo para se provar as qualidades de um bom diplomata: não ser inflexível que não permita a negociação, mas também não ser tacanho que ponha em risco o brio, as riquezas e soberania de um povo, sobretudo se este povo for o lusitano, cuja língua herdou a base e sustento do Lácio.

³ Consta do último parágrafo da carta de Vieira: *Fico com saúde, e mais animado nas esperanças deste **negócio** do que lá o estava. Queira Nosso Senhor dar-lhe o fim que desejamos.*” (grifo nosso)

Tendo em conta a situação provocada pela rebeldia dos colonos em terras brasílicas, muitos apostavam em um calote, pois consideravam alta por demais a quantia ofertada à Holanda, já outros por temerem as despesas humanas e materiais de outra guerra, não se importavam com valores, e sim com a paz e desenvolvimento portugueses. No cerne da questão figurava Vieira, que não apostava tanto nas armas cantadas por Camões, mas em outro tipo de arma: a força e poder do discurso. E para pesar e frustração daqueles que ansiavam por uma nação com características e ações típicas de um quinto império, Vieira aconselhava no sentido contrário, ou seja, mais razoável era pagar as exigências feitas pelos holandeses, ainda que para isso precisasse elevar os valores postos em acordo.

A temática que perpassa a carta de Vieira é bem delongada, prolonga-se décadas afora. Diferente causa não teria se considerarmos a época do desenrolar dos fatos: o discurso do gênero epistolar é produzido em 1646, portanto as viagens, as notícias, os acordos e toda composição imaginável de gêneros circulantes nesse período de tempo é vagarosa se comparado com os recursos dos quais dispõe a sociedade do século XXI para pôr em funcionamento os gêneros elaborados.

Da mesma forma como o tema relaciona-se com algum domínio discursivo e para ele aponta, assim também o estilo, terceira categoria de análise extraída do pensamento bakhtiniano, relaciona-se com o enunciador do discurso, a função social por ele desempenhada e ações esperadas para este lugar na sociedade.

Para abordarmos o estilo de escrita de Vieira, alguns fatores são valiosos. Um deles, em certa medida já mencionado aqui, é a educação jesuítica na qual Vieira esteve imerso durante todo o tempo de sua formação enquanto estudante, tanto dos estudos regulares quanto os especificamente religiosos. Igualmente contemplado em nossas considerações, é o fato de que o fundador da Ordem procurou organizar uma comunidade religiosa capaz de atuar nas linhas de frente na Igreja, justamente no período da Contrarreforma.

Com efeito, a escolástica (atingiu o ápice no século XVI em centros como Coimbra e Salamanca) era um método de aprendizagem, cuja finalidade era conciliar a fé cristã, amplamente difundida por grande parte, ou quase toda, Europa, com uma episteme, sobretudo o conhecimento produzido pela filosofia grega. Seguramente, a metodologia escolástica é uma força que influencia o estilo de escrita de Vieira, seja porque ela é oriunda dos grandes e mais influentes centros de

irradiação de cultura que o mundo medieval conheceu: os mosteiros, ou porque a arte de bem escrever e sistematizar elementos da fé cristã, era uma forma apreciada e cultivada pelos jesuítas, que criam revelar Deus pela língua. Como fosse Deus, ideia sobressalente e primaz no discurso religioso, justo seria inseri-Lo também no discurso político ou de qualquer outra natureza, porquanto este haveria de ser motivo de maior convencimento ou eficácia nas relações diplomáticas às quais se lançara o sacerdote.

No entanto, a configuração no âmbito político passa por mudanças muito mais rapidamente que o universo religioso. O Renascimento firmava-se como um movimento de grandes mudanças, já desde o século XV, nas nações do mundo europeu, porém, no caso de Portugal e Espanha, em decorrência dos descobrimentos marítimos, fulgurou o espírito de triunfalismo dos reis e membros da nobreza, associado ao messianismo corrente. Bosi (1994:29), diz:

Ora, o estilo barroco se enraizou com mais vigor e resistiu mais tempo nas esferas da Europa neolatina que sofreram o impacto vitorioso dos novos estados mercantis. É na estufa da nobreza e do clero espanhol, português e romano que se incuba a maneira barroco-jesuítica: trata-se de um mundo já em defensiva, organicamente preso à Contrarreforma e ao Império filipino, e em luta com as áreas liberais do Protestantismo e do racionalismo crescente na Inglaterra, na Holanda e na França.

Segundo pode se constatar, o espírito religioso movia e projetava os modos como as relações políticas se estabeleciam na Península Ibérica. Outro aspecto de grande relevo apontado por Bosi (1994) é a condição de sentir-se na defensiva. De fato, nessa carta e em outros discursos, Vieira constrói enunciações imersas em oposições, quase sempre resultados dos embates que travou ao longo da vida, nas diversas cortes por onde passou, inclusive na própria igreja, por ocasião das desconfianças da Inquisição. Esses conflitos travados pelo sacerdote convidam o co-enunciador do discurso a vislumbrar a figura de Deus como um grande Juiz, condescendente com a causa portuguesa, única força e poder capaz de resgatar a dignidade e majestade da coroa lusitana perante os outros reinos da Europa. Sentimento nostálgico, em gênero de discurso diferente, encontra-se na poesia de Camões, ele produz em sua lírica sonetos, cuja métrica obedece a padrões

clássicos, porém em se tratando do conteúdo, vemos a expressão do desengano, do pessimismo e desconcerto do mundo, materializados nas figuras de linguagem, especialmente o paradoxo. Em decorrência de o sistema medieval estar em profundo declínio, em todos os aspectos, não havia segurança nas verdades construídas e defendidas há séculos, ao mesmo tempo em que emergia o sentimento de avançar para o novo (as navegações, o mercantilismo, a laicização), havia a preocupação de abandonar as bases sólidas, cuidadosamente edificadas na Idade Média.

Mencionamos que o estilo está intrinsicamente ligado ao campo de atuação social no qual o enunciador está filiado. No caso de Vieira, sabemos que era mais do que simples sacerdote ocupado com a elaboração de discursos para missas, atendimento a fiéis em confissões ou demais sacramentos e ritos próprios da função religiosa. A própria missão de Haia é um bom exemplo da desenvoltura do padre, já que nesse cenário atua como diplomata. Em outros casos e contextos era conselheiro, advogava a favor dos índios, negros e judeus convertidos. Trata-se de alguém cuja ferramenta principal de trabalho é a própria palavra, as relações criadas e mantidas em sua carreira tinham como alicerce o estilo engenhoso de construir discursos.

Porque de forma exímia produzia discursos com estilo magistral, chamava atenção de reis e altas autoridades, tanto dentro quanto fora dos domínios religiosos. De um sacerdote, espera-se tão somente que ministre de maneira humilde os sacramentos, zele pela formação moral dos que lhe foram confiados e defenda as verdades e demais ensinamentos constantes da doutrina professada, mas Vieira foi mais além, projetava-se e atuava em outros campos discursivos e neles exercia papel preponderante, especialmente por conta de seu caráter humanístico. A exemplo do próprio Cristo e de outros ícones da história do cristianismo, não eram as riquezas, o parentesco com alguém influente ou poderes mágicos que o lançava a diferentes cenários, mas apenas o poder dos discursos, os gêneros tão bem produzidos, seja oralmente, ou com a pena.

As considerações concernentes ao estilo, ancoram-se em um dos apontamentos feitos por Bosi (1994: 45) que diz:

De Vieira ficou o testemunho de um arquiteto incansável de sonhos e de um orador complexo e sutil, mais conceptista do

que cultista, amante de provar até o sofisma, eloquente até a retórica, mas assim mesmo, ou por isso mesmo, estupendo artista da palavra.

Para se construir uma sociedade letrada, é mister haver membros que produzam os mais variados gêneros de discurso com qualidade. Quando se trata de língua portuguesa, Vieira é da mesma esteira que Camões, Pessoa, Anchieta e tantos outros nomes. E os grandes nomes das letras brasileiras, de certo modo, também recorreram aos escritos de Vieira para elaborarem o que temos de mais refinado.

Mesmo na contemporaneidade, com as facilidades e agilidade proporcionada pelas diversas mídias, em especial aquelas cujo suporte é a internet, faz-se necessário modelos já consagrados pelo tempo e aceitos pelos membros das comunidades linguísticas. Nesse sentido, a leitura dos discursos vieirianos impõe-se como fonte de formação para futuros leitores e produtores de outros discursos nos mais variados gêneros que a sociedade dos nossos dias produz.

Destacamos, diante do exposto, o papel da escola como unidade social responsável pela transmissão do saber, feita hoje, com base nos gêneros do discurso. Proporcionar o contato do educando com gêneros desse alcance é permitir seu ingresso em ambientes e esferas sociais mais prestigiadas e, por conseguinte, inseri-los em um universo de cultura e dignidade.

3.2.2 Análise das Cartas produzidas pelos alunos

Os recortes a seguir foram selecionados das produções dos discentes e, a fim de não haver falta de clareza, esclarecemos que os recortes serão considerados com a designação de texto 1(t1), texto 2 (t2) ...texto 10 (t10), isso porque, se utilizássemos a nomenclatura carta 1, carta 2...carta10, poder-se-ia confundir com a carta VII, cuja autoria é do próprio Vieira e não dos alunos. As cartas escritas pelos discentes são assinadas com o nome de Vieira, pois, para preservar a temática corrente em 1646, consideraram mais coerente manter a assinatura da carta VII.

Estes três recortes referem-se à saudação, presente no primeiro parágrafo da carta escrita pelos alunos:

Texto 1 - *Caro Antônio, escrevo de Haia, onde cheguei em 21 de abril de 1646; onde escapei de grandes perigos que nunca vi, porque, atrevendo-me a passar de Calai o zelando em um barco sem comboio, procimo do porto de Dumquerque ficamos escutados com os piratas, cujo Deus nos livrou milagrosamente, fora da esperança de todos os que vinham embarcados; e na mesma trajetoria o vento era tão resistente que lançou um homem ao mar, que não pudemos resgatar.*

Texto 3 - *Prezado Senhor. – Escrevo a Vossa Senhoria de Haia, onde cheguei no dia 18 desse mês, tendo escapado dos maiores perigos que nunca me envolvi, porque, ousando-me a passar de Calais a Zelanda em um barco sem escolta, a frente de Durquerque fomos abordados por aqueles piratas, dos quais Deus nos livrou milagrosamente, contrariando a pouca esperança de todos os embarcados; e na mesma travessia o vento foi tão forte que levou de nós um homem ao mar, o qual não pudemos salvar.*

Texto 4 - *Prezado Senhor. Escrevo a Vossa Senhoria de Haia onde cheguei no dia 18, de abril do Ano de 1646 tive que escapar dos maiores perigos que nunca vi, porque, me atrevi a passar de Calais a Zelanda em um barco sem escolta, de frente cuja mão de Deus nos livrou milagrosamente nos livrou dos Piratas, todos os que estavam embarcados sem esperanças, e na mesma travessia o vento estava rígido que levou um de nossos homens ao mar, do qual não pudemos salvar.*

Na saudação escrita pelos discentes, nota-se o emprego de pronomes de tratamento, referentes ao estilo. Nos textos 3 e 4 os pronomes usados são **prezado senhor**, já no texto 1 **caro** – apesar de ser um adjetivo, em termos de sentido, pode funcionar como pronome – seguido do nome do co-enunciador. Nos dois primeiros (t3 e t4), a escolha do pronome provoca o efeito de certa distância entre os envolvidos no processo de comunicação, o grau de formalidade parece elevado para pessoas já há muito conhecidas. Ao passo que no segundo (t1), o uso do pronome

caro, já revela uma amizade cultivada de longa data e, quando comparado ao estilo do jesuíta, soa mais similar. É importante considerar também que as escolhas lexicais dos discentes condizem com a época em que vivem, ou seja, trata-se de linguagem vigente no século XXI.

Em relação aos desvios gramaticais encontrados em t1, t3 2 t4, referem-se à ortografia, pontuação e acentuação. Apesar de haver alguns da ordem da semântica, não comprometem a organização estrutural do gênero carta. Salientamos que não tencionamos prescindir dos aspectos gramaticais, entretanto importa-nos, segundo Bakhtin, as unidades concernentes ao discurso, mesmo porque a língua em uso precede a língua escrita.

A tabela abaixo é uma forma gráfica de condensar o que fora produzido pelos discentes em relação ao gênero do discurso carta, escrito por Vieira.

Quanto à estrutura composicional e ao estilo, as cartas dos discentes apresentam:	
Itens	Recortes das Cartas
a) Três parágrafos: [Estrutura]	sete textos de dez. Há uma com quatro parágrafos e duas com dois.
b) Saudação: [Estrutura]	todos os dez textos apresentam saudação ao interlocutor.
c) Desenvolvimento: [Estrutura]	todos os dez textos contemplam o desenvolvimento do tema.
d) Despedida: [Estrutura]	todos os dez textos encerram a carta com votos de saúde e elevada estima do enunciador para com o co-enunciador.
e) Pronomes de tratamento: [Estilo]	Senhor meu; Prezado Senhor; Meu Senhor.
f) Data, lugar, assinatura: [Estrutura]	sete textos apresentam data, lugar e assinatura, porém em três não constam assinatura, apenas data e lugar.
g) Nome do co-enunciador: [Estrutura]	todos os dez textos apresentam o nome do interlocutor .

h) Adequação à norma padrão culta: [Estilo]	todos os dez textos apresentam, mesmo que poucos, desvios, sejam referentes à pontuação ou a ortografia.
---	--

Já tratamos, referente ao apontado na tabela, os itens **b**, **e** e **h**. Em razão de os recortes contemplarem, igualmente, o item **f**, deles servir-nos-emos de modo a destacar a data/lugar em que a carta foi escrita e a assinatura. Para reconhecermos o gênero epistolar, necessário é que traga visível na materialidade do texto informações referentes a data, nome do enunciador e local de onde se é produzido o discurso. Nesse sentido, t1, t3 e t4 informam-nos a localização da enunciação: Haia, Holanda. Além disso, há também a data exata da produção: 21 de abril de 1646, já a assinatura do enunciador é posta no fim. Esses dados são de suma importância porque neles estão implicados o tema e o estilo. Ao circunscrevermos acontecimentos na linha do tempo, conseqüentemente filiamos os discursos aos temas, inerentes a cada época, e com base neles é que podemos reuni-los em domínios discursivos. Ora, em decorrência de ser Vieira o enunciador do discurso, produzido em Haia, Holanda, por ocasião de uma missão diplomática, é que podemos dizer se tratar de um discurso político-religioso, no qual um é atravessado por outro e vice-versa, configurando assim o interdiscurso.

Para dar cabo do item **c** selecionamos mais alguns recortes de diferentes textos.

***Texto 9** - De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também pelo mar, e todas as viagens foram com tempestades, na primeira tempestade, perdemos três barcos, e na segunda tempestade, perdemos dois do mesmo percurso habitual. E assim Deus nós protegeu para ter chegarmos vivos a esta côrte, onde estou repousando na casa do senhor embaixador; cuja educação e modestidade é tudo o que o senhor me disse, com a diferencia que fazem as notícias intuitivas as apartar. No secretário experimento o mesmo, me parece companhia com que se podem passar os rigores de um tão frio detêrro como este. Essa foi a maior bensão de Paris, estar nela com hábito, que não foi possível trocar a casa em que estivamos pela do*

senhor, onde desfrutaríamos mais tempo o que agora soporta nossas saudades.

Texto 5 - *De flessinga a dort, e da dort a rotterdam viemos também por mar, e de ambas as viagens com tempestade, de que se perderam, na primeira três e na segunda dois barcos do mesmo percurso habitual de navio. Assim foi deus servido que chegássemos vivos a este no palacio, onde fico abrigado na casa do senhor Embaixador, em cuja qualidade de que é afável e discrição acho tudo o que o senhor me tinha dito. Com a diferença que fazem as noticias intuitivas as distinguindas. No secretario experimento o mesmo e me parece companhia com que se podem passa as dificuldades de um frio muito grande. Essa foi a maior alegria de paris, estar nela em habito, que não foi possível trocar a casa em que estavemos pela do senhor, onde legrassemos mais tempo o que agora padecem nossas saudades.*

Texto 8 - *De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também pelo mar, e de ambas viagens com tempestades, de que se perderam, na primeira tempestade três barcos, e na segunda dois, do mesmo percurso habitual. Assim foi Deus que quiz que chegássemos vivos a está corte, onde fico hospedado, na casa do senhor Embaixador, cuja a qualidade de quem é afável e modesto, achei tudo sobre os boatos que diziam, com a diferença que dizem as notícias intuitivas e as abstractivas. No secretário experimento o mesmo e me aparece a companhia que se pode passar os rigores de um tão frio desterro como este. Essa foi a maior pensão em Paris, está nela em habito, a qual não foi possível trocar a casa que estavamos pela do senhor, onde conseguir mais tempo, o que agora temos que suportar, nossas saudades.*

Os recortes acima organizados correspondem respectivamente a t5, t8 e t9, no corpo da carta constituem o segundo parágrafo. Conferem ao discurso a progressão temática ou desenvolvimento do assunto em questão. Ao darem

continuidade e desenvolverem o tema já assinalado na saudação, justo é que apresentem alguns conectivos, a fim de garantir coesão e sequenciamento ao texto. Juntamente com alguns pronomes os conectivos concorrem para firmar as teias de ideias dispostas ao longo do texto.

Acerca do desenvolvimento, vê-se que a narrativa ganha mais detalhes em relação aos fatos ocorridos durante as viagens marítimas, além de serem acrescentadas novas informações referentes à pessoa do embaixador e outros detalhes da cultura holandesa. Nesse ponto, é perceptível os discursos se entrelaçarem, ora age o político, ora o religioso.

Resta-nos abordar os itens **a**, **d** e **g**. Os itens **a** e **g** podem ser verificados nas dez cartas escritas pelos alunos, ao passo que o item **d**, verifica-se com base no parágrafo de conclusão da carta. Assim, começemos com os recortes (t6, t7 e t2) que contemplam o item **d** (conclusão):

Texto 6 - *Fico com saúde, e mais animado nas esperanças dêste negocio do que lá o estava. Queira nosso senhor dar-lhe fim que desejamos senhor me faça mercê para mandar muitas novas, e ter-me em sua graça, que se fôr como lugar que mereço, será o primeiro entre amigos a servidores do Sr. Desejo que Deus guarde você por muitos anos.*

Texto 7 - *Estou com saúde e desejo ao senhor que Deus te guarde por muitos anos.*

Texto 2 - *Fico bem, e mais animado nas esperanças deste negócio do que lá estava. Queira Nosso Senhor dar-lhe o fim que desejamos. O Senhor me faça agradecimento mandar muitas novas e ter em sua graça, que, se for com o lugar que mereço, será o primeiro entre os amigos e servidores do senhor. Deus guarde o senhor muitos anos como deseja.*

Os três recortes concluem e desfecham o gênero do discurso carta. Neles é enfática a necessidade de Deus, sempiterna autoridade do domínio religioso, manter firme a esperança dos agentes portugueses diante das negociações que envolvem vastas áreas de cultivo no Atlântico-Sul e outras áreas das regiões Africanas. Há o

cuidado de estreitar os vínculos desejando a saúde e vigor para os futuros embates discursivos, marca típica do estilo do Vieira.

Das categorias extraídas da obra de Bakhtin (2006), rumaremos para as de Maingueneau (2004). Conforme a linha desenvolvida pelo autor francês, os conceitos de cena englobante, cenografia e cena genérica são fundamentais para se realizar um estudo a respeito de gênero do discurso.

Retomando o que já exposto está no capítulo teórico, por cena englobante entende-se todo o contexto circundante à ação discursiva. Logo, toda situação política, econômica, social e religiosa de Portugal incide e enseja a atuação diplomático-religiosa do sacerdote em terras holandesas. Esse detalhe contextual permite-nos já vislumbrar a possível rede de gêneros de discurso que se formam em torno da situação. Acordos implicam documentos, trocas, concessões, solicitações, regras, contratos, cartas e tantos outros gêneros responsáveis por concretizar aquilo que os discursos suscitam. Uma vez que dos gêneros antes mencionados, aquele sobre o qual nos debruçamos é a carta, será com base nela que poderemos compreender a configuração histórica vivida pela coroa lusitana.

No século XVII, o gênero de discurso que melhor cumpria a troca discursiva entre pessoas localizadas em pontos distantes geograficamente era a carta. Tanto Vieira quanto seu co-enunciador careciam de uma forma de comunicação capaz de organizar a(s) melhor(es) estratégia(s) discursiva(s), a fim de atingirem os objetivos da missão diplomática e o mais pretendido por Portugal. Então, surgida a necessidade da correspondência, emergem, por conseguinte, os traços prototípicos da cena englobante presentes no gênero do discurso carta. Evidentemente, não dispomos do envelope, do selo, mas tão-somente do texto em si e, nele, de igual forma, também constam os traços característicos de uma carta, já explicitados na categoria referente à estrutura.

Ao ser apresentado aos discentes, o discurso epistolar do Vieira, endereçado ao Senhor António Moniz de Carvalho, foi prontamente reconhecido como uma carta. No entanto, é pouco saber apenas relacionar características aos gêneros, importante, além disso, é interpretar o próprio discurso subjacente ao gênero, razão por que necessário é explicitar e contextualizar o cenário de produção. Depois de conhecidas as circunstâncias, consideraram mais razoável apropriarem-se do

discurso presente na carta para depois ajustá-lo à linguagem de nossa época, século XXI.

A cena englobante mostra-se, nesse sentido, fator de grande importância, pois nela se encontram as pontes com outros discursos. Isso exige, por parte do leitor, conhecimento multidisciplinar de modo que nada se perca, mas tudo unido e coeso, concorra para a compreensão global do discurso. Não se trata, é bem certo, de esgotar os sentidos nele dispostos, mas ampliar o alcance de leitura e entendimento de um gênero. O estudo do discurso, segundo já afirmamos, pode ser comparado a uma lupa que nos permite enxergar as entrelinhas e a cena englobante revela-se como uma das camadas responsáveis por nos permitir esta visão mais privilegiada e abrangente.

Depreender a cena englobante da carta de Vieira supõe pensarmos nos discursos da Contrarreforma, Reforma Protestante, navegações, exploração das terras do Atlântico Sul, as Índias Orientais, expansão daquilo que mais tarde consolidou-se como sistema capitalista, o domínio espanhol sobre a coroa portuguesa, o Renascimento e com ele a pujança do pensamento científico em relação ao religioso. Tudo isso, direta ou indiretamente, reverbera no discurso do gênero carta, produzido por um sacerdote-diplomata da Companhia de Jesus, no período seiscentista.

Por um lado Vieira confiava à ação providente de Deus remédio para os males políticos, sociais, econômicos e religiosos portugueses, para tanto, apoiava-se na engenhosidade de seus discursos e tinha o respeito e afeição de D. João IV. Por outro lado, havia o desejo de muitos portugueses de não estabelecer qualquer acordo com holandeses, de assumir os riscos de outra guerra em vista da liberdade e soberania portuguesas.

A escolha lexical desempenha papel relevante na compreensão da cena englobante, pois além de filiar os discursos a domínios, contribui para os relacionarmos a acontecimentos e situações. Compreender a palavra “negócio”, escrita em uma carta por um sacerdote requer uma leitura que a relacione à diplomacia, à compra das terras colonizadas pela Cia das Índias, à necessidade de ter a Holanda como parceiro e não como adversário.

Uma cena responsável por englobar todos os elementos na qual as ações discursivas sucederão depende do enunciador e co-enunciador que figurarão na elaboração dos discursos. Estes atores desempenham papéis sociais nos mais variados campos de atuação humana, de sorte que nos gêneros por eles produzidos há diversos indícios ou pistas de quem de fato são. Se da parte do enunciador, Vieira, muito já abordamos, convém tratarmos algo a respeito do co-enunciador, António Moniz de Carvalho.

Muito embora não tenhamos a correspondência ou outro registro escrito pelo Sr. António Moniz de Carvalho, sabe-se que, no contexto em questão, desempenhava a função de secretário da embaixada portuguesa na França. Tal fato indica algumas deduções a respeito da condição social do referido membro da missão: trata-se de alguém pertencente à aristocracia portuguesa, com elevados dotes intelectuais, conhecedor de línguas, especialmente latim e, assim como Vieira, pessoa de confiança e próxima de D. João IV. Ao desvelarmos cada um dos detalhes presentes na cena englobante, vamos percebendo a configuração ou teia discursiva na qual fatos históricos são encadeados, qual embarcação que, apesar de fazer nas profundezas do oceano, ainda resguarda incontáveis tesouros.

Em alguns registros portugueses, consta volume considerável de correspondências trocadas entre D. Francisco de Sousa Coutinho, o próprio Rei D. João IV, Vieira e outras figuras emblemáticas da corte portuguesa. Esses registros salientam ainda mais a proeminência dos enviados que compunham a diplomacia portuguesa em dois pontos estratégicos do cenário seiscentista europeu: Holanda e França. A missão de Haia pode ser comparada a uma partida de xadrez, na qual cada das peças (papéis sociais desempenhados) com características próprias e circunscritas às esferas de atuação dentro da sociedade, representa forças de um poder maior, a soberania portuguesa.

Tratada a cena englobante, passamos a abordar a cena genérica. Situada no agrupamento narrativo, a carta deu origem a diversos outros gêneros do discurso e na sua própria constituição pode se conceber diversos desdobramentos, visto que, desde sua utilização, muitas modalidades de interação se produziram. Na troca comunicativa que analisamos, temos como cenário englobante o reino português em busca de parcerias junto às duas nações de maior relevo no âmbito europeu: Holanda e França. O campo discursivo para realizar esses objetivos é o político-

religioso. Para tanto, uma equipe de figuras preparadas e gabaritadas é enviada a fim de atuar e configurar os acordos e tratados desejados. Representado o campo religioso, apesar de abalado em virtude da reforma protestante e do renascimento, mas ainda possuidor de muita influência e poder na vida dos europeus, Vieira. E representando o mundo político, imerso em constantes transformações, seja por conta das navegações ou da necessidade de ampliação dos mercados e novas formas de produzir riquezas, compõe o corpo diplomático lusitano o Dr. António Moniz de Carvalho.

Por uma série de razões o ambiente seiscentista difere do que vivemos hoje em termos de comunicação e gêneros do discurso, uma vez que as condições de produção se processam de outro modo, inevitavelmente encontrar-se-ão profundas mudanças na forma de se construírem as relações diplomáticas hoje em relação a outrora. Por conseguinte, a gama de gêneros do discurso dos quais se serve o homem hoje, é bem mais ampla, pois há tecnologia intermediando situações de comunicação, a mentalidade do homem da contemporaneidade é outra em relação ao renascentista, também a linguagem empregada em composições escritas absorveu as transformações.

O caso é que dentro do cenário já apresentado, Vieira e António Moniz de Carvalho utilizam a carta como cena genérica em que se constroem as estratégias mais arrazoadas para se obter os melhores negócios tanto com a Holanda, quanto com a França. Nela se engendrarão interdiscursos, ora pela força da religião, ora pela da política, porém com intenções definidas.

Sendo, pois, a produção epistolar compartilhada entre um sacerdote e um secretário, ambos da coroa portuguesa, é de se esperar uma linguagem específica desses campos, com termos e construções acentuadas. Porquanto a linguagem diplomática seja uma, considerando as partes envolvidas, os efeitos de sentido podem variar ao se reproduzir o mesmo gênero no século XXI, não mais por sacerdotes e diplomatas, mas por alunos do ensino médio.

Apesar de a distância entre os séculos XVII e XXI somar cerca de 400 anos, a cena genérica pode ser facilmente reconhecida por leitores da contemporaneidade, o que comprova a afirmação mostra-se nas composições realizadas pelos discentes. Quando tratamos da estrutura composicional, destacando o modelo epistolar escrito

por Vieira e as cartas elaboradas pelos alunos, vimos a grande proximidade entre as estruturas utilizadas.

Para completar a categoria de análise haurida de Maingueneau, resta-nos ponderar a cenografia presente no discurso epistolar de Vieira dirigido a António Moniz de Carvalho. Apoiando-nos no conceito já exposto e proposto por Maingueneau (2004), corresponde à cenografia a própria intenção do ato comunicativo e por que não dizer uma característica inerente ao gênero humano. De modo que para satisfazer a esta necessidade fora elaborado para o contexto analisado, o gênero de discurso carta, pois considerando a cena englobante de uma missão diplomática, a carta foi o gênero de melhor aplicabilidade selecionado pelos membros envolvidos no processo.

As circunstâncias históricas nas quais estão inscritos enunciador e co-enunciador revelam que o homem seiscentista importava-se primordialmente com mecanismos de transportes capazes de dar conta da exploração das riquezas descobertas no novo mundo, isso porque as antigas rotas de comércio do velho mundo, conectadas e centralizadas na capital do Império Romano do Oriente – Constantinopla – haviam sido interceptadas e agora estavam sob domínio turco otomano. Sendo, pois, necessário reconfigurar os cenários de exploração de matéria prima, extração de riquezas, minerais e demais artefatos responsáveis por tornar a Europa continente símbolo do desenvolvimento, progresso e beleza, os gêneros do discurso restringiam-se a acompanhar o mesmo movimento daquilo que se tinha disponível na época, as embarcações com toda precariedade imaginável, montarias e outras meios não menos rudimentares, se comparados com o que dispomos na contemporaneidade.

3.3 – Proposta Metodológica

Abaixo, os procedimentos do modelo gráfico ocorreram em uma sala de alunos matriculados na primeira série do ensino médio, período matutino, de uma unidade escolar pública, situada no bairro Riacho Grande, região do Abc Paulista. Para tanto, foram utilizadas cinco aulas. Muito embora tenhamos escolhido o gênero carta, o esquema aplica-se sem qualquer problema a qualquer outro gênero,

sofrendo alguma alteração no número de aulas e de acordo com o grau de conhecimento do público discente.

Aulas previstas:	4 a 6 aulas.
Conteúdo a ser desenvolvido:	Leitura e escrita de gênero do discurso carta.
Objetivos desejados:	Reconhecer os traços estruturais do gênero do discurso carta, associar os discursos a seus respectivos campos, adequar a escrita típica do Barroco àquela utilizada na contemporaneidade, de acordo com a norma culta do português, produzir o gênero do discurso carta dentro das necessidades em que o mesmo se aplique.
Recursos necessários:	Dicionário de Língua Portuguesa, Carta modelo escrita no período seiscentista.
Avaliação:	Produção e revisão do gênero do discurso carta
Aplicabilidade:	
Ao aplicarmos esta atividade, desejamos desenvolver habilidades e competências de leitura/escrita, baseados no ensino de gênero do discurso carta. Para isso, sugerimos a aplicação dos seguintes passos:	
Passo 1 – escolha de um exemplar do gênero do discurso carta, escrita no período Barroco por Vieira.	Conceituar o que é gênero do discurso carta e epístola, destacando o valor literário da produção de Vieira, circunscrita ao Barroco.
Passo 2 – explanação da situação de produção do gênero. Descrição pormenorizada do cenário sócio-político, econômico e religioso de Portugal e Holanda. Os papéis sociais desempenhado pelo enunciador e co-enunciador.	Destacar os aspectos históricos, políticos, sociais e religiosos pelos quais Portugal atravessava, bem como o interesse em se aliar à Holanda e emancipar-se da Espanha. Abordar a função social dos envolvidos na troca comunicativa e filiar o discurso produzido a campos de atuação.

<p>Passo 3 – Leitura e pesquisa ao dicionário a respeito das palavras não usuais em relação à contemporaneidade, visando a ampliação do repertório lexical.</p>	<p>Consultar o dicionário, bem como gramáticas normativas, no intuito de comparar organização ortográfica do período em que a carta base foi escrita com a que hoje vigora.</p>
<p>Passo 4 – Levantamento dos traços característicos do gênero. Estrutura composicional, estilo empregado e temática presente no discurso.</p>	<p>Discutir os traços identificáveis na carta de Vieira, segundo o conhecimento já adquirido pelos alunos. Relacionar o discurso a esferas de atuação. Reconhecer o interdiscurso presente na carta.</p>
<p>Passo 5 – Produção escrita do gênero do discurso carta. Adequação da linguagem e estilo utilizado pelos alunos.</p>	<p>Escrever uma carta, considerando a situação de produção na qual os discentes se encontram e utilizar uma linguagem apropriada para nosso tempo, mas respeitando os padrões cultos da língua.</p>
<p>Passo 6 – Leitura e revisão da versão elaborada pelos discentes de acordo com as exigências da norma padrão culta do português do século XXI.</p>	<p>Revisar a produção escrita.</p>

A realização deste trabalho não seria de todo completa caso não lograsse possibilidades, caminhos no sentido de permitir aos alunos compreender, organizar sentidos e manifestá-los por meios do gênero do discurso carta. Servir-se dos gêneros nas sociedades humanas é como ter uma caixa de ferramentas bem equipada para cada tipo de situação, por vezes, em determinados contextos de interação, fazem-se necessárias algumas mais sofisticadas, com funções bem específicas, já para outras, as triviais, menos rebuscadas, dão conta de manter os vínculos cotidianos. A sala de aula, pensando numa analogia relacionada com os gêneros, é como uma oficina que permitirá aos alunos utilizarem da maneira mais eficaz possível as ferramentas.

Certamente, o papel do professor constitui ação imprescindível nesse processo. O docente é um mediador, pois tem a incumbência de ligar, de fazer a ponte entre universos discursivos encobertos nas cartas, nos artigos, nas crônicas, nas histórias, e os alunos, a fim de que também eles contribuam e construam

realidades melhor para se viver e se relacionar. Então, visando a um ensino voltado para o desenvolvimento integral dos alunos, procuramos contribuir, elaborando uma proposta metodológica. O que ora produzimos aqui não é a salvação para os problemas enfrentados na educação, mas pode muito bem somar, contribuir com o que muitos já realizaram e pesquisaram.

Deve ganhar destaque, igualmente, o esforço dos cursos superiores em formar com excelência os docentes que posteriormente estarão no contexto de sala de aula. Promover bons ambientes de formação contínua para os educandos é, em certa medida, garantir que os alunos, independente do grau de ensino, conheçam e usem bem as ferramentas. O contato mais direto com as teorias em voga ou a atualização das tradicionais permite e confere aos professores das redes maior base e segurança no momento de ensinar. Para uma ponte cumprir de forma satisfatória sua função de ligar, carece, como bem se sabe, de bases sólidas posto que os usuários, ao fazerem suas travessias, precisam de segurança. Neste sentido, as pesquisas realizadas no âmbito do *strictosensu* devem contribuir, oferecendo solidez à ação pedagógica dos professores.

Tal qual um organismo humano, no qual todos os componentes agem para o crescimento do bem comum, a escola pode, por meio do ensino de gêneros, promover a confluência entre os diversos saberes que ministra, uma vez que todas as formas de conhecimento encontram-se condensadas nas linguagens. Desenvolver competências leitoras e escritoras a partir dos gêneros do discurso supõe começarmos um trabalho primeiramente com a leitura contextual do gênero escolhido, no nosso caso é a carta. Para se montar uma ceia de Natal, fazem-se necessários preparativos precedentes aos próprios alimentos, disposição da mesa, toalhas, arranjos e o que necessário for. De igual forma é com o gênero do discurso.

Difícilmente alguém resiste a uma boa conversa junto daqueles que nos são caros, os amigos, pessoas de nossa confiança inspiradoras da sabedoria, então tudo começa com o contexto de produção, uma boa história que circunscreva o processo de comunicação estudado. Trata-se de pintar com palavras um cenário englobante, conforme encontramos nas considerações de Maingueneau (2004). Convém salientar neste ponto algo essencial por parte do docente: conhecimento enciclopédico abrangente, sem o qual o cenário de descrição onde tudo ocorre é limitado e, portanto, pouco compreensível pelo aluno. Ensinar um gênero incita-nos

a pesquisar, a deixarmos-nos mover pela busca, curiosidade e criatividade, ações bem próximas das dos grandes nomes da ciência. Requer, outrossim, um liame com outras áreas do conhecimento.

Depois de explanado o cenário, segue-se a leitura da carta, preferencialmente realizada pelo discente, a fim de estimular coletivamente suas capacidades linguísticas. A maior parte dos seres humanos sente-se segura em fazer algo que já domine, de modo que a leitura é uma prerrogativa precedente à escrita. Assim, envolver o coletivo é sempre uma providência a ser almejada pelo professor. É certo que uma composição em prosa do século XVII apresenta uma organização lexical bem diferente daquela comumente usada pelos alunos, mesmo quando se trata de situações de comunicação mais formais. Essa diferença temporal pode parecer um problema, contudo, se bem aproveitada, poderá ensejar o despertar de mais habilidades e competências, pois o uso de dicionários e enciclopédias há de ser um hábito constante por ambas as partes, tanto aquele que ensina, quanto aquele que aprende.

Repertório vocabular constitui um passo impreterível no processo de ensino e de aprendizagem, pois perpassa todas as séries e níveis de formação. Logo, suscitar o uso de dicionário e outros manuais de pesquisa, além de favorável, impõe-se como uma ação semelhante ao leite materno que todo ser carece ter, pois com base nele o homem cresce são. Evidentemente, limitar-se ao dicionário pode não satisfazer, de todo, dúvidas eventuais oriundas de alguma leitura. Por isso, mais uma vez salientamos, trabalhar composições escritas pelo prisma do discurso e não apenas do texto, permite que os alunos compreendam e usem em futuras produções os efeitos de sentido ao escolher uma palavra e não outra, ao inseri-la em um determinado lugar do discurso.

Para desvelar, no processo de interpretação, os efeitos de sentido subjacentes no discurso, é necessário a leitura de alguém com os sentidos mais acurados, com conhecimento de mundo, enciclopédico e linguístico, neste caso, compete ao professor o procedimento. A discussão oral, com alguns questionamentos que norteiem e sintetizem o teor principal do conteúdo analisado, também concorre para um bom trabalho mais global. Pretender que os educandos, somente pela leitura individual e com base na solicitação-comando escrevam com

os mesmos traços do gênero estudo, é o mesmo que desejar que um recém-nascido expresse o motivo de seu choro, as razões dos desconfortos sentidos.

Infelizmente, a prática cotidiana nos faz observar que aqueles decididos por ensinar a escrita por meio da produção de diversos gêneros típicos do meio ao qual o aluno está exposto, restringem-se a pontuar tão-somente os aspectos concernentes à estrutura composicional do texto e deixam de lado as riquezas e belezas escondidas no contexto de produção. Desconsideram outros ângulos e pontos sem os quais os textos permanecerão nos compêndios, nas livrarias e sebos, mas dificilmente farão parte da vida real de quem se educa.

No próximo passo, é conveniente explorar os traços recorrentes do gênero selecionado, no caso da carta, a estrutura composicional, o estilo de escrita, a temática empregada, as pessoas envolvidas no processo de comunicação, os campos discursivos que representam, as cenas onde se desenrola o discurso, dentre outros aspectos. Poder-se-ia, também, discutir a presença do interdiscurso, ou seja, como discursos de outros campos atravessam aquele que parece ser a base presente no tema do gênero.

Da fala, das considerações orais trocadas entre as experiências vividas por alunos e professor, começa o processo de escrita. Escrever supõe um plano, tal como navegar por mares conhecidos ou não, hão de se levar em conta diversos fatores, tanto os de valor subjetivo, quanto os de valor objetivo. Eis um bom momento para entrar em cena os elementos gramaticais, lexicais, semânticos, estilísticos e pragmáticos, juntos e bem coordenados darão coesão e coerência ao texto e, principalmente, ordenarão os efeitos de sentido disposto no discurso. Não é nosso intuito repetir aquilo que muito já se disse em outros trabalhos e pesquisas acerca de organização e planejamento textual, mas deve-se ressaltar que se trata de um processo mais demorado, no qual se demanda tempo, pois há muitos pormenores envolvidos.

Destacamos, igualmente, a necessidade de orientar bem, por meio dos enunciados-comando, cada um dos processos que envolvem, tanto a fala, quanto a escrita. Orientações mal formuladas resultarão em produções deficientes, pouco produtivas e com lacunas. Ao findar a escrita do gênero solicitado, os próprios alunos poderão contribuir com a leitura de produções dos colegas e apontar nelas sugestões, melhoramentos, já que desse modo não é apenas o professor o

interlocutor da composição, mas os seus iguais, aqueles que caminham no mesmo percurso.

Nas sociedades do século XXI, a globalização une culturas, línguas, economias, religiões e povos que antes estavam separados pelas distâncias, graças às inovações tecnológicas, manipulação de recursos naturais e desenvolvimento científico. Todas essas mudanças e transformações incidem no modo como os homens interagem e, por conseguinte, criam gêneros para manterem vínculos já existentes ou para estabelecerem os porvires. Essa razão é a base, bem como o maior argumento capaz de justificar o ensino dos gêneros do discurso, porque ao fazê-lo, os discentes estarão inserindo novas formas de conceber o mundo, novas formas de governos, de agentes que a cada geração tem o poder para renovar a face da terra.

Se no surgimento das civilizações a escola era uma instituição aberta apenas aos filhos do poder, da política e dos governavam as massas, hoje estando ao dispor de todos, não se pode conceber a negligência dos saberes e continuar construindo muros de diferenças sociais, sociedades pobres e ricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feitura desta dissertação foi de grande valia porque além de ter abordado uma obra prima do epistolário de Vieira, exemplo e modelo para tantos outros escritores de prosa escrita em língua portuguesa, trouxe as contribuições da A.D como aporte teórico-metodológico para fins de análise. A contemporaneidade exige uma gama de olhares sobre uma peça discursiva cada vez mais abrangente, de modo que sem uma base teórica de caráter multidisciplinar, nossa leitura ficaria limitada a aspectos meramente superficiais.

Trouxe benefícios incontáveis para o agir cotidiano no ambiente de sala de aula, porque não só implicou atitudes de pesquisa e densa leitura de aportes teóricos, absolutamente necessários para a aplicação de conteúdos, mas também porque resultou na produção escrita de mais um gênero que podemos agregar em nosso repertório. Seguramente, os benefícios de uma formação docente contínua reverberam no próprio ser e em todo público atendido. Infelizmente, os diversos problemas enfrentados por profissionais nas mais diversas redes de educação, acabam por causar o desânimo e frustram expectativas de um trabalho de qualidade, somam-se a isso alguns fatores que por vezes impedem ou distanciam a realidade do *strictosensu* do currículo do professor.

Dentre os pontos de maior relevância, para a formação pessoal e profissional, destacamos as riquezas adquiridas referentes à história das cartas, as pessoas que influenciaram a história da humanidade e se serviram do gênero epistolar para deixar suas impressões, testemunhar fatos, expressar suas angústias, suplicar auxílio aos já mortos entre outros. Igualmente importante é aplicar as categorias de análise extraídas da base teórica, pesquisa, investigação minuciosa e aplicação analítica são movimentos que tornam professor-estudante, deveras, um profissional de qualidade, não um herói com superpoderes, mas alguém mais preparado.

Inúmeras mudanças sucederam desde o surgimento da Linguística, bem como das vertentes teóricas elaboradas sob sua égide. O afastamento de estudos mais focados na gramática normativa promoveu, de certo modo, a inserção de novas práticas pedagógicas. No entanto, ao se preferir uma esquece-se a outra, operando-se sempre em movimento de pêndulo ou como se um mundo ainda fosse

maniqueísta. Na análise do discurso não se nota esse problema, já que opera justamente no entremeio, na confluência dos saberes de áreas comuns ou próximas.

Mesmo com a diversidade de riquezas teóricas, as deficiências persistem, talvez muito menos por falta de qualidade daquilo que é elaborado, e sim por conta da falta visões e ações orgânicas. No organismo humano, todos os órgãos e sistemas trabalham para o bem comum do corpo, as potências são concentradas para fazer funcionar bem toda a diversidade interna do ser, mas nas instituições do saber, nem sempre se percebe a harmonia, o equilíbrio em meio àquilo que é diverso. Ao invés das forças confluírem, somarem-se; dividem-se e lutam entre si.

Desse modo, nosso trabalho visa a colaborar com os muitos já existentes e tendo em vista a magnitude do objeto selecionado para análise, não foi possível esgotar as possibilidades de leitura e interpretação e, ainda que tal se pretendesse, sucesso não teria porquanto cada composição textual projeta-se como um universo. Contudo, na medida do possível procuramos levar àqueles que mais diretamente se beneficiarão de nossos esforços, as riquezas de uma análise, mas sem prescindir de ser alcançável e palpável.

Tendo por objetivo central a promoção da leitura feita por diversos ângulos e capaz de chegar aos sentidos mais escondidos e subjacentes nos discursos, além de, por conseguinte, utilizar as capacidades também na escrita, acreditamos ter sido felizes na escolha do gênero selecionado para este trabalho de pesquisa. Composto em um passado remoto, no qual havia toda sorte de limitações, a epístola do Vieira é produto de autêntica engenhosidade discursiva e, portanto, digna de ser bem tratada e estudada com todas as riquezas disponíveis em nossos dias.

Esperamos, outrossim, lograr êxito com a aplicação do nosso estudo e esforço e desejamos, sobretudo, que tudo isso se expresse em leituras mais profundas independente daquilo que se propõe a ler, desde os clássicos aos gêneros mais simples da contemporaneidade. E assim, ao se ler bem, seguramente se escreverá melhor, pois o que, de fato, estaremos fazendo é resgatando potências e transformando-as em atos, até que figure em nosso meio outras pessoas da envergadura do próprio Vieira, de Machado de Assis, de Camões, de Homero e tantos outros ícones.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A beleza dos pássaros*. In: _____. *Na morada das palavras*. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2008. p. 66.
- ANTUNES, Irandé Costa. *Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas*. Perspectiva. Florianópolis, v. 20, n. 01, p. 65-76, jan./jun.2002.
- _____. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BONINI, A. *Gênero textual e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos*. Florianópolis: Insular, 2002.
- BONINI, A. *Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão-SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez., 2003.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 41ª edição. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. (coord.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL.MEC. *Guia de livros didáticos PNLD 2008: Língua Portuguesa/ Ministério da Educação*. Brasília: MEC, 2008.
- BRUN, Edna P. *A inter-relação tipo e gênero na formação de alunos produtores de textos*. 2008. Dissertação (Mestrado)-CCHS/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.
- BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. V.1.
- BUZEN, Clécio, MENDONÇA, Márcia. (org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. 10ª edição. São Paulo: Scipione, 2002.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 2004.
- DIAS, Aínda Fernanda. *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. I – Idade Média. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1998.
- DIONÍSIO, Angela Paiva, BEZERRA, Maria auxiliadora, MACHADO, Anna Raquel. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.
- GERALDI, João Wamderley. *O texto na sala de aula – leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1991.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.
- LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP/Pontes, 1993.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARI, Hugo; SILVEIRA, José Carlos C. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO; Renato de (org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004. p. 59-74.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2006.
- MILLER, Carolyn R.; DIONÍSIO, Angela Paiva (org.); HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org). *Estudos sobre Gênero Textual, Agência e Tecnologia*. Recife: PPGL – UFPE, 2009.
- PERRENOUD, Phillipe. *Construir competências de ensino desde a escola*. Porto

Alegre: Artmed, 1999.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIZANI, Alicia Palacios. *Compreensão de leitura e expressão escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1977.

PROUST, Marcel. *O prazer da leitura*. Tradução de Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 2011.

ROJO, Roxane. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

SÃO PAULO (Estado). SEE-SP/CENP. *Proposta Curricular: Ensino Médio/ Ensino Fundamental (5ª. Série à 8ª. Série)*. São Paulo, 1981-1997.

SÃO PAULO (Estado). SEE-SP/CENP. *Caderno do Professor – língua portuguesa: volumes 1-4*. São Paulo, 2009.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. *Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Secretaria da Educação; coordenação geral Maria Inês Fini; coordenação de área Alice Vieira – São Paulo: SEE, 2010.

SPINA, Segismundo (org.). *História da Língua Portuguesa*. 1ª edição. São Paulo: Atelie, 2008.

VAINFAS, Ronaldo; AZEVEDO, Silvia (org.); RIBEIRO, Vanessa (org.). *Vieira: Vida e Palavra*. São Paulo: Loyola, 2008.

VIEIRA, Antonio; AZEVEDO, João Lúcio de (org.). *Cartas*. Vol. I. 1ª edição. São Paulo: Globo, 2008.

VIEIRA, Antonio. *Os Sermões*. São Paulo: Hedra, 2000. T. I.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ANEXOS
CARTAS REDIGIDAS PELOS ALUNOS

CARTA 1

CARTA VII

A Antonio Moniz de Carvalho (I)

1946 – Abril 21

Caro Antônio, escrevo de Haia, onde cheguei em 21 de abril de 1646; onde escapei de grandes perigos que nunca vi, porque, atrevendo-me a passar de Calai o zelando em um barco sem comboio, procimo do porto de Dumquerque ficamos escutados com os piratas, cujo Deus nos livrou milagrosamente, fora da esperança de todos os que vinham embarcados; e na mesma trajetoria o vento era tão resistente que lançou um homem ao mar, que não pudemos resgatar.

De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viajamos também por mar, e de ambas as viagens com tempestades, que perdemos, na primeira três e na segunda dois barcos da mesma corrida veloz. E assim com a graça de Deus que chegamos vivos a esta corte, onde estou repousando na casa do senhor Embaixador; cuja educação e modestidade é tudo o que o senhor me disse, com a diferença que fazem as notícias intuitivas às apartar. No Secretário (2) experimento o mesmo, e me parece companhia com que se pode podem passar os rigores de um tão frio detêrreo como este. Essa foi a maior pensão em Paris, estar nela em hábito, que não foi possível trocar a casa em que estávamos pela do senhor, onde desfrutaríamos mais tempo o que agora soporta nossas saudades (1).

Fico com saudade, e mais animado na esperança deste negócio do que lá o estava. Queria Nosso Senhor nos dar o fim de que desejamos. Antonio faça pagar muitas novas, e ter-me sua graça, que, se for com o lugar que mereço, será o primeiro entre os amigos e servidores de Antonio. Deu de a Antonio muitos anos como desejo. Haia e Abril 21 de 1646.

Antonio Vieira.

CARTA 2

A Antonio Moniz de Carvalho

1646 - Abril, 21

Prezado amigo. Lhe escrevo da Haia, onde cheguei aos 18 do corrente, tendo escapado dos maiores perigos em que nunca me vi, porque atrevendo-me a passar de Calais a Zelanda em barco sem comboio, em frente à Duquerque estivemos tomados daqueles piratas de cujas mãos de Deus nos livrou quase que milagrosamente, fora da esperança de todos os que vinham embarcados; e na mesma travessia foi tão duro o vento que nos levou um homem ao mar sem chance de a gente poder recolher. De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também por mar, e de ambas as viagens com tempestade, de que se perderam na primeira três e na segunda dois barcos da mesma carreira. Assim foi Deus ajudando para que chegássemos vivos a esta côrte, onde fico hospedado na casa do senhor embaixador, em cuja educação e descrição acho que tudo o que o senhor tenha me dito, com a diferença que fazem as notícias intuitivas às separatórias. No secretário experimento o mesmo, e me parece companhia que se podem passar os rigores de um tão frio banimento como este. Essa foi a maior pensão de Paris, estar nela em hábito, que não foi possível trocar a casa pela do senhor, onde conseguíssemos mais tempo o que agora padecem nossas saudades.

Fico bem, e mais animado nas esperanças deste negócio do que lá estava. Queira Nosso Senhor dar-lhe o fim que desejamos. O Senhor me faça agradecimento mandar muitas novas e ter em sua graça, que, se for com o lugar que mereço, será o primeiro entre os amigos e servidores do senhor. Deus guarde o senhor muitos anos como deseja.

Haia, 21 de Abril de 1646.

Antonio Vieira

CARTA 3

CARTA VII

A Antônio Moniz de Carvalho

1646 – Abril 21

Prezado Senhor. – Escrevo a Vossa Senhoria de Haia, onde cheguei no dia 18 desse mês, tendo escapado dos maiores perigos que nunca me envolvi, porque, ousando-me a passar de Calais a Zelanda em um barco sem escolta, a frente de Durquerque fomos abordados por aqueles piratas, dos quais Deus nos livrou milagrosamente, contrariando a pouca esperança de todos os embarcados; e na mesma travessia o vento foi tão forte que levou de nós um homem ao mar, o qual não pudemos salvar.

De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, fomos também pelo mar, e da duas viagens com tempestade, do que se perderam, na primeira três e nas segunda dois barcos do mesmo percurso. Assim, foi da vontade de Deus que chegássemos vivos a esta côrte, onde fico abrigado na casa do senhor Embaixador, no qual cordialidade e discrição confirmou tudo o que vossa Senhora havia me contado, contrariando os boatos isolados. Com o secretario é o mesmo, e parece uma boa companhia para passar o frio tão forte desse havimento. Esse foi o melhor lugar de Paris, onde podia ficar a vontade, porem não foi possível trocar (esta) a casa em estávamos pela de Vossa Senhoria, onde desfrutaríamos mais tempo do que agora ficam nossas saudades.

Fico com saudades, e mais esperançoso neste negocio do que quando estava lá. Deus queira que dê tudo certo. E Vossa Senhoria me faça o favor de mandar novidades, e me levar em consideração, que, se for como mereço, será o primeiro dos amigos e servos de Vossa Senhoria. Que Deus proteja a Vossa Senhoria por muitos anos como desejo. Haia e Abril 21 de 1646.

Antônio Vieira.

CARTA 4

CARTA VII

A Antônio Moniz de Carvalho – 1646 – Abril 21

Prezado Senhor. Escrevo a Vossa Senhoria de Haia onde cheguei no dia 18, de abril do Ano de 1646 tive que escapar dos maiores perigos que nunca vi, porque, me atrevi a passar de Calais a Zelanda em um barco sem escolta, de frente cuja mão de Deus nos livrou milagrosamente nos livrou dos Piratas, todos os que estavam embarcados sem esperanças, e na mesma travessia o vento estava rígido que levou um de nossos homens ao mar, do qual não pudemos salvar.

De Flissinga e Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também por mar, que ambas viagens houve tempestades que oi perdido, na primeira três e na segunda dois barcos da mesma carreira. Assim Deus nos protegeu para que chegássemos a corte vivos, onde fiquei abrigado na casa do senhor Embaixador, que cuja cordialidade e descrição acho que Vossa Senhoria, é diferente do que os boatos diziam. Com o Dr. Feliciano Dourado foi o mesmo, que me pareceu coa companhia qual eu pude compartilhar o frio de um banimento como este. Em comparação com paris, onde estava a vontade, foi possível trocar a casa pela de Vossa Senhoria, onde pude desfrutar mais tempo que agora suposta de nossas saudades. Fico com saúde, e mais esperançoso desta tarefa. Vossa Senhoria mande-me notícias, de ter a sua consideração, que, se for como mereço, vou ser o melhor Amigo de Vossa Senhoria. Que Deus te abençoe e muitos anos de saúde. Haia, Abril 21 de 1646.

Antônio Vieira.

CARTA 5

A Antonio Moniz de Carvalho (I)

1646 – Abril 21

Senhor Meu – Escrevo ao senhor de haia onde cheguei aos 18 de 1646 tendo escapado dos maiores perigos em que nunca me vi, porque me-atrevi a passar de Calais a Zelanda em um grupo de barcos, de fronte de dunquerque estivemos tomados daqueles piratas, de cujas mãos nos livrou deus quasi milagrosamente, fora da esperança de todos os que vinham embarcados, e na mesma travessia foi tão resistente o vento que nos levou um homem ao mar, que não podemos recolher.

De flessinga a dort, e da dort a rotterdam viemos também por mar, e de ambas as viagens com tempestade, de que se perderam, na primeira três e na segunda dois barcos do mesmo percurso habitual de navio. Assim foi deus servido que chegássemos vivos a este no palacio, onde fico abrigado na casa do senhor Embaixador, em cuja qualidade de que é afável e discrição acho tudo o que o senhor me tinha dito. Com a diferença que fazem as noticias intuitivas as distinguindas. No secretario experimento o mesmo e me parece companhia com que se podem passa as dificuldades de um frio muito grande. Essa foi a maior alegria de paris, estar nela em habito, que não foi possível trocar a casa em que estavemos pela do senhor, onde legrássemos mais tempo o que agora padecem nossas saudades.

Fico com saúde, e mais animado nas esperança deste negocio de que lá o estava. Queira da o fim que desejamos. Meu senhor me faça mandar muits novas, e ter-me em sua graça que se for com o lugar que mereço sera o primeiro entre os amigos e servidores do senhor. Deus guarde a sua muitos anos como desejo. / Abril 21 de 1646.

CARTA 6

Carta VIII

A António M. De Carvalho

Caro António escrevo ao senhor da Haia, onde cheguei aos 18 de Abril de 1646, tendo escapado dos maiores perigos em que nunca passei, atrevendo-me a passar de Calais a Zelanda em um barco sem segurança de frente de Dunquerque estivemos nas mãos daqueles piratas, de cujas mãos nos livrou Deus quase milagrosamente, fora da esperança de todos os que vinham embarcados; e na travessia foi tão forte o vento que nos levou um amigo a mar, que não pudemos ajuda-lo.

De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também por mar, e de ambas as viagens com tempestade, de que se perderam, na primeira três e na segunda dois barcos do mesmo percurso. Assim foi deus servido de chegássemos vivos a está casa onde fiquei pousado. Na casa do Sr. Embaixador, em cuja a educação a discrição acho tudo o que o Senhor me tinha dito, com a diferença que fazem as notícias intuitivas as isoladas. No secretario (r) experimento o mesmo e me parece companhia com se podem passar os rigores de um tão frio destêrro como êste. Essa foi a maior pensão de Paris, estar nela em habito que não foi possível trocar a casa em que estavamos pela de vosso Sr. Onde consegui mais tempo que agora aguenta nossas saudades.

Fico com saúde, e mais animado nas esperanças dêste negocio do que lá o estava. Queira nosso senhor dar-lhe fim que desejamos senhor me faça mercê para mandar muitas novas, e ter-me em sua graça, que se fôr como lugar que mereço, será o primeiro entre amigos a servidores do Sr. Desejo que Deus guarde você por muitos anos.

Haia e Abril 21 de 1646.

António Vieira.

CARTA 7

Carta VII

A Antônio Moniz de Carvalho

1646 – abril 21

Meu Senhor, escrevo de Haia, onde cheguei no dia dezoito deste mês. No caminho escapei de muitos perigos que eu nunca tinha visto, passei em frente de Calais e Zelanda em um barco sem escolta, e em Dunquerque estivemos presos por piratas que milagrosamente nos livrou, mas com o vento forte um homem caiu no mar e não conseguimos salvá-lo.

Também passamos por Flessinga, Dort e Rotterdam com todas as viagens tempestuosas, que se perderam cinco barcos. Assim, graças a Deus chegamos nesta côrte, hospedado na casa do Embaixador, cuja educação e discrição iguais a que o senhor me disse, com a diferença que eles fazem notícias com o intuito de separar, mas não trocaria a casa onde estava pela casa do senhor, onde fiquei mais tempo com muita saudade.

Estou com saúde e desejo ao senhor que Deus te guarde por muitos anos.

ABRIL 21 DE 1646.

Antônio Vieira.

CARTA 8

Carta VII

A Antônio Moniz de Carvalho (I)

1646 – abril 21

Caro Senhor – Escrevo a V.M.cê da Haia, onde cheguei aos 18 do corrente, tendo escapado dos maiores perigos, em que eu nunca vi, porque, me atrevir a passar de Calias a Zelanda em um barco sem esconta, defronte de Dunquerque estivemos tomados por aqueles piratas, mas Deus nos livrou milagrosamente das mãos dos piratas, e fora da esperança de sermos embarcados e na mesma travessia foi tão vigoroso o vento que nos levou aquele homem ao mar, do qual não podemos salvar.

De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também pelo mar, e de ambas viagens com tempestades, de que se perderam, na primeira tempestade três barcos, e na segunda dois, do mesmo percurso habitual. Assim foi Deus que quiz que chegassemos vivos a está corte, onde fico hospedado, na casa do senhor Embaixador, cuja a qualidade de quem é afável e modesto, achei tudo sobre os boatos que diziam, com a diferença que dizem as notícias intuitivas e as abstractivas. No secretário (2) experimento o mesmo e me aparece a companhia que se pode passar os rigores de um tão frio desterro como este. Essa foi a maior pensão em Paris, está nela em habito, a qual não foi possível trocar a casa que estavamos pela do senhor, onde conseguir mais tempo, o que agora temos que suportar, nossas saudades.

Estou com saúde, e mais animado com esperança neste negócio que lá estava. Nosso Senhor queria nos dar o fim que desejamos. Você me faça graça de mandar muitas novas e eu ter em sua graça, que, se for o lugar que eu mereço, você será o primeiro entre os amigos a ser servidor a você. Deus prepare para você muitos anos, como deseja. Haia e Abril 21 de 1646.

Antônio Vieira.

CARTA 9

Carta VII

A Antônio Moniz de Carvalho (I)

1646 – abril 21

Caro senhor Antônio, escrevo de Haia onde cheguei no dia 21 de Abril do ano de 1646, tendo escapado dos maiores perigos em que já vi, porque me atrevi a passar de Calais a Zelanda em um barco sem comboio, em frente de Dunquerque estivemos totalmente tomados de medo daqueles piratas, em que Deus nós livrou milagrosamente, fora da esperança de todos que vinham embarcados; e na mesma travessia o vento foi tão rigoroso que lançou um homem ao mar, e não conseguimos pegar.

De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também pelo mar, e todas as viagens foram com tempestades, na primeira tempestade, perdemos três barcos, e na segunda tempestade, perdemos dois do mesmo percurso habitual. E assim Deus nós protegeu para ter chegarmos vivos a esta côrte, onde estou repousando na casa do senhor embaixador; cuja educação e modestidade é tudo o que o senhor me disse, com a diferencia que fazem as notícias intuitivas as apartar. No secretário experimento o mesmo, me parece companhia com que se podem passar os rigores de um tão frio detêrro como este. Essa foi a maior bensão de Paris, estar nela com hábito, que não foi possível trocar a casa em que estivamos pela do senhor, onde desfrutaríamos mais tempo o que agora soporta nossas saudades.

Fico com saudade, e mais animada na esperança deste negócio do que há o estava, queria nosso senhor nos dar o fim que desejamos. Antonio faço pagar muitos novos e ter-me sua graça, que, se for com o lugar que mereço, será o primeiro entre os amigos e servidores de Antônio. Deus de a Antônio muitos anos como deseja. Haia e Abril 21 de 1646.

Antônio Vieira.

CARTA 10

Carta 7

A Anônio Moniz de Carvalho

Senhor meu – Escrevo a V.M.cê da haia, onde cheguei as 18 do corrente, tendo escapado dos maiores perigos em que nunca tinha visto antes, porque tive coragem de passar de Calois a Zelandia em um barco escolta de frente de burquerque estivemos tomados de medo daqueles piratas, que graças a mão de Deus que nos evitou milagrosamente. Porque nenhuma estava embarcando não tinha mais esperança e também na mesma travessa foi tão forte o vento que levou o homem ao mar, que não podemos ajuda-lo contra a tempestade.

De flessenga a Port e de Port de Roterdan. Viagens pelo mar ou ambos as viemos com tempestades que se perdem na primeira trez na segunda a primeira dois barcos na mesma rapidez. Assim Deus nos guardou e chegamos vivos até a corte, onde ficamos na casa de senhores embaixador. E cuja sua ordem cordial e descrição tudo que V.M.cê me desse, com a diferença que fazem notícias escritas as separar.

O secretario experimentou o mesmo e me parece companhia com que se podem passar os rigores ou em tão parece companhia com que se podem passar. Os rigores ou em tao parece de pensar de deterro como este. Essa foi a maior pensão de pares. Esta nela era sala V.M.cê, onde consegui mais tempo porque agora tem que agenta saudades.

Fico com saudade, e mais animado neste negoço, do que quando estavam la. Quando nosso senhor dar a nos fim que desejamos V.M.cê me faça mercê mandar novos trabalhos e ter-me em sua graça que se for com o lugar que merece, pois seria de minha alma ser o primeiro entre os amigos a ser V.M.cê, peço a deus a viver muitos anos como desejo.

Carta redigida pelo Padre Antonio Vieira (Carta VII)

A Antônio Moniz de Carvalho (i)

1646 — Abril 21

Senhor meu. — Escrevo a V. M.cé da Haia, onde cheguei aos 18 do corrente, tendo escapado dos maiores perigos em que nunca me vi, porque, atrevendo-me a passar de Calais a Zelanda em um barco sem comboio, defronte de Dunquerque estivemos tomados daqueles piratas, de cujas mãos nos livrou Deus quási milagrosamente, fora da esperança de te dos os que vinham embarcados; e na mesma travessia foi tão rijo o vento que nos levou um homem ao mar, que não pudemos recolher.

De Flessinga a Dort, e de Dort a Rotterdam, viemos também por mar, e -de ambas as viagens com tempestade, de que se perderam, na primeira três e na segunda dois barcos da mesma carreira. Assim foi Deus servido que chegássemos vivos a esta corte, onde fico pousado em casa do senhor Embaixador, em cuja afabilidade e discrição acho tudo o que V. M.cê me tinha dito, com a diferença que fazem as notícias intuitivas às abstractivas. No Secretário (2) experimento o mesmo, e me parece companhia com que se podem passar os rigores de um tão frio destêrro como este. Essa foi a maior pensão de Paris, estar nela em hábito, que não foi possível trocar a casa em que estávamos pela de V. M.cê, onde lográssemos mais tempo o que agora padecem nossas saudades (i).

Fico com saúde, e mais animado nas esperanças deste negócio do que lá o estava. Queira Nosso Senhor dar-lhe o fim que desejamos. V. M.cê me faça mercê mandar *muitas novas, e ter-me em sua graça, que, se fôr com o lugar que mereço, será o primeiro entre os amigos e servidores de V. M.cê. Deus guarde a V. M.cê muitos anos como desejo. Haia e Abril 21 de 1646.

Antônio Vieira.

(1) Cópia na Biblioteca de Évora. Publicado em Bolet. da Acad. das Ciências, cit.

(2) Dr. Feliciano Dourado, natural da Paraíba, de onde foi levado prisioneiro dos holandeses para Amsterdam. Secretário de embaixada em Haia e Paris. Mais tarde, regressando a Portugal, Conselheiro Ultramarino.